



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE TURISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO

KAÍSE CANUTO DA SILVA

**RESILIÊNCIA ROMEIRA: A PROMOÇÃO DO TURISMO RELIGIOSO NO
SANTUÁRIO DE SANTA CRUZ DOS MILAGRES (PIAUÍ)**

NATAL/RN

2023

KAÍSE CANUTO DA SILVA

**RESILIÊNCIA ROMEIRA: A PROMOÇÃO DO TURISMO RELIGIOSO NO
SANTUÁRIO DE SANTA CRUZ DOS MILAGRES (PIAUÍ)**

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito final para a defesa de Doutorado em Turismo, na área de Turismo, Desenvolvimento e Gestão.

Orientadora: Maria Lúcia Bastos Alves, Dra.

NATAL/RN

2023

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro Ciências
Sociais Aplicadas – CCSA

Silva, Kaíse Canuto da.

Resiliência romeira: a promoção do turismo religioso no Santuário de Santa Cruz dos Milagres (Piauí) / Kaíse Canuto da Silva. - 2023.
164f.: il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Turismo. Natal, 2023.

Orientação: Maria Lúcia Bastos Alves.

1. Turismo religioso - Tese. 2. Resiliência romeira - Tese. 3. Práticas devocionais - Tese. 4. Santa Cruz dos Milagres (PI) - Tese. I. Alves, Maria Lúcia Bastos. II. Título.

RN/UF/CCSA

CDU 338.48-6:2

RESILIÊNCIA ROMEIRA: A PROMOÇÃO DO TURISMO RELIGIOSO NO SANTUÁRIO DE SANTA CRUZ DOS MILAGRES (PIAUÍ)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Turismo.

Natal/RN, 30 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Maria Lúcia Bastos Alves, Dra.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(Presidente e Orientadora)

Prof. Almir Felix Batista de Oliveira, Dr.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(Examinador interno)

Profa. Kerlei Eniele Sonaglio, Dra.
Universidade de Brasília
(Examinador interno)

Prof. Christian Dennys Monteiro de Oliveira, Dr.
Universidade Federal do Ceará
(Examinador externo)

Prof. Josenildo Campos Brussio, Dr.
Universidade Federal do Maranhão
(Examinador externo)

À minha amada irmã, **Karine Canuto da Silva Santiago** (*in memoriam*): o seu doce sorriso continua a iluminar nossa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Nesta caminhada, já se vão 20 anos que aquela menina de 14 anos saiu do sertão da cidade piauiense, Pio IX, com uma mala cheia de sonhos, coragem e esperança. Neste momento em que me encontro fechando um importante ciclo de minha trajetória profissional, procuro, no exercício da gratidão, agradecer a todos que (re)-encontrei e estiveram ao meu lado ao longo dos anos e em todos os momentos. Afinal, o caminhar nunca é solitário.

A Deus, pela sua infinita misericórdia e amor. Ao meu mentor espiritual, pelo amparo diário, o cuidado e por me ensinar, sempre, sobre o que (quem) realmente importa.

Agradeço à minha família, minha fonte de força e amor. À minha maior inspiração, a luz da minha vida, minha Mãezinha Livramento Canuto: seu amor e sua fé é um farol a nos guiar. Agradeço ao meu Pai Sebastião, aos meus irmãos e sobrinhos por partilharem comigo cada etapa vencida.

Aos amigos que fiz nesta caminhada longe de casa, amigos-irmãos com os quais pude escolher compartilhar a vida na sua plenitude e desafios, os medos e as conquistas, meus agradecimentos pela partilha, encorajamento e amor. À minha psicóloga, Maria José, que seguiu firme me auxiliando neste processo de luto, desafios e ressignificações.

Agradeço imensamente aos irmãos em Cristo que a Mamãe Clory me presenteou. Como sou feliz em fazer parte desta família: muito obrigada pelas orações, apoio e que a espiritualidade amiga continue a nos amparar nesta seara do bem!

Nada disso seria possível sem a orientação exímia, o apoio, as palavras de incentivo, as reflexões críticas da minha orientadora, Maria Lúcia Alves. Além do olhar sociológico sobre o turismo, ao seu lado aprendo sobre humanidade, coragem e fé: Muito obrigada!

Aos mestres que têm contribuído para meu amadurecimento profissional, acadêmico e humano. Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Turismo pela ética e docência qualificada com esmero e dedicação. Aos membros da banca de qualificação e defesa, Kerlei Eniele Sonaglio, Almir Felix Batista de Oliveira e Josenildo Campos Brussio por enriquecer nossa pesquisa.

Aos professores que integram a Rede de Pesquisa de Turismo Religioso do Nordeste (REPETUR), em especial, ao Professor Christian Dennys Monteiro de Oliveira pelas preciosas reflexões geográficas ao longo desses anos.

Ao Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), pela oportunidade de capacitação, e à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) por proporcionar a

realização das minhas pós-graduações (mestrado e doutorado) em uma instituição de excelência.

Em especial, a cada romeiro de Santa Cruz dos Milagres, à comunidade local, ao poder público municipal, em específico à Secretaria Municipal de Turismo de Santa Cruz dos Milagres e à Secretaria Estadual de Turismo do Piauí (SETUR), aos párocos do Santuário, aos funcionários da Arquidiocese de Teresina, aos respondentes das pesquisas, a todos que abraçaram esta pesquisa e aos amigos Lidyane e Maurim, pela acolhida e amizade sincera na terra de Santa Cruz!

“Rezo, toco na cruz, trago água do olho d'água”.
Romeira de Santa Cruz, 2023.

RESUMO

Esta tese tem por objetivo compreender as práticas devocionais resilientes dos romeiros, cooptadas pelo planejamento das políticas de turismo religioso no Santuário de Santa Cruz dos Milagres, principal centro de romaria no estado do Piauí. No âmbito turístico, a resiliência é forjada por processos econômicos, políticos e socioculturais. A resiliência romeira consiste na capacidade adaptativa dos romeiros, amparada, sobretudo, por discursos, sentimentos e práticas que modelam as competências subjetivas dos fiéis e vincula-se à promoção turística religiosa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e exploratório. Os dados foram descritos e interpretados a partir do material coletado do levantamento documental, de entrevistas semiestruturadas, da observação participante e dos registros fotográficos. O recorte temporal parte dos anos 2000, com a projeção de políticas eclesiais e turísticas. Como principais resultados, podem ser destacadas as ações devocionais em constante movimento, exigindo uma capacidade adaptativa frente às contínuas mudanças, inovações e influências externas, as quais possibilitam uma flexibilidade (ressignificação) das antigas formas de realizar romarias e outras experiências devocionais e turísticas. A resiliência romeira, ao ser tecida a partir das exigências do mercado turístico, promove o espetáculo (*performance*), trazendo para o cenário sagrado diferentes formas e funções. As interpretações possibilitaram estabelecer a tese de que a resiliência no turismo religioso integrada ao planejamento turístico compõe a experiência devocional dos romeiros, representando não apenas uma resposta diante das situações de crise, mas se destacando como característica intrínseca das devoções que se adaptam, resistem e se (re) organizam mediante a inter-relação com a sacralidade e o lugar.

Palavras-chave: Resiliência romeira; Práticas devocionais; Turismo religioso; Santa Cruz dos Milagres-PI.

ABSTRACT

This thesis aims to understand the resilient devotional practices of pilgrims, co-opted by the planning of religious tourism policies in the Sanctuary of Santa Cruz dos Milagres, the main pilgrimage center in the state of Piauí. In the tourism sphere, resilience is forged by economic, political and sociocultural processes. Pilgrim resilience consists of the adaptive capacity of pilgrims, supported, above all, by speeches, feelings and practices that shape the subjective skills of the faithful and is linked to religious tourism promotion. This is qualitative research, descriptive and exploratory in nature. The data were described and interpreted based on material collected from the documentary survey, semi-structured interviews, participant observation and photographic records. The time frame starts from the 2000s, with the projection of ecclesiastical and tourist policies. As main results, devotional actions in constant movement can be highlighted, requiring an adaptive capacity in the face of continuous changes, innovations and external influences, which enable flexibility (resignification) of the old ways of carrying out pilgrimages and other devotional and tourist experiences. The pilgrim resilience, when woven from the demands of the tourist market, promotes the spectacle (performance), bringing different forms and functions to the sacred scene. The interpretations made it possible to establish the thesis that resilience in religious tourism integrated into tourist planning makes up the devotional experience of pilgrims, representing not only a response to crisis situations, but standing out as an intrinsic characteristic of devotions that adapt, resist and (re)organize through interrelationship with sacredness and place.

Keywords: Resilience; Devotional practices; Religious tourism; Santa Cruz dos Milagres- PI.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01. Mapa de localização do Santuário de Santa Cruz dos Milagres	23
Ilustração 02. Esquema inicial da tese	26
Ilustração 03. 1º Templo piauiense: Catedral de Nossa Senhora da Vitória em Oeiras	33
Ilustração 04. Mapa da origem e difusão das dioceses da região Nordeste, a partir de São Luís (MA)	36
Ilustração 05. Imagem da cruz na Igreja Matriz	40
Ilustração 06. Mapa de localização da Arquidiocese de Teresina	42
Ilustração 07. Primeiro Santuário e Igreja Matriz de Santa Cruz dos Milagres	46
Ilustração 08. Santa Cruz dos Milagres/Piauí: espaço sagrado	47
Ilustração 09. Imagem interna e externa do novo Santuário	48
Ilustração 10. Ampliação do espaço sagrado de Santa Cruz dos Milagres	49
Ilustração 11. Entrada central do novo Santuário	50
Ilustração 12. Imagens da lateral do Santuário	54
Ilustração 13. Imagens de ex-votos colocados no cruzeiro central	55
Ilustração 14. Sala dos Milagres	56
Ilustração 15. <i>Continuum</i> peregrinação-turismo	64
Ilustração 16. Eixo turismo-peregrinação	66
Ilustração 17. Elaboração do conceito de T.R.	70
Ilustração 18. Síntese das principais teorias de T. R.	75
Ilustração 19. Mosaico de fotos da Moto romaria de José de Feitas em SCM	80
Ilustração 20. Encontro dos Santos em 2022	81
Ilustração 21. Procissão na Festa da Exaltação em 2023	82
Ilustração 22. Comunidade umbandista na Festa da Invenção em 2023	83
Ilustração 23. Projeto Bate-Volta da Secretaria de Turismo do Piauí	84
Ilustração 24. Protocolos de higiene sanitária no Santuário	99
Ilustração 25. Cartazes virtuais informativos	101
Ilustração 26. O toque na cruz	114
Ilustração 27. Romeiros fotografando a cruz	115
Ilustração 28. Rituais no Olho D'Água	116
Ilustração 29. Exercício da Invenção	117

Ilustração 30. Imagem do artigo da Arquidiocese de Teresina	119
Ilustração 31. Recitação das 100 ave-marias e slogan do ano vocacional 2023	122
Ilustração 32. Cartaz de divulgação e programação do Cicloturismo Santa Cruz dos Milagres	126
Ilustração 33. Mosaico de fotos do Cicloturismo 2023	127
Ilustração 34. Imagem do cartaz promocional e dos ciclistas ao lado da Igreja Matriz	128
Ilustração 35. Cartaz promocional	130
Ilustração 36. Cânion do Rio Sambito	131
Ilustração 37. Procissão do vaqueiro em Santa Cruz dos Milagres	132
Ilustração 38. Missa do Vaqueiro em Santa Cruz dos Milagres	133
Ilustração 39. Gruta de Lourdes (Betânia-Lagoa do Piauí)	137
Ilustração 40. Percurso de roteiro turístico integrado	138
Ilustração 41. <i>City tour</i> em Santa Cruz dos Milagres (PI)	139
Ilustração 42. Artesão confeccionando réplicas da cruz.....	142
Ilustração 43. Romeira durante o Exercício da Invenção – 2023	145

LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Relação de dioceses do Piauí	38
Quadro 02. Principais abordagens teóricas relacionadas ao conceito de santuário	52
Quadro 03. Artigo científicos de acordo com os eixos temáticos	108
Quadro 04. Segmentos turísticos/conceito de resiliência	109
Quadro 05. Recursos, atrativos e eventos	135

LISTA DE ABREVIATURAS

Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (EMBRATUR)

Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD)

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)

Coronavirus Disease 2019 (COVID-19)

Coronavírus 2 da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS-CoV-2)

Fundação Getulio Vargas (FGV)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Ministério do Turismo (MTUR)

Organização Mundial de Saúde (OMS)

Organização Mundial do Turismo (OMT)

Programa de Pós-graduação em Turismo (PPGTUR)

Rede de Pesquisa de Turismo Religioso do Nordeste (REPETUR-NE)

Secretaria de Saúde do Piauí (SESAPI)

Unidade de Terapia Intensiva (UTI)

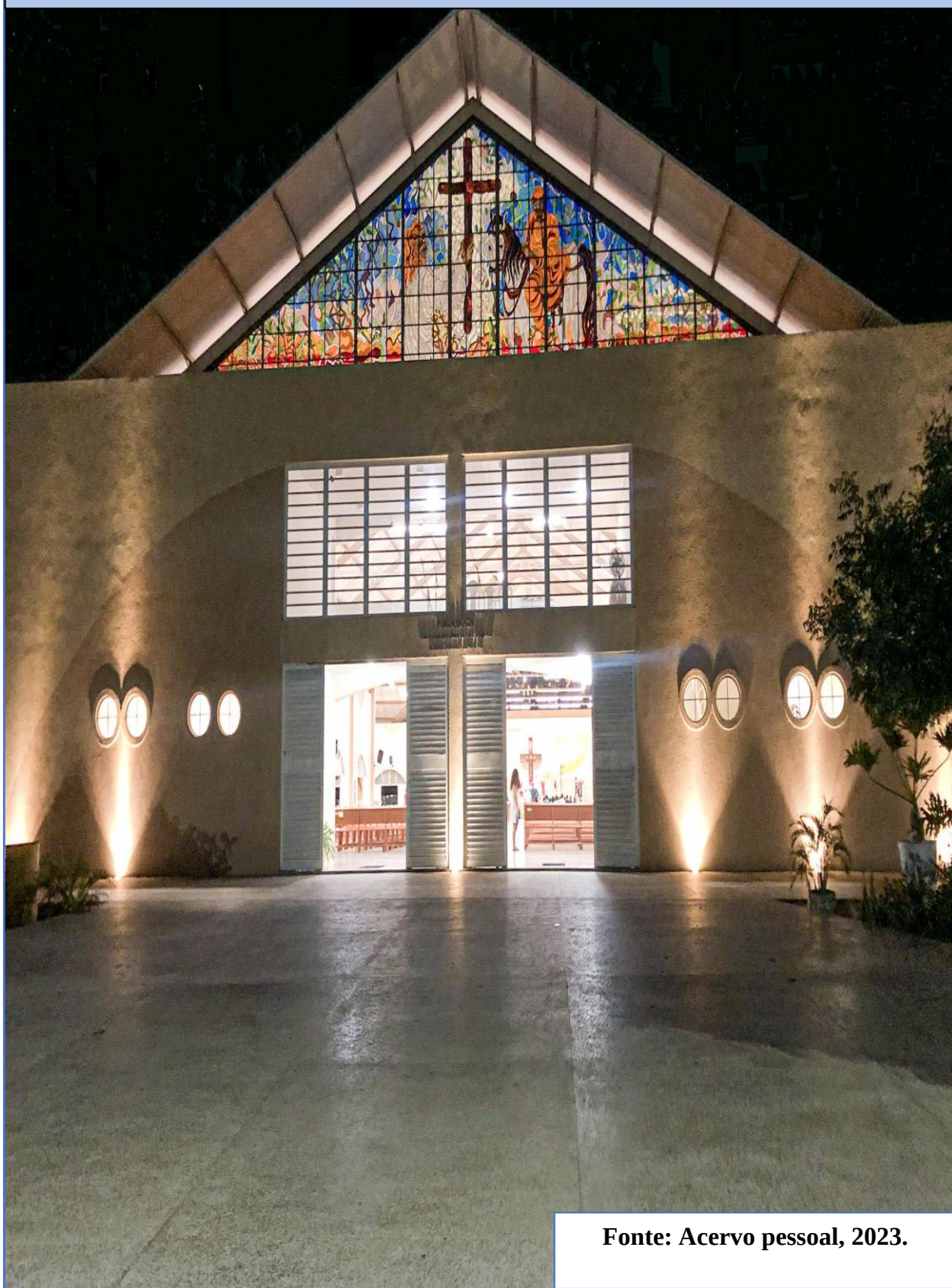
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

World Tourism Organization (UNWTO)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: RITOS INICIAIS.....	15
1 AS PRÁTICAS DEVOCIONAIS NO PIAUÍ E A RESILIÊNCIA	29
1.1 Diálogos sobre resiliência, religiosidade e turismo	29
1.2 A devoção à cruz no sertão piauiense	32
1.3 As sacralidades e resiliências na construção do lugar	43
2 TURISMO RELIGIOSO NA CIDADE DE SANTA CRUZ	60
2.1 As fronteiras híbridas entre peregrinação e turismo	60
2.2 Turismo religioso: práticas devocionais e turísticas	69
2.3 As práticas socioespaciais no Santuário de Santa Cruz dos Milagres	76
3 DIANTE DAS CRISES: PAUSAS E RESILIÊNCIAS	87
3.1 A vivência da fé em tempos de crise	87
3.2 Os efeitos da crise na atividade turística	90
3.3 Pausas e vazios no Santuário: efeitos da pandemia no turismo religioso	95
4 A PROMOÇÃO DO TURISMO RELIGIOSO: DIMENSÕES RESILIENTES	105
4.1 Turismo e resiliência	105
4.2 As dimensões da resiliência no Turismo Religioso	110
4.2.1 A dimensão sensorial/corpórea	112
4.2.2 A dimensão coletiva (rituais festivos)	117
4.2.3 A dimensão turística: novos arranjos e roteiros	124
4.3 Proposições para um turismo religioso resiliente	135
5 RITOS FINAIS	143
REFERÊNCIAS	148
APÊNDICES	158
APÊNDICE A - Roteiro de entrevista – Moradores de Santa Cruz dos Milagres ...	159
APÊNDICE B - Roteiro de entrevista – Visitantes de Santa Cruz dos Milagres	161
APÊNDICE C - Roteiro de entrevista – Representantes do Poder Público de Santa Cruz dos Milagres	163

INTRODUÇÃO: RITOS INICIAIS



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

INTRODUÇÃO: RITOS INICIAIS

O turismo religioso representa um segmento que contempla uma variedade de práticas sociais. Na tradição católica, são comuns, nas formas de peregrinações individuais ou coletivas direcionadas para santuários, a participação em reuniões e eventos, bem como a visita a locais e edifícios sacros (Vukonic, 2006). Das interfaces entre o turismo e a religião, a abordagem econômica, associada ao crescimento financeiro e à diluição das dicotomias, que apontam o turismo religioso como uma categoria híbrida (Eade, 2020; Collins-Kreiner, 2010, Santos, 2006), foram temáticas que nortearam os estudos¹ na área a partir dos anos de 1970. Contudo, novas perspectivas de análise direcionam-se para os aspectos subjetivos que constituem a experiência turístico-religiosa.

Das atividades que integram o turismo religioso, esta tese tem como objeto de pesquisa a resiliência das práticas devocionais no contexto de promoção do turismo religioso no Santuário de Santa Cruz dos Milagres, localizado no estado do Piauí (PI). Nesta introdução, apresento o fio condutor que a conecta a pesquisas já desenvolvidas, o campo empírico, bem como a problemática, justificativa, objetivos e os procedimentos metodológicos. Por fim, exponho a organização do texto.

O estudo em tela aprofunda questões sinalizadas durante a pesquisa de mestrado², defendida no âmbito do referido Programa de Pós-graduação, em 2019, cuja análise se deu acerca da tríade festiva realizada na Cidade-Santuário supracitada. Naquele momento, foi possível identificar, ou melhor, rastrear as estratégias políticas e eclesiais de promoção e estruturação de um destino turístico religioso piauiense, e, embora essas ações se apresentassem desarticuladas pelos agentes produtores e modeladores do sagrado (os devotos, a Igreja Católica, a comunidade local, e o poder público), também convergiam, por meio de práticas e representações do sagrado, para a visibilidade turística dos espaços sacralizados.

¹ Até os anos de 1970, os conceitos de turismo e peregrinação eram tratados como dois assuntos dissociados, com pouco tratamento inter-relacionado ou comparativo. Nesse período, as teorias eram desenvolvidas, principalmente, por sociólogos e antropólogos, e se concentravam na experiência do visitante e nas dinâmicas psicossociais que impulsionavam os diferentes tipos de experiência turística, inclusive a peregrinação. Após esse período, as mudanças foram provenientes de novas teorias no campo do turismo. Um primeiro ponto foi a modificação nos aspectos de diferenciação, os olhares foram direcionados para as similaridades dos fenômenos, iniciando a inter-relação entre peregrinação e turismo (Collins-Kreiner, 2010, 2020a).

² Silva, K. C. (2019). *Nos passos do peregrino: turismo e religiosidade em Santa Cruz dos Milagres (PI)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/26860>.

Outro pilar importante no amadurecimento desta pesquisa pautou-se nas discussões e reflexões propostas pela Rede de Pesquisa de Turismo Religioso do Nordeste (REPETUR-NE)³, criada em 2020 com o intuito de analisar as respostas à pandemia da COVID-19 e os impactos nos locais de peregrinação que funcionam como centros turísticos religiosos. Ao fomentar discussões teóricas e empíricas, ela tem colaborado para desconstruir conceitos e tipologias que já não atendem mais à complexidade do fenômeno turístico religioso. Este estudo contribui para alargar o entendimento da prática turística religiosa que, pelo caráter dinâmico, não caberia em “caixas” conceituais bem delimitadas, dada a existência de relações fluidas e porosas diante de uma realidade multifacetada (Collins-Kreiner, 2010, 2020a; Coleman & Eade, 2004; Oliveira, 2004; Santos, 2006; Steil, 2009; Giumbelli, 2018).

Durante a última década, ao acompanhar as transformações e permanências que desenharam o espaço sacralizado de Santa Cruz dos Milagres, evidenciou-se que, embora a devoção religiosa mantenha seus traços de um catolicismo rústico⁴ e rural, que resiste no tempo e no espaço, ela ampliou o diálogo com outras práticas, a exemplo do turismo, lazer e comércio. Com a ressalva, todavia, de que o turismo religioso nos santuários festivos⁵ não isola a dimensão espiritual das diversas esferas da vida cultural e sim aponta para a força do vínculo simbólico de uma cultura turístico-religiosa que impulsiona o fazer festivo popular associado à cadeia produtiva do turismo, o que requer o entendimento da natureza mutante de cada uma das

³ A REPETUR é constituída por pesquisadores que atuam em diversas áreas científicas, tais como geografia, sociologia, história, antropologia e turismo que desenvolvem pesquisas, promovem eventos relacionados ao turismo religioso nordestino.

⁴ Sobre o catolicismo rústico, Queiroz (1968) identificou a coexistência de pelo menos dois tipos no país: o oficial e o popular. O catolicismo oficial era mais romano, mais universalista, das ordens religiosas e, principalmente, dos jesuítas, trazido pelos poucos sacerdotes que aqui aportaram. O catolicismo popular, por sua vez, era doméstico, instituído pelos primeiros colonos, chefes de famílias. O fato é que a quantidade mínima de sacerdotes e a falta de conhecimentos religiosos impulsionaram, desde os tempos da colonização, uma adaptação que exprimiu uma reorganização e reinterpretção de ambas as formas de catolicismo. O catolicismo popular, ao ser desmembrado, deu origem a um catolicismo urbano e a um catolicismo rústico. Nos sertões brasileiros, em razão da escassez de sacerdotes, da falta de instrução religiosa e da predominância de elementos religiosos populares trazidos pelos colonos portugueses, difundiu-se uma versão rústica do catolicismo, marcado por redefinições peculiares. Trata-se da religião das festas, das devoções aos santos, das romarias e penitências, manifestações muitas vezes opostas aos agentes oficiais da igreja. É um catolicismo marcado pela sua porosidade, devido à relação entre os colonos pobres, os indígenas destribalizados, os ex-escravizados e todos os tipos de mestiços.

⁵ Oliveira (2004) propõe uma classificação distinguindo quatro tipos de santuários que marcam a cultura religiosa brasileira. São eles: os Tradicionais – templos reconhecidamente católicos e presença de um santo mediador entre fiéis e divindade cristã (bairros e cidades mais antigas, com patrimônios edificadas, tendem a situá-los); os Naturais – que confluem para todas as formas de paganismo, misticismo e novas categorias de espiritualidade, incluindo cultos da Nova Era (parques, reservas ecológicas e paisagens naturais são seus mais privilegiados lócus); os Tecnológicos reúnem a racionalidade de outras devoções cristãs ao aparato técnico das redes de comunicacionais (*shopping*, ginásios e praças públicas podem nas diversas cidades favorecer sua instalação); e os Rituais – eventos religiosos (sacropfanos) presentes nos espaços anteriores, com a vantagem de fazê-los interagir com todas as dinâmicas socioambientais requeridas de uma festa religiosa.

festas e a percepção das interfaces dos eventos com outros sistemas públicos essenciais, como segurança, educação, saneamento, transporte e lazer (Oliveira, 2007).

Identificou-se que algumas práticas realizadas pelos romeiros durante a permanência no referido Santuário reforçam o seu valor sagrado, a exemplo da realização dos ritos penitenciais e do pagamento de promessas por meio do sacrifício corporal; outras são reeditadas de acordo com os discursos oficiais instituídos pela Igreja Católica ou aspectos temporais relativos à disponibilidade de tempo livre dos romeiros, os quais delimitam o seu próprio cronograma de visita e permanência; ainda, a edificação e a ampliação de novas formas espaciais, associadas ou não ao sagrado, como a construção de novos santuários, símbolos e espaços de lazer, que passaram a integrar o roteiro realizado pelos devotos na cidade.

Como forma de atender às novas necessidades dos visitantes em decorrência da crise da COVID-19, evidenciou-se, no primeiro momento de reclusão, que muitos grupos religiosos demonstraram criatividade em suas atividades e costumes ao efetuarem seus hábitos devotos no campo virtual, cada vez mais estratégico na compreensão dessas interfaces do espiritual com as inúmeras místicas mundanas. Na ocasião, o maior contato se deu pelas páginas virtuais do Santuário, tais como *Youtube*, *Instagram* e *Facebook*. Com a reabertura dos templos e a necessidade de reaproximação com o sagrado, de acolhimento e vivência coletiva da fé, novos significados foram associados às práticas devocionais.

Nessa perspectiva, verificou-se que tais práticas possuem características da resiliência em duas interfaces: a primeira consiste na resistência às mudanças impostas, de forma muitas vezes imperativa, pelo processo eclesial de evangelização realizado pela Igreja Católica, ou pelas transformações socioeconômicas, e que não necessariamente resulta na capacidade de adaptação frente às mudanças vivenciadas; a segunda relaciona-se, justamente, ao favorecimento de novos ritos associados à promoção do turismo religioso e à criação de novas intencionalidades para os romeiros. Desse modo, a pergunta que norteou o trabalho foi: como tem se manifestado a relação entre as formas de resiliência dos romeiros⁶ de Santa Cruz dos Milagres e as estratégias de planejamento e gestão do turismo religioso na região?

O objetivo geral da pesquisa consistiu em analisar as práticas resilientes dos romeiros no Santuário de Santa Cruz dos Milagres em consonância com o planejamento das políticas de turismo religioso. Assim sendo, foram delimitados três objetivos específicos: a)

⁶ O termo “romeiro” equivale neste estudo ao “visitante-romeiro”.

identificar as principais práticas devocionais no contexto da promoção do turismo religioso; b) avaliar até que ponto tais práticas apresentam-se como resilientes ou não nesse contexto; c) analisar a resiliência delas por parte dos romeiros realizadas no Santuário de Santa Cruz dos Milagres (PI).

A resiliência é incorporada no turismo como forma de planejamento e gestão da atividade turística, ou seja, como esta pode ser eficaz no que tange aos propósitos de desenvolvimento sustentável, já que, estrategicamente, o turismo precisa responder aos problemas atuais, bem como garantir a sua eficiência diante das mudanças repentinas e descontínuas do ambiente externo provocadas pela globalização, inovações tecnológicas e crescimento da concorrência. Os estudos turísticos se concentram, sobretudo, no uso de abordagens resilientes como estratégias positivas no processo de seu gerenciamento e desenvolvimento. Deste modo, para evitar uma situação de crise, é imperativo, portanto, que o mercado turístico globalizado seja hábil na sua capacidade inovação e planejamento (Sonaglio, 2018; Costa, Sonaglio e Wiesinieski, 2020).

Para Costa (2017), uma comunidade resiliente é aquela que, diante de uma situação adversa, resiste, absorve, acomoda-se e reconstitui-se em tempo e modo adequados, resultando na preservação e na restauração de suas estruturas e funções sociais. Nessa lógica, Sonaglio (2018) enfatiza que, na relação entre resiliência e turismo, pode haver a inclusão de processos de gerenciamento, planejamento dos destinos, uso de protocolos antecipativos, reativos e recuperativos, visando promover e/ou garantir a resiliência dos atores envolvidos. Ainda, a utilização de metodologias que se debruçam sobre o conhecimento acerca do comportamento resiliente das pessoas/profissionais, bem como da própria localidade turística a fim de implementar ações organizacionais de localidades suscetíveis a desastres naturais, tais como enchentes, estiagens, furacões, erupções vulcânicas, tsunamis e tornados.

A difusão do conceito de resiliência, em todas as áreas de aplicabilidade, também foi permeada por questões críticas relacionadas à sua operacionalização. A primeira delas assenta-se no enfoque conservador, na medida em que ele diz respeito a um retorno ao normal em vez de propor uma transformação, isto é, o foco está na comunidade se recuperar rapidamente após um desastre ou choque, mas não necessariamente, em abordar as causas subjacentes dos problemas. Outro ponto crítico da dimensão neoliberal⁷ destaca que, como o

⁷ A teoria do Estado Neoliberal favorece direitos individuais à propriedade privada, o regime de direito e as instituições de mercados de livre funcionamento e o livre comércio. Trata-se de arranjos institucionais considerados essenciais à garantia das liberdades individuais, os quais se reorganizam constantemente para obter

enfoque político é restrito às responsabilidades individuais, há a possibilidade de supressão do papel de instituições políticas, ou seja, questiona-se em que medida as políticas de adaptação são capazes de implementar estratégias que prosperem sem o apoio público. O caráter normativo desdobra-se em um terceiro aspecto analítico ao considerar que boas e más condutas de lugares seriam qualificadoras das resiliências. E a injunção positiva, ou seja, a associação entre resiliência e êxito por parte de políticos, planejadores e tomadores de decisão. Verifica-se, portanto, um debate crítico consolidado sobre o caráter controverso desse conceito, bem como uma atenção epistemológica e ética em sua operacionalização (De-Paula, 2017; Felli, 2014).

No âmbito turístico, compreende-se que a resiliência é forjada por processos econômicos, políticos e socioculturais. No caso específico do segmento religioso, reconhece-se que a capacidade adaptativa dos romeiros (**resiliência romeira**) é amparada pelo discurso **político** de promoção turística e pelo discurso **eclesial**, de evangelização e centralidade, que tanto modelam as competências subjetivas dos sujeitos (os romeiros assumem e, de certa forma, reproduzem tais discursos) como incorporam as práticas atreladas ao **mercado turístico religioso** (grifos nossos).

Deve-se considerar que os vínculos afetivos e emocionais, sejam eles familiares ou religiosos, são circunstanciais e, conseqüentemente, as práticas devocionais também estão em constante movimento, exigindo uma capacidade adaptativa, frente às contínuas mudanças, inovações, influências externas e interpretações das crenças religiosas, possibilitando uma flexibilidade (ressignificação) das antigas formas de realizar romarias e outras práticas devocionais. Dessa maneira, as resiliências romeiras são tecidas a partir das exigências de um mercado turístico que promove o espetáculo (*performance*) e exacerba as subjetividades da fé, trazendo para o cenário diferentes formas e funções, as quais alimentam competências mercadológicas do turismo religioso.

A pesquisa, portanto, contribui para o aumento da mediação que o turismo religioso proporciona ao relacionar-se com a resiliência, ampliando, por conseguinte, as interpretações e aplicações que o conceito em questão opera. A partir do entendimento de que a resiliência é uma estratégia de gestão eficaz no planejamento turístico, este estudo debruça-se na forma pela

a melhor posição competitiva de um Estado-nação no mercado global. Embora a liberdade pessoal e individual no mercado seja garantida, cada indivíduo é julgado responsável por suas próprias ações e por seu próprio bem-estar, do mesmo modo como deve responder por eles, princípios aplicados também ao domínio do bem-estar social (educação, assistência à saúde, regimes previdenciários) (Harvey, 2008).

qual ela é aplicada aos sujeitos pelo mercado religioso e turístico, de forma consciente ou inconsciente, considerando as situações de crise acentuadas que possibilitam dialogar sobre as forças externas que atuam e modelam as competências subjetivas a prática turística religiosa.

Alguns estudos internacionais (Raj & Griffin, 2020; Olsen & Timothy, 2020; Mosier, Elhadary, Elhaty & Safaei, 2020) avaliaram os desafios impostos pela pandemia aos locais sagrados e às áreas com patrimônio religioso, destacando como as ações de gestão de crise podem contribuir para a recuperação, o que é capaz de representar uma resiliência do segmento turístico. Entretanto, a preocupação com os impactos econômicos é preponderante diante das motivações reais de apego dos visitantes aos espaços sagrados, predominando as funções econômicas em relação às funções espirituais, sociais e de autodesenvolvimento dos locais religiosos (Raj & Griffin, 2020).

Dos fatores que promovem a resiliência do turismo religioso no quadro global, considera-se a heterogeneidade das motivações, isto é, os viajantes deslocam-se de uma forma caracterizada pela multimodalidade, interagindo com múltiplas formas de turismo (Raj & Griffin, 2020). O turismo religioso mostra-se capaz de adaptar-se às demandas dos visitantes, ao acomodar novas realidades diante das buscas por experiências, interações e enfrentamentos das mais diversas crises (terrorismo, conflitos e crises econômicas). E o turista, ao buscar uma experiência que proporcione uma maior reflexão sobre sua vida, além do desejo de visitar locais significativos e de vivenciar uma experiência emocional, tem as distâncias diminuídas com relação a outros segmentos do turismo (Collins-Kreiner, 2020a).

Para Olsen e Timothy (2020), a pandemia também marcou a chance de reiniciar, redefinir e revigorar o turismo de maneira mais sustentável, o que configura um novo paradigma de viagens que, diante de práticas insustentáveis, necessitam de reconduções. O turismo religioso, com suas práticas centradas na experiência humana, poderá contribuir para o processo de redirecionamento das ações e padrões de viagens de grupos religiosos. Nessa perspectiva, poder-se-ia questionar se os espaços religiosos desenvolvidos do ponto de vista econômico, secularizados e integrados aos grandes centros urbanos e conectados a outras atrações turísticas são capazes de promover uma reestruturação do turismo religioso.

O cenário de crise política e sanitária imposta pela pandemia de COVID-19 acelerou questões e formas de viver a religiosidade. Alguns processos graduais já se apresentavam em curso no segmento religioso, a exemplo da midiatização digital da religião (Sbardelotto, 2018), do renascimento de percursos tradicionais à criação e à invenção de rituais religiosos (Steil & Carneiro, 2008; Eade, 2020), bem como das questões relacionadas à

sustentabilidade, à economia da experiência, à identidade e à memória coletiva (Collins-Kreiner, 2020b), o que evidencia que as transformações que acompanham o turismo e as religiões afetam a forma de praticar o turismo religioso.

Os deslocamentos religiosos propiciam novas formas de vivências e experiências e, conseqüentemente, uma dispersão entre outras formas que atuam dissonantes e paradoxais, pois o turismo também é reeditado e demonstra uma capacidade mobilizadora e impositiva, quer seja diante de situações externas, como crises e instabilidades, quer seja a partir de situações internas que estimulam as pessoas a buscarem outros sentidos e significados para suas práticas. Não existem significados únicos e fixos, eles não são ontologicamente dados aos lugares, mas atribuídos a eles e incorporados nas práticas pelos diferentes grupos (Giumbelli, 2018).

Verifica-se nas formas simbólicas, portadoras de densidade espacial, que se traduzem em itinerários (os fluxos) percorridos para os lugares (os fixos) uma força derivada de um conjunto de significados socialmente construídos e integrados à vida do grupo social que os construiu (Santos, 2006; Corrêa, 2012). Em outras palavras, durante os movimentos turístico-religiosos em direção aos espaços considerados sacralizados, os visitantes realizam ações que compõem sua experiência, e que podem ser modificadas de acordo com a situação, os discursos oficiais e outros fatores que afetam e podem ser influenciados pela realização de suas práticas.

Da relação entre fixos e fluxos, compreende-se que os elementos centrados em cada lugar permitem ações que o modificam, e os fluxos, novos ou renovados, recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Nessa perspectiva, os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor ao mesmo tempo que se modificam. A geografia dos fluxos depende, pois, da geografia dos fixos (Santos, 1994).

O espaço se define pela presença conjunta e indissociável de uma tecnosfera e psicosfera, que funcionam de modo unitário e formam o meio técnico-científico. Enquanto a tecnosfera é o mundo dos objetos, a psicosfera é a esfera das ações. Cada lugar se define tanto por sua existência corpórea quanto por sua existência relacional. Além disso, a tecnosfera se reflete na materialidade dos objetos técnicos, e a psicosfera representa o reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, capaz de fornecer regras à racionalidade ou de estimular o imaginário. Ambas são locais, mas constituem o produto de uma sociedade bem mais ampla que o lugar (Santos, 1994).

Compreende-se, por conseguinte, que a concepção do sagrado, na relação pessoa-lugar, reflete o imaginário e o simbólico que atendem a um significado (mental) e a uma relação afetiva. São lugares assistidos por investimentos humanos, materiais e físicos, mas também espirituais, emocionais e sociais (Santos, 2006). O imaginário religioso se assenta e opera por meio de sistemas simbólicos, os quais são construídos a partir da experiência dos atores sociais do campo em questão, dos seus desejos, aspirações e motivações. É nos centros de peregrinação e turismo que os símbolos ganham força, haja vista que estão impregnados de afetividade e marcados por esse simbolismo, em que se estabelecem os rituais, os quais se apresentam em configurações simbólicas e concretizam seu imaginário (Costa, 2013).

Os santuários são espaços simbólicos nos quais se projetam, coletivamente, valores, intenções e memórias que se fundam no contato com o turismo; com os sistemas de comunicação, com as estruturas e redes de cidade; com o mundo do trabalho, da política, do comércio, dos transportes, dos sistemas agrários, dos grupos sociais mais diferenciados; com a natureza, e de tudo que se inclui nas celebrações e momentos festivos (Oliveira, 2020).

São espaços de conectividade, de poder e de referência do sagrado, pois, em uma lógica reticular⁸, representam os nós das redes, que dispõem de uma capacidade dual de conectar e excluir, sejam significados, práticas e/ou discursos. Nessa lógica, compreende-se que os santuários são lócus de práticas “intencionais”. Conforme Santos (1994) destaca, a descrição de um sistema de objetos depende de um sistema de práticas, pois não basta, apenas, definir os objetos em sistemas, é necessário, também, deliberar qual o sistema de práticas sobre o qual ele exerce. Ao olhar sobre as práticas que se processam nos santuários, é fundamental considerar o caráter híbrido que permeia as mobilidades religiosas e turísticas.

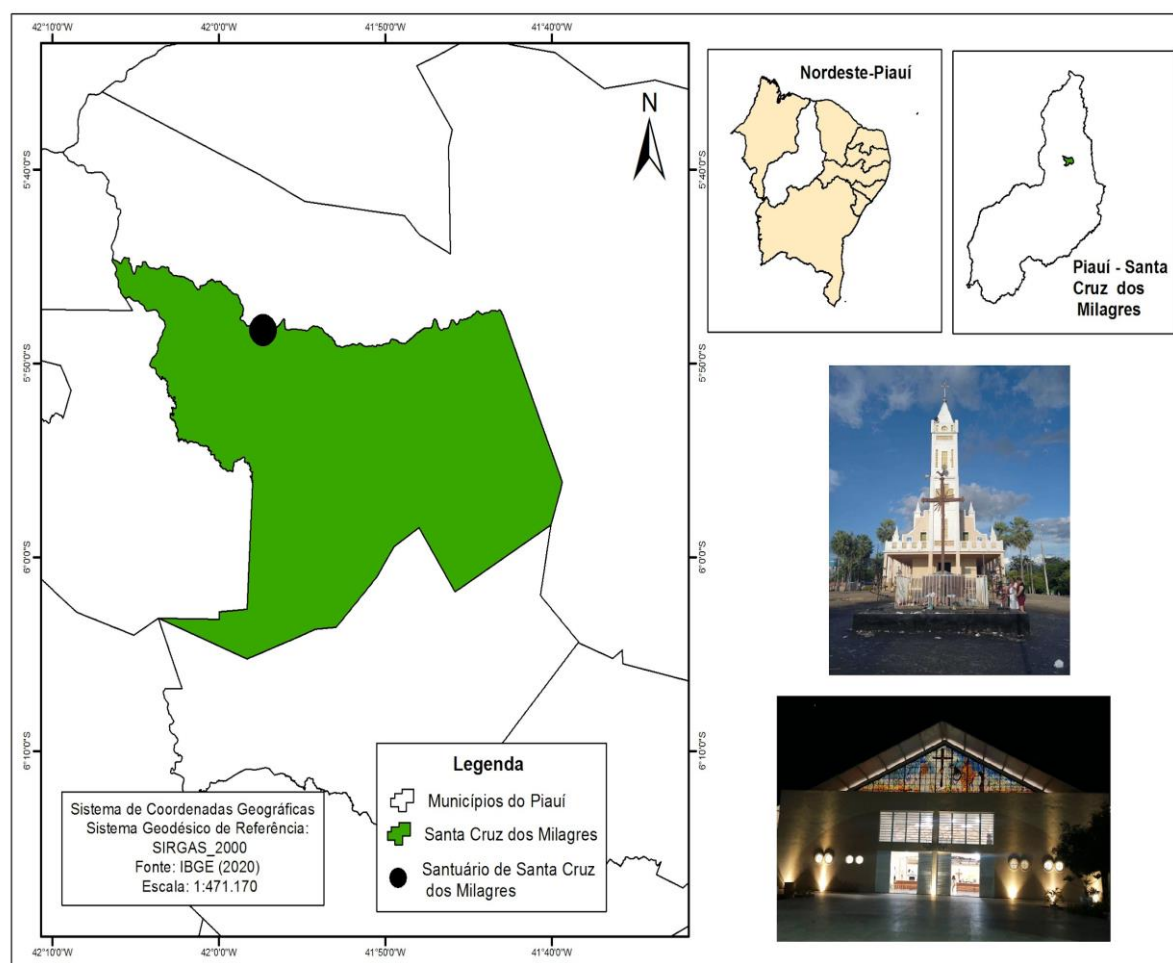
Nos santuários em que as polaridades se encontram dissolvidas diante do novo paradigma de mobilidade (Coleman & Eade, 2004), as práticas turísticas se consolidam e, diante da diversidade de interesses que ultrapassam as fronteiras da religião e impulsionam as pessoas a buscarem esses lugares, apontam para as múltiplas intencionalidades. Como exemplos, em nível internacional temos: Lourdes, na França (Eade, 1991) e Fátima, em Portugal (Santos, 2006). No Brasil, há o Santuário de Aparecida, em São Paulo, que também revelou ter

⁸ Fazendo uma associação com a lógica de apropriação do espaço pelo turismo, descrita por Fratucci (2008), a atividade turística concretiza-se pela ação, articulação e interconexão dos diversos agentes produtores que combinam ações entre a lógica zonal e a lógica reticular. Enquanto a primeira parte de uma concepção espacial de território, e até certo ponto estática, a lógica reticular concentra-se nos fluxos, polos de conexões, portanto, as redes.

ultrapassado essa dualidade que contrapõe o sagrado e o profano como ambientes segregados no mesmo espaço religioso (Oliveira, 2021).

Posto isso, verifica-se uma adaptabilidade dos espaços sacralizados diante das múltiplas motivações, podendo representar uma característica resiliente capaz de promover o turismo religioso. A resiliência, nesta pesquisa, relaciona-se às práticas subjetivas dos romeiros, moldados pelos discursos políticos e eclesiais associados aos processos de promoção turística e de evangelização e centralidade católica, que busca condicionar e legitimar as práticas no Santuário piauiense de Santa Cruz dos Milagres. Este se caracteriza pela dimensão regional – de abrangência e reconhecimento eclesial diocesano – com marcas de um catolicismo rústico, com fluxo de visitação concentrado durante as principais festividades religiosas, e localiza-se a 180 km da capital Teresina.

Ilustração 01. Mapa de localização do Santuário de Santa Cruz dos Milagres.



Fonte: Adaptado de IBGE (2020).

O propósito é dialogar sobre a resiliência no turismo religioso, compreendendo possíveis interseções na capacidade de enfrentar desafios, adversidades e transformações, e as conexões com as práticas devocionais na construção de experiências individuais e coletivas que possibilitem o desenvolvimento do segmento turístico religioso.

A análise sobre como os processos de resiliência são moldados pelo mercado turístico e pela Igreja Católica possibilita direcionar e promover ações turísticas eficazes no contexto do turismo religioso, pois permite compreender como as intervenções afetam o comportamento e atitudes dos romeiros ao identificar sinergias e conflitos de interesse entre o mercado e a Igreja, reconhecendo a existência de alinhamento ou discordância nos discursos e estratégias de ação. Contribuindo, portanto, para adaptações e orientações que busquem atender às necessidades dos romeiros, à diversificação da experiência e à participação ativa dos diversos *stakeholders* no desenvolvimento turístico em longo prazo.

Em termos metodológicos, por se tratar de um estudo na área de formação em turismo, refere-se ao campo teórico-metodológico de lapidação e aplicação de outros conceitos constituídos nas demais ciências humanas e aplicadas, tais como resiliência, práticas e lugar. As categorias de movimento, peregrinação e turismo, condensam estruturas de significados, atualizadas e reavaliadas na prática social e, por isso, também, se portam como categorias explicativas da compreensão da realidade. Elas são partes do discurso dos agentes que experienciam ou buscam interferir nas características de destinos, deslocamentos e motivações, ao passo que oscilam e podem ser vividas de forma contraditória e, parcialmente, assumida pelos próprios atores (Steil, 2009; Giumbelli, 2018). No que se refere à natureza dos dados, trata-se de uma pesquisa qualitativa de análise socioespacial, que transita pela geografia humanista e cultural, bem como pela sociologia do turismo, com diálogo e complementariedade dessas duas áreas de abordagem.

Ao propor identificar as principais práticas devocionais na promoção do turismo religioso, foi utilizada, como técnica de coleta, a observação participante, isto é, a inserção do pesquisador na realidade dos sujeitos da pesquisa. Por ter crescido em uma família de tradição católica, embora tenha abandonado os ritos, o conhecimento e o respeito adquiridos, permitiu, em muitos momentos, que a autora desta tese pudesse realizar uma imersão nos rituais e *performances*, sem se retirar do distanciamento científico, reafirmando, conseqüentemente, a posição de pesquisadora de turismo religioso.

Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com romeiros que já haviam visitado o Santuário no período festivo. Para compreender até que ponto essas práticas se

apresentavam resilientes ou não, as entrevistas buscaram identificar junto aos romeiros os aspectos que eles consideravam que foram modificados ou não ao longo do tempo nos rituais, nas práticas e vivências. Foram realizadas, ainda, entrevistas informais durante a pesquisa de campo, com o intuito de auxiliar no processo de escuta. O diálogo propiciou o desvio das amarras das interpelações, o que sugere, em muitos momentos, respostas prontas, permitindo captar variantes frasais, corporais e performáticas que contribuem para o desvelar de novas práticas e perspectivas de análise.

Com o objetivo de analisar a resiliência das práticas devocionais realizadas no Santuário de Santa Cruz dos Milagres, foram entrevistados, de forma presencial e remota, representantes do poder público municipal, do Santuário e moradores locais que, juntamente com os fiéis, constroem o turismo religioso na região.

Como recorte temporal da tese, considerou-se a partir dos anos 2000, com a legitimação das políticas de turismo, com a criação do Ministério do Turismo (2003), o Plano Nacional de Turismo (2003-2007) e implantação do Projeto de Regionalização do Turismo (2004) para desenvolver a atividade turística no Brasil, buscou-se a estruturação de regiões turísticas com base na oferta e produtos turísticos. E Santa Cruz dos Milagres, passou a integrar o principal projeto de turismo religioso no Piauí. É importante frisar que, em 2020, a pandemia acelerou processos que já se mostravam em curso, permitindo acompanhar as estratégias e adaptações experienciadas pelos romeiros no Santuário durante o período festivo.

A pandemia acionou mecanismos de enfrentamento e, conseqüentemente, de ações que viabilizaram a reorganização e a promoção do turismo religioso. Não se tratam apenas de mecanismos tecnológicos já utilizados, mas também de questões intersubjetivas e reflexivas, como, por exemplo, o olhar sobre a fragilidade da vida e a necessidade de reconexão com o sagrado. Das festividades, a pesquisa direcionou-se para a Festa da Invenção da Santa Cruz, realizada no mês de maio, cuja singularidade consiste em rituais penitenciais em torno da cruz, símbolo central da devoção, nas quais são evidenciadas desde as práticas institucionalizadas até as *performances* mais populares de religião vivida pelos visitantes. Durante as últimas seis (6) edições (2018 a 2023), considerando-se que em 2020 e 2021 foram realizadas virtualmente em decorrência da pandemia, e, ao analisar o ritual da festa, revelou-se que alguns sentidos e significados são reforçados e outros incorporados à celebração.

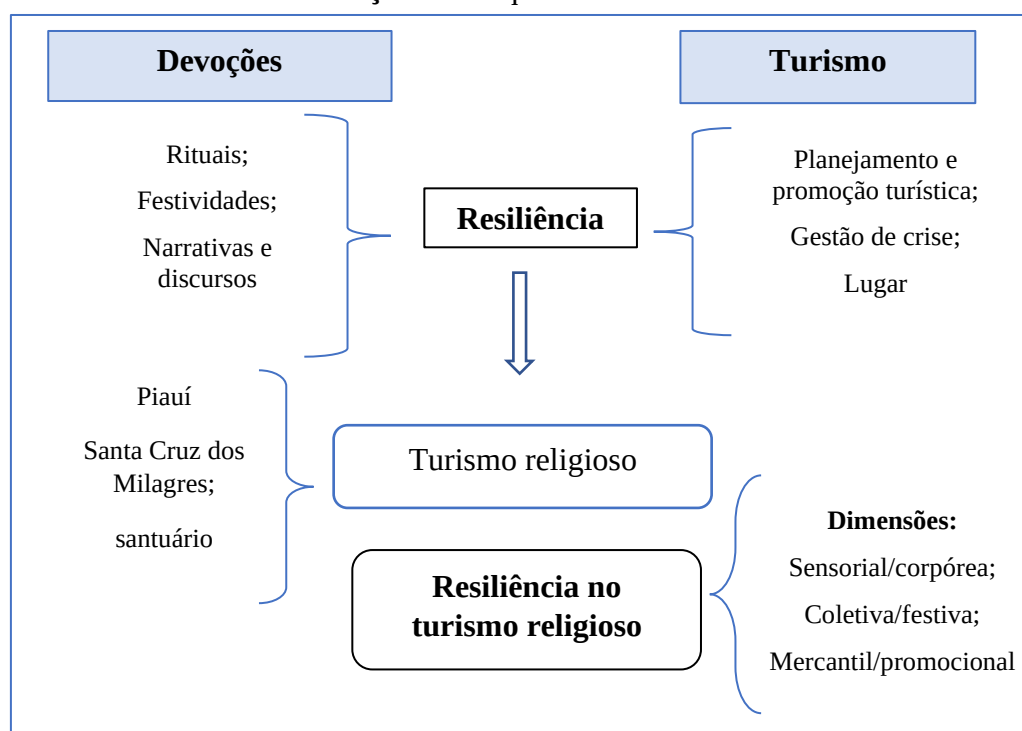
O caráter penitencial da festa é mantido com a *performance* do ritual da invenção, composta de orações e gestos, o que representaria uma resistência. Entretanto, a realização do ritual não representa tão somente uma penitência, um sacrifício, mas demonstra, na capacidade

física, a saúde e a vitalidade para a sua realização e, diante do cenário de doença e morte que a pandemia disseminou, pode representar novos significados e discursos nas práticas.

O trabalho de campo foi constituído durante o período de realização da pesquisa, excetuando os períodos de fechamento das instituições e do isolamento social decorrentes da pandemia. Nesse período, utilizou-se da etnografia geográfica virtual, cuja relação dos devotos com o espaço sagrado foi acompanhada remotamente, pelo acesso às páginas virtuais (*Facebook, Instagram e YouTube*) do Santuário.

No esquema de sistematização da tese (Ilustração 02), identificamos as categorias analíticas tratadas na pesquisa, as relações e as dimensões modeladas pelos processos econômicos, turísticos e eclesiais, os quais influenciam as práticas devocionais e turísticas dos romeiros e constituem a experiência religiosa no lugar sacralizado.

Ilustração 02. Esquema inicial da tese.



Fonte: Elaboração da autora, 2023.

O trabalho está organizado em 4 capítulos. No primeiro, “As práticas devocionais no Piauí e a resiliência”, introduzimos o diálogo sobre a resiliência (Infante, 2005; Chequini, 2007; Tavares, 2001; Adger, 2000; Yunes & Szymanski, 2001), bem como a relação com o turismo (Sonaglio, 2018). A devoção à Santa Cruz é contextualizada sob o ponto de vista dos

processos históricos de colonização e propagação do catolicismo que construíram a religiosidade popular no Piauí. As sacralidades e resiliências na construção do lugar ampara-se na experiência religiosa que confere significados atribuídos pelos indivíduos e decorre da ação simbólica, identificando no sagrado a sua dimensão espacial com formas e funções que desenham o espaço sacralizado de Santa Cruz dos Milagres, convergindo para o geossantuário valores, intenções, memórias e projeções coletivas.

No segundo capítulo, nominado “Turismo religioso na cidade de Santa Cruz”, demarcamos os aportes teóricos e as fronteiras fluidas entre peregrinação e turismo que foram tecidas a partir dos anos de 1970, traçando as inter-relações por meio da análise simbólica do turismo enquanto ritual. Apontamos a desconstrução das categorias unitárias, a ideia de *continuum*, a acomodação das jornadas religiosas e seculares (Collins-Kreiner, 2020b) e introduzimos o conceito de metamovimento, o qual contribuiu para a estruturação do conceito de turismo religioso, compreendido a partir do simbolismo, motivações e representações. Em seguida, tais práticas são analisadas no contexto micro de Santa Cruz dos Milagres.

No terceiro capítulo, “Diante das crises: pausas e resiliências”, direcionamos o olhar para a reclusão, o isolamento e o silêncio que a pandemia proporcionou às práticas devocionais e turísticas realizadas no Santuário piauiense. Considerando às rupturas que emergem das crises, verificaram-se as possibilidades de incorporação de outros dispositivos de mediação com o sagrado, as quais propiciaram alterações temporárias no segmento turístico religioso. De tal modo, analisou-se a reorganização da experiência religiosa e turística no contexto pandêmico que reconfigurou novas condições e relações com o sagrado, culminando nos efeitos locais.

No quarto capítulo, a “Resiliência e a promoção do turismo religioso”, buscou-se compreender como a resiliência forjada pelos processos econômicos, políticos e socioculturais delineiam o turismo religioso em Santa Cruz dos Milagres. aprofundando a relação entre turismo, resiliência e os principais segmentos turísticos. Foram identificadas as dimensões consideradas resilientes para o turismo religioso e as proposições vinculadas ao segmento.

Nos ritos finais, apresentamos as sínteses das pesquisas, as limitações da pesquisa, e as possibilidades de estudos futuros que permita ampliar a discussão sobre a resiliência romeira, para dimensionar como as devoções e o turismo adaptam-se, resistem, moldam e disputam, conforme os respectivos interesses dos agentes na lógica de significação e ressignificação.

CAPÍTULO 1 – AS PRÁTICAS DEVOCIONAIS NO PIAUÍ E A RESILIÊNCIA



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

1 AS PRÁTICAS DEVOCIONAIS NO PIAUÍ E A RESILIÊNCIA

Este capítulo reconstrói a devoção de Santa Cruz dos Milagres, ao compreender como a vivência da religiosidade, na construção do espaço sacralizado, dos rituais e das crenças, podem ser traduzidas em experiências resilientes para os romeiros. No primeiro momento introduzimos o conceito de resiliência, propondo inserir o diálogo entre resiliência, turismo e religiosidade; em seguida, apresentamos como o território piauiense foi modelado por práticas religiosas e como a Igreja Católica atuou na consolidação do espaço sacralizado. Na ocasião, são evidenciadas as rupturas e permanências assimiladas, e como tais práticas convergem para o Santuário piauiense.

1.1 Diálogos sobre resiliência, religiosidade e turismo

Antes de adentrarmos nas devoções que compõem a experiência religiosa dos romeiros de Santa Cruz dos Milagres, apresentaremos o construto da resiliência para estabelecermos possíveis diálogos com o turismo e a religiosidade. Procuramos aqui destacar as principais áreas de conhecimento e suas contribuições, com o intuito de refletirmos sobre a resiliência no turismo religioso.

O debate sobre resiliência vem sendo realizado amplamente nas últimas décadas por distintos teóricos. Trata-se de um conceito considerado novo para uma prática antiga, com interpretações nas diversas áreas disciplinares e interdisciplinares, tais como Física, Engenharias, Matemática, Medicina, Psicologia, Sociologia, Geografia, Biologia (Tavares, 2001).

A etimologia do verbo, deriva do latim *resilio* (*re+salio*), com as seguintes significações: “saltar para trás”, “voltar saltando”, “retirar sobre si mesmo”, “encolher”, “reduzir-se”, “recuar”. Refere-se, portanto, à capacidade de reconstruir-se depois de um choque. Surgido nas ciências exatas, o conceito expande-se para outras áreas, como Ciências da Vida, Ciências Naturais e Ciências Sociais e Humanas (Tavares, 2001; Yunes & Szymanski, 2001).

Especificamente, a noção de resiliência é utilizada há muito tempo pela física e engenharia. O cientista Thomas Young, em 1807, introduziu o conceito de elasticidade ao realizar experimentos desenvolvidos em laboratórios que fossem capazes de medir a resiliência em materiais, isto é, a capacidade de serem mais flexíveis ao absorver energia,

sem, contudo, sofrer deformação plástica permanente. Esse trabalho pode ser estendido aos sujeitos no sentido de se desenvolverem e se prepararem de um modo diferente (Tavares, 2001; Yunes & Szymanski, 2001).

Dessa forma, o construto surge nas perspectivas materiais e físicas e dissemina-se para questões imateriais, como o funcionamento das organizações e os fatores psicológicos e espirituais. Até os anos de 1960, o debate sobre resiliência estava diretamente associado às definições propostas pelas Ciências Exatas. Somente nas décadas seguintes, outras áreas, como a psicologia, começaram a investigar como crianças, adolescentes e adultos são capazes de sobreviver e superar situações adversas.

Para a psicologia e a sociologia, esse conceito relaciona-se a uma qualidade, em que as pessoas, individualmente ou em grupo, dispõem de capacidade para resistirem a situações adversas sem perderem o equilíbrio inicial. Essa capacidade pode ser fortalecida com o auxílio do desenvolvimento pessoal, relacionado, inclusive, com a dimensão espiritual. A resiliência tenta promover processos que envolvam o indivíduo e o ambiente social, ajudando-o a superar a adversidade (e o risco), adaptar-se à sociedade e ter melhor qualidade de vida (Tavares, 2001; Yunes & Szymanski, 2001; Infante, 2005; Chequini, 2007).

Trata-se, portanto, de uma capacidade de o indivíduo adaptar-se tanto ao ambiente externo quanto de modificar-se, internamente, e desenvolver valores internos, a exemplo da autopercepção e da espiritualidade. Na perspectiva social, consiste na capacidade de a comunidade resistir a choques externos à sua infraestrutura social, sobretudo, comunidades dependentes de recursos, onde estão sujeitas a tensões, tanto na forma de variabilidade ambiental quanto na forma de impactos sociais, econômicos e políticos (Adger, 2000).

Diante da abordagem psicossocial duas linhas de pesquisas foram abertas. A primeira consolidou-se nos anos de 1970 ao identificar os fatores de risco e de resiliência que exercem influência no desenvolvimento dos sujeitos, os quais se adaptam positivamente, apesar de viverem em condições de adversidade. Já a outra linha, consubstanciada em um estudo de um grupo de indivíduos (505 pessoas) que viviam em condições adversas similares, evidenciou os fatores que diferenciavam os que se adaptavam positivamente à sociedade daqueles que assumiam condutas de risco (Infante, 2005).

Depois do desenvolvimento histórico da primeira geração, ampliou-se o foco de pesquisa, deslocando o interesse pautado em qualidades pessoais, que permitiriam superar a adversidade (como a autoestima e autonomia), para fatores externos ao indivíduo, como o nível socioeconômico e a estrutura familiar. Os pesquisadores identificaram o modelo triádico de resiliência em três grupos: os atributos individuais, os aspectos familiares e as características dos ambientes sociais a que as pessoas pertencem (Infante, 2005).

A segunda teoria, desenvolvida a partir dos anos de 1990, enfocou o processo, que implica a dinâmica entre fatores de risco e de resiliência, permitindo ao indivíduo superar a adversidade e buscar modelos que promovam a resiliência de forma efetiva em termos de programas sociais, incorporando como elemento essencial a dinâmica e a interação entre os fatores (Infante, 2005).

Os recentes estudos abordam a resiliência como um processo dinâmico de vários fatores componentes e circunstâncias, não só próprios e individuais, mas também os coletivos, decorrentes do ambiente sociocultural e ecológico em que está inserido. Esses estudos compreendem, assim, um construto dinâmico com capacidade adaptativa diante do ambiente externo e interno do indivíduo, reflexo da capacidade humana de se adaptar internamente e de se reconstituir no tempo e no espaço (Chequini, 2007; Costa, Sonaglio & Wiesinieski, 2020; Sonaglio, 2018).

Três componentes essenciais estão presentes no conceito psicológico de resiliência: o primeiro, engloba a adversidade, trauma, risco ou ameaça ao desenvolvimento humano; o segundo, por sua vez, compreende a adaptação positiva ou superação da adversidade; e por último, o processo, que representa a dinâmica entre mecanismos emocionais, cognitivos e socioculturais que influem no desenvolvimento humano (Infante, 2005).

Apesar das dificuldades apresentadas, sobretudo quando comparadas às perspectivas epistemológicas entre as Ciências Exatas e as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, verifica-se que nos sistemas sociais existe uma complexidade maior, por abordar intersubjetivamente o homem e as suas experiências, suas emoções e percepções e o reforço dos laços sociais entre pessoas e lugares.

Nosso enfoque científico apoia-se na resiliência das práticas, capaz de promover o turismo religioso, e dialoga com a resiliência do lugar e das relações sociais.

Das inter-relações presentes, o lugar é compreendido a partir das experiências concretas que ocorrem no espaço vivido (Relph, 1979)⁹.

No estudo em questão, as práticas consideradas “resilientes” são aquelas que foram construindo a devoção em Santa Cruz dos Milagres, as narrativas (mitos), os rituais, as festividades e as memórias individuais e coletivas¹⁰ dos romeiros, bem como as práticas institucionais impostas pela Igreja Católica e negociadas com ações turísticas que visam desenvolver o segmento religioso, as quais proporcionam uma base sólida para a devoção, ao mesmo tempo que podem contribuir para a resiliência da comunidade local.

1.2 A devoção à cruz no sertão piauiense

O surgimento das devoções religiosas no sertão piauiense e, especificamente, em Santa Cruz dos Milagres, está diretamente relacionado a dois processos históricos que propiciaram a formação territorial do Piauí. O primeiro deles está vinculado ao processo de colonização. No território piauiense, a ação ocorreu em meados do século XVII, “do interior para o litoral”, influenciada pela pecuária extensiva, resultado do processo de interiorização pela busca por mais terras para a instalação das grandes fazendas no sertão nordestino. Os primeiros fazendeiros oriundos da Bahia penetravam no território piauiense, organizados pela Casa da Torre, instituição fundada e administrada pela família Ávila, da Bahia, que tinha como principal objetivo financiar aventureiros, apresadores de indígenas e conquistadores de terras destinadas à pecuária para que eles desbravassem os sertões. Desse modo, as regiões que, inicialmente, eram ocupadas por diversas tribos indígenas, com a chegada da Casa da Torre da Bahia e a expansão das fazendas de gado, deslocaram essas tribos para as capitanias vizinhas do Maranhão e Ceará, com inúmeros conflitos na região (Alves, 2003; Sousa, 2008).

No devassamento e ocupação do Piauí, o regime das grandes propriedades em formas de sesmarias marcou a história da colonização da região, pois essas, ao serem

⁹ Na concepção de Relph (1979), o espaço não é exatamente perceptual, sensorial ou representacional, ele é vivido. E porque ele é vivido deve haver tantos espaços quantos forem as experiências espaciais, ou seja, como nossa consciência de espaço se modifica dependendo de onde estamos, ela também se redefine nos quesitos qualidades e significações. O espaço geográfico é uma fusão dos espaços da superfície, telúrio, água, ar e espaços de imaginação e projeção, ou seja, é sempre um espaço rico e complexo, ordenado de acordo com as intenções e experiências humanas, uma vez que estamos imersos e prolongados no espaço por meio de nossas ações e percepções.

¹⁰ Para Halbwachs (2006), a memória de uma sociedade estende-se até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta. Está em permanente interação, sendo moldada e sofrendo influências sociais e coletivas a que está exposta.

concedidas, não serviam ao cultivo e aproveitamento da agricultura, mas, sim, para a expansão territorial que tomava forma de latifúndios e proporcionava o aumento da área para pastagem do rebanho e, conseqüentemente, viabilizava o crescimento do poder dos fazendeiros (Sousa, 2008).

As grandes áreas de sesmarias eram divididas em fazendas – espaços ligados às condições dos recursos hídricos –, vastos pastos e currais, cuja extensão dependia do tamanho do rebanho e de sua produção. Elas eram segmentadas em sítios, em terras arrendadas, lócus onde se desenvolvia o cultivo para subsistência (Melo & Machado, 2021).

Das mais importantes fazendas situadas por Domingos Afonso Mafrense, destaca-se a aldeia de Cabrobó (mais tarde freguesia e Vila da Mocha) e Oeiras, capital da capitania e da província até o ano de 1852, quando a cidade principal do Piauí passou a ser Teresina. Em 1696, foi criada a freguesia da Mocha, sob a invocação de Nossa Senhora da Vitória (Cunha, 2015).

Ilustração 03. 1º Templo piauiense: Catedral de Nossa Senhora da Vitória em Oeiras.



Fonte: Mais Oeiras, 2023¹¹.

¹¹ Recuperado de: <https://maisoeriras.com.br/>.

O segundo processo de formação do território piauiense vincula-se à propagação do catolicismo popular¹², pela elite rural, em que a religião foi um elemento presente no processo de ocupação, controle do território e pacificação dos nativos. A hierarquia eclesiástica contribuiu para o domínio por meio da “missão evangelizadora” que buscava o controle religioso sobre os fiéis e suas práticas religiosas (Brandão, 2015). Como ocorria em todo o Brasil, a Igreja Católica acompanhava a conquista dos espaços coloniais portugueses pela evangelização e catequese dos indígenas e pelos serviços religiosos prestados aos colonos, com uma forte presença de missionários franciscanos e jesuítas no território piauiense.

Conforme enfatizam Pinheiro e Moura (2009), a atuação da Igreja Católica, nos séculos XVII e XVIII, precedeu a constituição de vilas e cidades, pois os missionários já pregavam aos povos autóctones e faziam as desobrigas, percorrendo o sertão e administrando os sacramentos quando as fazendas eram fixadas. A própria administração do Piauí Colonial, baseada na fundação de vilas, considerava a preexistência de freguesias, em diferentes e distantes lugares do território piauiense, haja vista que, onde havia uma freguesia católica, passou a existir uma vila e, posteriormente, uma cidade. As práticas devocionais atuavam como estratégias político-religiosas no processo de gestão das terras conquistadas.

No período da colonização piauiense, a vida religiosa se fazia com pouca assistência, isto é, o amparo só ocorria nos períodos de desobriga, em meio às grandes extensões de terra e longas distâncias entre as paróquias. Oliveira (1985) destacou que as capelas rurais permaneciam nas mãos de agentes religiosos leigos – os rezadores, capelães, beatos e beatas –, em suma, responsáveis pelas atividades religiosas locais, por manter as tradições do catolicismo popular. Longe do controle eclesial, os leigos

¹² Para Oliveira (1997), o catolicismo popular é compreendido tendo em vista que a produção religiosa realizada por seus membros contempla crenças e vivências relacionadas ao sagrado e ratificam sua prática ao fornecer sentido à sua realidade. Por sua vez, Brandão (2010) destaca que, em decorrência do crescimento e expansão das diversas culturas, seria possível falar em catolicismos populares, pois, diante dessa pluralidade, o catolicismo é visto como uma “religião de todos” e “entre todos”. Em suas múltiplas faces e alternativas de fé e de vivência comunitária da fé, conecta-se e incorpora-se, polissemicamente, às várias culturas e às diversas situações dos universos culturais em que existe. E é justamente nessa pluralidade de formas de ser, de sentir-se e viver que consiste, em parte, sua força enquanto “unidade religiosa”.

assumiam a função do vigário e eram incumbidos das celebrações e comemorações aos santos que reuniam a população¹³.

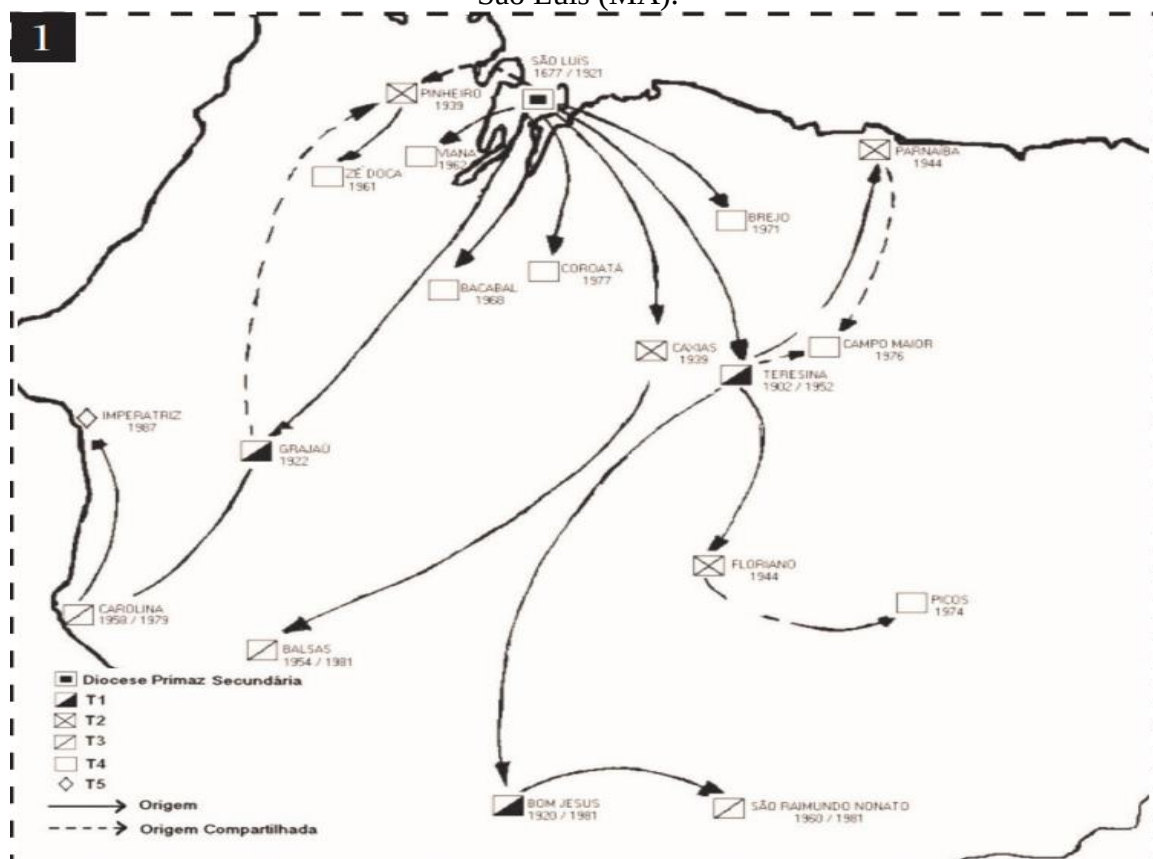
A sociedade piauiense colonial era definida com marcas de um “isolamento territorial/colonial”, decorrente da distância firmada entre as unidades de produção e da ausência de vias de acesso aos distantes centros de decisão política da Colônia, somado às próprias características da pecuária, que interferiam nas relações sociais locais e conferiam, ao povo do sertão, um *modus vivendi* específico cujo resultado fora a adequação de valores morais, normas sociais e institucionais (Brandão, 2008).

A história religiosa do Piauí pode ser compreendida em três períodos: o colonial; o da independência à propaganda em favor da criação do bispado; e os desdobramentos após a posse do primeiro bispo (Cunha, 2015). Ainda no Período Colonial, o Piauí esteve sob jurisdição da Bahia e, depois, do Maranhão. A pecuária foi desenvolvida, também, pela ação dos padres jesuítas, da Companhia de Jesus, no século XVIII, momento em que atingiu ponto de maior desenvolvimento. Diferentes espaços do Brasil, como o Maranhão, o Ceará e as províncias do Sul, eram abastecidos pelos rebanhos originários do Piauí, até a expulsão dos jesuítas, quando tiveram suas fazendas incorporadas à Coroa e entraram em declínio. Em 1811, o Piauí tornou-se uma capitania independente (Pinheiro & Moura, 2009).

Até o início do século XX, o Piauí estava submetido à Diocese Primaz Secundária do Brasil, de São Luís, ocupação da área que, hoje, é denominada Maranhão, criada em 1677, conforme mostra a Ilustração 04, a qual aponta a origem e a difusão das dioceses da região Nordeste, a partir de São Luís. O surgimento ocorreu de forma diferente, com territorialidade independente do restante do país, porém não afastada da ideia de catequese vigente. A criação não se deu por desmembramento de Salvador – essa, por sua vez, foi criada em 1551, a partir da Santa Sé, enquanto a Diocese de São Luís foi instituída com o desmembramento da Diocese de Lisboa, isto é, instaladas de forma independente uma da outra (Rosendahl, 2012).

¹³ Reconhece-se, na prática religiosa rural, a sua função utilitária (Queiroz, 1968) e prática (Zaluar, 1983), voltada para o local e para a execução de promessas e para a realização de festas aos santos, o que possibilita à população fazer escolhas em função de suas necessidades – quais ritos religiosos e associações religiosas devem ser conservados, e os sistemas de crenças e de práticas religiosas interpretados enquanto afirmações simbólicas sobre a vida social dos que o seguem e executam.

Ilustração 04. Mapa da origem e difusão das dioceses da região Nordeste, a partir de São Luís (MA).



Fonte: Rosendahl, 2012.

Em 1902, foi criada a diocese do Piauí – a contar do desmembramento da então diocese de São Luís do Maranhão –, que, em 1944, passou a ser denominada de Teresina, elevada à categoria de Arquidiocese em 1952. A diocese de *Piauhy* foi constituída pela bula *Supremum Catholicam Ecclesiam*, em 20 de fevereiro de 1901, pelo Papa Leão XIII, e abrange todas as paróquias do Piauí. O primeiro bispo, D. Joaquim Antônio Almeida¹⁴, foi nomeado em 1905, e tomou posse em 1906. A autonomia eclesiástica do Piauí era justificada pela distância entre Teresina e a sede episcopal do Maranhão, o que provocava dificuldade, morosidade e dispêndio dos recursos espirituais (Pinheiro, 1999).

A criação da Diocese do Piauí buscou ordenar e direcionar o trabalho catequético sobre as populações locais, tendo em vista que muitas práticas religiosas populares eram precariamente organizadas por irmandades religiosas leigas, desde a segunda metade do século XIX. Como exemplo, podemos citar as irmandades do Senhor

¹⁴ Primeiro Bispo do Piauí (1906-1911).

Bom Jesus dos Passos, de Nossa Senhora do Rosário e do Glorioso São Benedito, constituídas, oficialmente, em 1859, na cidade de Oeiras. Elas atuavam como sociedades de sepultamento, organizações de ajuda mútua, centros da vida religiosa, responsáveis por organizar ritos, festas e celebrações (Pinheiro & Moura, 2009).

O bispado piauiense foi criado na conjuntura da Reforma Católica do século XIX, que tinha como proposta a moralização do clero e da Igreja. E, para isso, fazia-se necessário romanizar a Igreja brasileira, criando dioceses e ampliando a hierarquia eclesiástica (Pinheiro, 1999). Esse processo de “romanização” estava estruturado na ação reformadora dos agentes religiosos para adequar o catolicismo brasileiro ao modelo romano, centrado na prática dos sacramentos e na obediência à autoridade eclesiástica (Oliveira, 1985).

Existiam muitas dificuldades de convivência entre o recente bispado criado e a população local, cujo cotidiano era marcado pelo catolicismo devocional, isto é, não se enquadrava no catolicismo sacramental, com o rigor das práticas religiosas e com os novos costumes propostos pela Igreja, que se apresentava muito mais tradicional do que renovada (Pinheiro, 1999).

Com exceção de Teresina, todas as dioceses do estado do Piauí foram criadas após 1930. A dinâmica de povoamento e as atividades econômicas representam as relações estratégicas da Igreja e o momento socioeconômico do estado em questão. A diocese é o território religioso de controle eclesiástico, cuja gestão religiosa cabe aos bispos, agentes religiosos especializados com forte poder hierárquico-administrativo de criação e difusão de novas dioceses (Rosendahl, 2012, 2013).

De acordo com a classificação da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)¹⁵, o Piauí compreende a Regional Nordeste 4 e se caracteriza por possuir a difusão territorial religiosa a partir de São Luís. Atualmente, o estado apresenta as seguintes dioceses: Bom Jesus do Gurguéia, Campo Maior, Floriano, Oeiras, Parnaíba, Picos, São Raimundo Nonato e Arquidiocese de Teresina.

¹⁵ A CNBB subdivide o Nordeste em cinco regiões: Nordeste 1, que compreende o estado do Ceará; Nordeste 2, que se refere aos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas; Nordeste 3, que engloba os estados de Sergipe e Bahia; Nordeste 4, que representa o estado do Piauí; e Nordeste 5, representado pelo estado do Maranhão.

Quadro 01. Relação de dioceses do Piauí.

Dioceses	Origem	Ano de criação
Diocese do Piauí	São Luís	1902
Arquidiocese de Teresina		1952
Diocese de Bom Jesus do Gurguéia	Piauí	1920
	Diocese	1981
Diocese de Parnaíba	Teresina	1944
Diocese de Oeiras	Piauí	1944
Diocese de Picos	Oeiras	1974
Diocese de Campo Maior	Teresina/Parnaíba	1976
Diocese de São Raimundo Nonato	Bom Jesus	1960
	Diocese	1981
Diocese de Floriano	Oeiras	2008

Fonte: Adaptado da CNBB – NE 4 (2023).

A diocese do Piauí, ao ser desmembrada, deu origem às de Oeiras-Floriano e Parnaíba (1944). A de Parnaíba, juntamente com a arquidiocese de Teresina, criou a diocese de Campo Maior, em 1976. Do desmembramento da diocese de Oeiras-Floriano, surgiu a de Picos, em 1974, e, mais recentemente, a de Floriano, elevada a essa categoria em 2008. Já as prelazias de Bom Jesus do Gurguéia e São Raimundo Nonato tornaram-se dioceses em 1981. Verificava-se que a organização dos territórios da Igreja era dinâmica, modificando-se, quer pela criação de novas dioceses, quer por fragmentação das paróquias (Rosendahl, 2013). A criação das dioceses piauienses reforça a participação da Igreja Católica na organização espacial do Piauí, bem como na hierocracia manifestada no espaço sacralizado de Santa Cruz dos Milagres, subordinada a Arquidiocese de Teresina.

A origem da devoção, de acordo com os principais registros¹⁶, data do final do século XIX. Também conhecida pela tradição oral como Olho D'Água dos Milagres, localizava-se na Fazenda Jatobá, situada na região de Valença¹⁷, à margem esquerda do rio São Nicolau¹⁸. As primeiras estrofes do poema intitulado “Romance da Santa Cruz”,

¹⁶ Os registros oficiais constam no 2º Livro do Tombo da Paróquia de Valença e no Decreto de dedicação do Santuário da Santa Cruz dos Milagres (1998), além do livro de memórias escritas por Padre David Mendes.

¹⁷ Valença é a mais antiga paróquia da região e foi a primeira paróquia a que Santa Cruz pertenceu até 1968. Após esse período, com o objetivo de atender às recomendações do Concílio do Vaticano II e aproximar o maior número dos fiéis de suas práticas, houve uma reorganização das paróquias, com a redistribuição dos padres no interior do estado.

¹⁸ O Rio São Nicolau nasce no Município de São Miguel do Tapuio e percorre cerca de 150 km antes de confluir com o rio Sambito, no Município de São Félix do Piauí. É intermitente e apresenta o curso inicialmente orientado para oeste, depois para sul por 40 km, e, em seguida, corre para oeste até encontrar o rio Sambito. Resgatado de:

http://www.bibliotecaflorestal.ufv.br/bitstream/handle/123456789/3487/Parte-2-Caderno-da-Regi%C3%A3o-Hidrogr%C3%A1fica-do-Parnaiba_MMA.pdf?sequence=2. Acesso em junho de 2022.

escrito pelo Padre David Mendes¹⁹ no livro de memórias, descreve sobre mito de origem, e expressa formas de resistência nas práticas devocionais, desde as condições sertanejas do lugar até as formas de enfrentamento e resiliência pela vivência da religiosidade construídas na memória coletiva.

[...] Miragem santa nos sertões plantada,
Mancha de luz na seca que estremece
Os corações de gente tão sofrida,
O lado bom e sublime de sua vida
Viva esperança de quem nunca esquece.

Ali surgiu no século passado,
Sua história é só lenda e coração.
Ninguém o fez, ninguém mesmo o criou:
Foi artifício de Deus do Criador,
Aceitando da fé ideal sublimação.

A lenda do Beato e do Vaqueiro
Plantando a Cruz no alto da Colina,
E as águas cristalinas da nascente
Tudo se fez concreto e tão presente
Na cura milagrosa da Menina. [...]

A hierofania local configura-se em torno de uma cruz de madeira rústica conhecida como “chapadeiro”, com 1,50 m de comprimento e 0,80 cm de envergadura, presa ao centro por um prego de ferro. Seu aparecimento está relacionado à figura do Beato, que institui a devoção ao demarcar os espaços e apresentar os símbolos sagrados ao vaqueiro, o primeiro a testemunhar os “milagres” com a cura e o restabelecimento da saúde de sua filha por meio da água, tornando-se o precursor da devoção à cruz sagrada piauiense.

¹⁹ Primeiro pároco do Santuário de Santa Cruz dos Milagres (1968-1998). Durante os 30 anos à frente do Santuário, foi o principal responsável pelas melhorias na infraestrutura e organização das festividades.

Ilustração 05. Imagem da cruz na Igreja Matriz.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

A devoção à Santa Cruz se cristalizou nas narrativas relacionadas ao aparecimento da cruz e do olho d'água milagroso, e os devotos foram modelando o espaço sacralizado. A crença no sobrenatural e a capacidade imaginativa do *homo religioso* em dar significado às suas necessidades espirituais e sociais estruturaram o tempo-espaço sagrado de Santa Cruz, ao passo que as experiências imprimem formas e funções simbólicas religiosas.

A constituição do espaço sagrado ocorre a partir das representações e experiências dos devotos. Em relação à devoção, a cruz simboliza a imagem de Maria, Nossa Senhora, uma devoção mariana, bem como a cruz como “Madrinha”, uma relação social de apadrinhamento que busca estreitar as relações afetivas. Os vínculos proporcionam uma rede de relações que conduz à proximidade, à intercessão e à proteção firmada pela experiência com o sagrado. Brandão (2010) destaca a necessidade de um sagrado rico de mitos, de imagens pessoais afetivas e interativas, pois carecemos de

santos, de imagens, de pessoas humanas e sagradas que, sendo como nós, sejam também seres próximos o bastante de um “Deus todo-poderoso” para pessoalmente intercederem por nós.

Se uma santa pode ter inúmeras faces ou formas, no lugar sagrado em questão, ela possui o formato de cruz. As formas simbólicas (Fernandes & Gil-Filho, 2011) não são espelhos que refletem o mundo empírico, muito pelo contrário, são a própria condição para a visão e apreensão das imagens. Por conseguinte, é possível perceber como a devoção à Santa Cruz, ao atender às necessidades, emoções e experiências religiosas de cada devoto, cristalizou-se no imaginário coletivo, tomada pela forma da cruz.

A tradição oral foi responsável por difundir os “prodígios” da Santa Cruz. Nesse contexto, milagre se refere a um pedido – realizado antes ou depois da execução da promessa – considerado atendido (Zaluar, 1983). Com a propagação das romarias e dos milagres do Juazeiro no alto sertão do Ceará e do Olho d’Água, no município de Valença no Piauí, tais espaços passaram a reunir e concentrar muitas pessoas. As narrativas e os pedidos se aperfeiçoaram, as promessas criaram obrigações rituais, reforçando as devoções e produzindo os espaços sacralizados, que, posteriormente, foram legitimados e organizados pela hierarquia da Igreja Católica (Cunha, 2015).

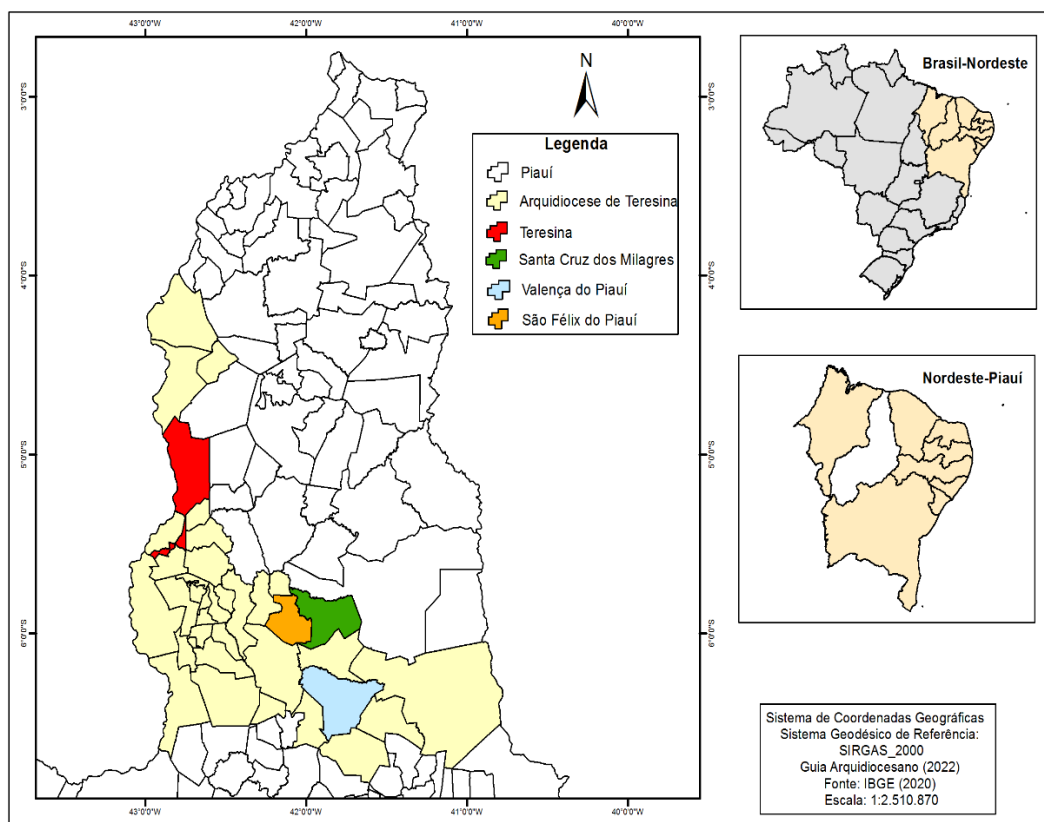
Na terra da “Santa Cruz”, os primeiros registros de edificações datam de 1888 e constam no 2º Livro do Tombo da paróquia de Valença, período em que fora erguida uma capela de palha, designada pelo bispo maranhense Dom Antônio Cândido do Alvarenga (Silva, 2019). Embora os primeiros registros em torno do surgimento da Capela de Santa Cruz datem de antes da criação da diocese do Piauí, a partir da sua implantação, as ações eclesiais tornaram-se mais efetivas na constituição do espaço, tanto por meio de construções e reformas no templo sagrado como na participação efetiva do bispado na condução das celebrações e eventos, visando a centralidade das decisões em torno das práticas religiosas.

De maneira geral, como parte das atividades do bispado, era necessário o contato mais direto com os fiéis para ministrar os ofícios católicos e realizar o trabalho de doutrinação da população (Pinheiro, 1999). E a devoção à Santa Cruz, por se tratar de uma expressão do catolicismo popular, também foi alvo de controle e coerção das práticas devocionais pela Igreja Católica.

Além da organização interna do território religioso, resultado do surgimento e crescimento das dioceses piauienses, a elevação da Arquidiocese de Teresina, em 1952,

e as novas diretrizes propostas pelo Concílio do Vaticano II (1962-1965) propunham uma renovação pastoral, visando a uma maior aproximação entre Igreja e fiéis, na tentativa, muitas vezes camuflada, de controle das práticas devocionais. Realidade também observada em Santa Cruz dos Milagres, subordinada à paróquia de Valença até 1968. Contudo, com a divisão das paróquias passou, posteriormente, à tutela da Paróquia de São Félix e, na atualidade, integra a Arquidiocese de Teresina, juntamente com 37²⁰ municípios piauienses, conforme mostrado no mapa (Ilustração 06), abaixo.

Ilustração 06. Mapa de localização da Arquidiocese de Teresina.



Fonte: Adaptado do IBGE (2020) & Guia Arquidiocesano (2022).

Verifica-se que a comunidade religiosa, com suas práticas sociais coletivas associadas com o poder eclesial sobre os homens e o imaginário religioso, constrói continuamente novos significados (Rosendahl, 2013), contudo, ressalta-se aqui que, para

²⁰ Agricolândia, Água Branca, Amarante, Angical, Aroazes, Barro Duro, Curalinhos, Demerval Lobão, Elesbão Veloso, Francinópolis, Hugo Napoleão, Inhumas, Jardim do Mulato, Lagoa Alegre, Lagoa do Piauí, Lagoinha do Piauí, Miguel Alves, Miguel Leão, Monsenhor Gil, Nazária, Novo Oriente, Olho D'Água, Palmeirais, Passagem Franca, Pimenteiras, Prata, Regeneração, Santa Cruz dos Milagres, Santo Antônio dos Milagres, São Félix do Piauí, São Gonçalo, São Miguel da Baixa Grande, São Pedro do Piauí, União, Valença e Teresina (Guia Arquidiocesano, 2022).

além das ações institucionalizadas, as vivências e experiências devocionais dos indivíduos são preponderantes na construção do território religioso. Os significados atribuídos por eles tornam-se referências simbólicas para uma comunidade que se apropria dessa carga simbólica das manifestações permitindo compreender como o espaço sagrado de Santa Cruz foi desenhado a partir desse imaginário religioso e das relações de poder que o perpassam (Santos, 2006).

1.3 As sacralidades e resiliências na construção do lugar

O lugar sacralizado funde-se no cruzamento entre as relações compartilhadas (lugar das relações) e um lugar de ordem transcendente, um ponto em que tocam ou tocaram o divino e o humano ou o divino e a natureza, passando esse lugar a ser encarado como especial e, em muitos casos, único, resultando na sua sacralização. Representa, pois, uma realidade transversal e diferente de acordo com os sistemas de crenças, tendo em comum, além de uma topologia do sagrado, um imaginário do espaço de caráter sagrado, conferindo significados que o estruturam (Santos, 2006). Esses significados emanam da relação sujeito-lugar, uma vez que os indivíduos definem o lugar sagrado, o qual está vinculado à sua realidade cotidiana, ou, mais precisamente, à sua conduta, que é determinada por práticas que adquirem um significado (Costa, 2013).

A relação entre o sagrado e os lugares insere-se em uma ordem pela qual a experiência religiosa cria formas espaciais, reunindo um sistema de símbolos capaz de tornar os lugares em algo humanamente significativo. A religião, destarte, faz parte do universo de significados inerentes à experiência humana, no qual o homem não vive somente no universo dos fatos, mas em um universo simbólico (Costa, 2013; Pereira & Gil-Filho, 2012).

O lugar sacralizado estrutura, simbolicamente, a relação entre mundos diferentes: o invisível e o visível, o sagrado e o profano, o mítico e o geográfico (Santos, 2006). Na perspectiva do dualismo sagrado/profano, introduzido por Eliade (1992), propõe-se a manifestação do sagrado regido por uma hierofania²¹, instituindo uma delimitação espacial. Todavia, o espaço sagrado não é homogêneo, apresenta rupturas

²¹ “O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela” (Eliade, 1992: 13).

que lhe conferem heterogeneidade, traduzida pela experiência de uma oposição entre o lócus sagrado, o único que existe, realmente, e todo o resto, isto é, a extensão que o circunda.

A experiência religiosa primária corresponde a uma fundação do mundo, que precede toda a reflexão sobre ele próprio. Por conseguinte, a ruptura produzida no espaço permite a constituição do universo, porque é ela que descobre o ponto fixo, o eixo central de toda a orientação futura. Nessa perspectiva, a manifestação de qualquer hierofania no espaço ocasiona tanto a ruptura na homogeneidade espacial como a revelação de uma realidade absoluta, que se opõe a uma não realidade da imensa extensão envolvente (Eliade, 1992).

Em outras palavras, o espaço sagrado é heterogêneo por emergir de diferentes manifestações hierofânicas que o tornam, qualitativamente, forte e significativo, separando-o do espaço comum, cotidiano e/ou profano. Nessa concepção, o lugar sagrado não resultará de uma escolha deliberada do Homem, mas de uma descoberta do indivíduo e daquele espaço, que é considerado especial (Santos, 2006).

Em contrapartida, algumas tendências de pesquisas geográficas sobre religião apontam para as manifestações espaciais do fenômeno religioso a partir das formas religiosas já impressas na paisagem, como para Pereira e Gil-Filho (2012), que defendem que o sagrado é dotado de autonomia e capacidade de organizar o espaço sacro.

Há duas possibilidades de construção do espaço sagrado. A primeira relaciona-se à manifestação divina (hierofania); a segunda, por meio dos rituais, nos quais o homem religioso tem a necessidade de se movimentar em um mundo sagrado e participar do ritual de sua construção. Na primeira possibilidade, a manifestação divina envolve uma hierofonia primordial que consagra o espaço e permite que se obtenha um ponto fixo, o “centro”; na segunda, o espaço sagrado se revela por meio dos rituais, cujos arquétipos do lócus são copiados e repetidos, sucessivamente, na construção de cada novo espaço sagrado (Rosendahl, 1996).

O sagrado deixa um registro permanente na paisagem, pois impacta o lugar, e, no arranjo das atividades humanas, a materialização espacial do sagrado se torna ainda mais visível nas hierópolis²² por meio de formas espaciais. A organização dicotômica

²² Refere-se “às cidades que possuem uma ordem espiritual predominante e marcadas pela prática religiosa da peregrinação ou romaria ao lugar sagrado. Pelo simbolismo religioso que esses locais possuem e pelo caráter sagrado atribuído ao espaço, podemos chamar esses locais de hierópolis ou cidades-santuários” (Rosendahl, 1996: 82).

sagrado-profano dota o espaço sagrado de distinções, geradas com base na hierofania, capazes de reorganizar o seu entorno e, ao mesmo tempo, fornecer ao fiel a mediação entre ele e a divindade (Pereira & Gil-Filho, 2012).

No contraponto, as correntes pós-modernistas negam o caráter absoluto que demarca o espaço sagrado do profano, proposto por Eliade (1992), pois visualizam que algumas formas contemporâneas de religiosidade não podem ser conduzidas por essa visão bipartida. O que se observa é que as manifestações sagradas e profanas só podem ser compreendidas pelas referências culturais, experiências e narrativas (Santos, 2006).

O que seria um denominador comum para as concepções tradicionais e pós-modernas é a busca do sagrado no espaço, ou seja, para manifestar sua vivência espiritual, o devoto precisa se deslocar para o lugar sagrado (Rosendahl, 2012). A relevância da concepção de sagrado *versus* profano consiste em compreender realidades que estão demarcadas espacialmente e que, geralmente, são determinadas por diferentes comportamentos (Santos, 2006).

A criação de lugares sagrados decorre da ação simbólica desenvolvida pelo homem pelos processos que indicam a organização de um espaço socializado e que representa a própria história, estabelecendo um elo entre o mundo e as relações simbólicas. O lugar é um conceito polissêmico ligado à própria existência do homem, individualmente ou em sua dimensão coletiva (Costa, 2013).

Eles estão impregnados de sentidos, atribuídos tanto por seus membros quanto por interesses e pessoas externas ao lugar. “Os lugares simbólicos resultam de um complexo processo de criação, interno ou externo, para o qual há várias tensões que envolvem diferentes agentes sociais criadores e usuários de significados” (Corrêa, 2012: 140). As formas simbólicas assumem a dimensão espacial quando estão diretamente vinculadas ao espaço, constituindo-se em fixos e fluxos, isto é, localizações e itinerários, atributos primários da espacialidade. Os lugares e itinerários simbólicos podem ser descobertos em diferentes contextos culturais envolvendo espaço, tempo e padrões de significados e distintas escalas espaciais (Corrêa, 2012).

Baseando-se nessas discussões teóricas, é possível apreender como as manifestações espaciais do fenômeno religioso, partindo das expressões materiais, foram configuradas ao longo dos anos no espaço sagrado de Santa Cruz dos Milagres. Ao analisá-la, juntamente com povoado de Muquém, no interior de Goiás, na década de 1990, Rosendahl (1993) identificou no sagrado um centro de coesão rural. Tais centros de

convergência religiosa foram desenhados pela prática devocional e delimitaram seus espaços e tempos sagrados, sobretudo, durante as festividades religiosas.

Com uma paisagem tipicamente rural, de difícil acesso e uma área pouco povoada, o espaço sagrado de Santa Cruz dos Milagres foi demarcado por ocasião dos festejos, das romarias e do comércio, organizado a partir do centro cósmico no qual a Igreja Matriz se localizava. Tal lócus é considerado forte, definido e consagrado, enquanto a outra parte – contínua, não sagrada – é periférica ao centro cósmico, em que vivem as pessoas, de maneira a realizar práticas religiosas e o roteiro devocional. Existe uma inter-relação entre o espaço sagrado e profano, no entanto, eles não se misturam. A centralidade da Igreja Matriz, lócus da hierofonia, localizada no centro e no alto do morro, sacraliza o espaço, já o espaço profano decorre de sua articulação com o sagrado (Rosendahl, 2012).

Ilustração 07. Primeiro Santuário e Igreja Matriz de Santa Cruz dos Milagres.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

O sagrado, em sua dimensão espacial, apresenta várias questões relacionadas às formas e funções. Na Ilustração 08, é possível visualizar o desenho do espaço sacralizado em Santa Cruz dos Milagres, na década de 1990, demarcado pelas relações funcionais entre os espaços sagrado e profano que se realizam em tempos, também, sagrados (Rosendahl, 2018).

Diagrama de um espaço urbano planejado para uma comunidade, mostrando a Igreja, barracas para dormir e comprar, casas permanentes, escadas, e o rio São Nicotau. O diagrama inclui uma legenda com símbolos para Barracas para Dormir, Barracas para Compra e Serviços (Rua Pavimentada), Casas Permanentes, Escadas, Espaço Sagrado e Procissão.

A demarcação espacial possibilita verificar como as estruturas físicas se modificaram, ao longo dos tempos, e quais elementos foram construídos e incorporados. Tratava-se de estruturas simples, cuja improvisação era o elemento chave na organização dos alojamentos e preparação dos alimentos. Também não havia banheiros públicos e, tampouco, fornecimento de água.

Com o crescimento contínuo de romeiros, verifica-se a presença de formas espaciais duplas em uma mesma hierópolis (Rosendahl, 2018), resultado da construção arquitetônica de catedrais ou templos amplos essencialmente funcionais e práticos em comparação com o espaço sagrado original. As formas na arquitetura dos espaços sagrados evoluem como marcadores temporais no espaço. Em Santa Cruz dos Milagres, a duplicidade se faz presente com a edificação do novo templo, concluída em 2016 (Ilustração 09).

Ilustração 09. Imagem interna e externa do novo Santuário.



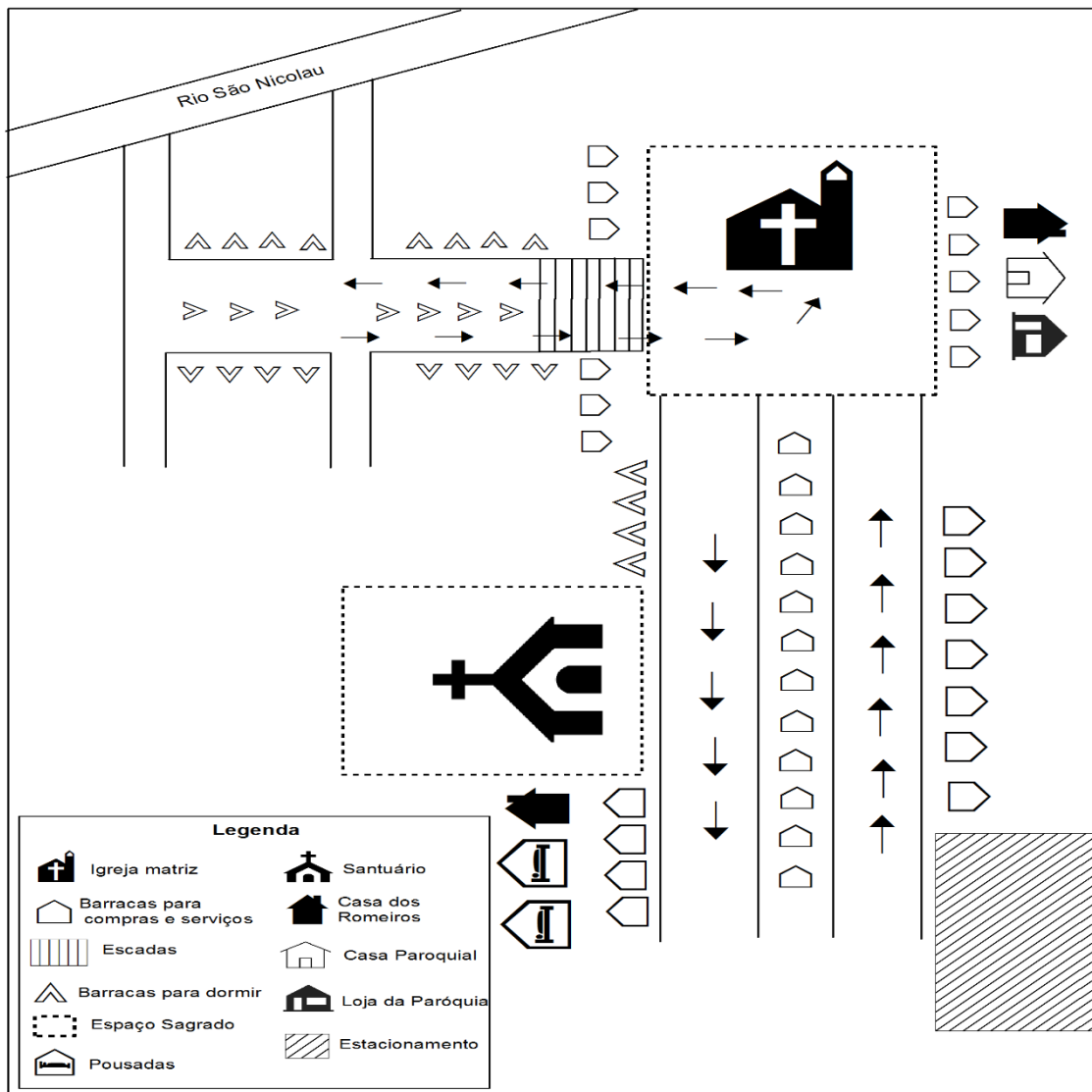
Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

O novo templo respondeu a uma necessidade urgente de expansão da área física, com vistas a atender aos anseios básicos dos visitantes (espaço amplo, coberto e seguro) e ratificando a centralidade da Igreja Católica. O Santuário reconfigurou o roteiro devocional e afetou as relações comerciais devido à concentração de devotos em determinados espaços em detrimento de outros.

Pela facilidade de ingresso ao lugar, haja vista que este localiza-se próximo ao primeiro acesso à Cidade, contribuiu para concentrar as práticas dos devotos, propiciando maior acolhimento, bem como para o alcance de banheiros e comércio. Com

a diminuição do tempo de visitação, muitos romeiros afirmam concentrar suas atividades nas dependências do novo templo. A fim de compreender como o espaço sacralizado   remodelado a partir dos espaços construídos na Cidade, a Ilustração 10 mostra essa dinâmica.

Ilustração 10. Ampliação do espaço sagrado de Santa Cruz dos Milagres.



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Para os romeiros, a nova edificação, também representa a demarcação entre velhas e novas práticas. Com relação aos rituais realizados e lugares visitados, um dos entrevistados destacou que participa “[...] da missa na parte nova e na igreja velha, vou no Olho d’ gua”. Sinaliza uma demarcação nos rituais, mediante a modernização dos espaços, que pode representar uma resiliência nas práticas dos romeiros, os quais reeditam

os ritos, conforme eles percebem e vivenciam os lugares, diante dos novos fixos e símbolos que são inseridos no espaço sacralizado.

As adaptações realizadas nas práticas também estão condicionadas aos aspectos socioeconômicas, em que a jornada de trabalho interfere no tempo de lazer e, conseqüentemente, nas viagens com motivação religiosa. Um Morador entrevistado enfatizou tais mudanças no perfil econômico dos romeiros: *“Em 1998, quando passei a residir aqui em Santa Cruz dos Milagres, o perfil dos devotos era proveniente das camadas populares, atualmente está mesclado, percebe que pessoas com o poder aquisitivo mais elevados hoje são devotos da Divina Santa Cruz”*. As adaptações refletem a capacidade das práticas religiosas de se ajustarem às mudanças nas condições de vida e nas demandas da sociedade contemporânea. Na Ilustração 11, registra-se a crescente presença de romeiros, sobretudo, nos finais de semanas, em períodos não festivos, utilizando transportes particulares.

Ilustração 11. Entrada central do novo Santuário.



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

O Santuário também é construído nas memórias dos romeiros que, ao rememorarem suas experiências, reconstroem práticas pessoais que os conectam com esses lugares, conforme narra uma devota entrevistada: *“Eu tenho muitas histórias de lá, quando eu comecei a ir pra lá também não tinha o santuário, só tinha a igrejainha*

pequena, eu fui também pra pedra fundamental, que foi o início do santuário, ficávamos pensando: “meu Deus quando vou ver esse santuário pronto?”, e agora tá pronto e muito bonito [...]”. Na concepção halbwachiana, a memória pode ser compreendida pelo processo narrativo de rememorar experiências, no qual o sujeito remodela e revive as experiências individuais e coletivas, sujeitas às flutuações e transformações constantes. E embora se configure como algo mutável, Pollak (1992) destaca a existência de elementos constitutivos da memória, que atuam na sua solidificação e estão relacionados aos acontecimentos vividos pessoalmente, aqueles vividos pela coletividade e aqueles representados por pessoas, personagens e lugares de memória. Para os devotos que puderam acompanhar a construção física e simbólica do novo Santuário, representa motivo de orgulho e satisfação, propiciando um senso de história e identidade religiosa compartilhada.

Em vista disso, as práticas religiosas que, antes, eram realizadas, muitas vezes, fora da sacralidade do Santuário, pelas próprias condições físicas da Igreja matriz, ocorrem, agora, todas dentro do espaço interno do novo templo. Verifica-se uma dinâmica de casa, em que as pessoas dormem e alimentam-se nas dependências externas, rezam e ficam em silêncio, conversam, compram e realizam pesquisas, tudo ao mesmo tempo. Os significados dados pelos indivíduos, pelas experiências e práticas religiosas que se materializam no lugar sagrado, são capazes de desenvolver sentimentos de pertencimento e sociabilidade pelos grupos que deles se apropriam.

Outros romeiros ainda destacam Santa Cruz dos Milagres como um lugar de memórias²³, que os remetem às “*lembranças afetivas*”, “*romarias do interior*”, “*lembranças da infância*”, “*familiares e amigos reunidos na romaria*”. Os vínculos sociais e afetivos estabelecidos no lugar reforçam os laços topofílicos e de apego com a devoção, e as lembranças são reavivadas e rememoradas pelos devotos.

Em outro depoimento, a entrevistada descreve que a Santa Cruz “*Representa a promessa de meu nome, a fé da minha avó na santa ao fazer uma promessa no dia do*

²³ Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea e por isso é preciso manter certos rituais e marcos testemunhas. Se de um lado eles se encontram fechados sobre sua identidade, do outro é constantemente aberto sobre a extensão dos seus significados. A memória é seletiva, pois nem tudo fica registrado, uma parte é herdada, e a outra sofre flutuações à medida que está sendo expressa. É carregada por grupos vivos, sempre no tempo presente, em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável aos usos e suscetível às revitalizações. Emerge de um grupo que ela une, e há tantas memórias quantos grupos existam. Ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada, que se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto (Nora, 1993).

meu nascimento. É muito forte quando falo em santa, pois me lembra muito minha falecida avó paterna”. As promessas de famílias são compromissos assumidos pelo grupo, que os conectam às lembranças e aos sentimentos. Observa-se que, para cada romeiro, a representação da devoção é única, constituída pelas experiências vividas, a partir das narrativas e histórias repassadas por seus antepassados. Portanto, a identidade do romeiro de Santa Cruz é construída nas relações sociais com/no lugar, ao compartilhar memórias e histórias que os ligam ao passado e ao futuro.

As práticas religiosas são portadoras de densidade espacial (Santos, 2006) e os santuários evidenciam essa relação entre a manifestação do sagrado, a materialidade, e a experiência religiosa vivenciadas. No Quadro 02, apresento os principais enfoques teóricos, que contribuiu para o entendimento das práticas identificadas no Santuário de Santa Cruz dos Milagres.

Quadro 02. Principais abordagens teóricas relacionadas ao conceito de santuário.

Abordagem	Fonte	Ideias principais	Crítérios
Igreja Católica	Código de Direito Canônico 1230	Igreja ou outro lugar sagrado em que os fiéis, por motivo de piedade, em grande número, acorrem em peregrinação, com a aprovação do ordinário do lugar.	Lugar sagrado Convergência Legitimação institucional
	Pastoral do Turismo (2009)	Lugar de memória, presença e profecia do Deus vivo, proposto por meio das experiências e vivências.	Lugar sacralizado Experiência religiosa
Socioantropológica	Menezes (2004)	Lugar especial de devoção para os membros dessa religião, ao qual se atribui um acesso privilegiado ao sagrado, seja por sua relação com um episódio da história dessa religião; seja por sua localização geográfica, reinterpretada religiosamente; seja pela ação de um ou vários santos no local (por nele terem vivido, ou aparecido, ou por nele repousarem seus restos mortais, ou porque aí está sua imagem milagrosa).	Lugar sagrado Excepcionalidade Coletividade
Geografia da religião (católica)	Rosendahl (1996, 2012)	Lugares considerados sagrados por uma população regional, nacional ou de vários países. Associados a uma hierofania. Hierópolis	Lugar sagrado Manifestação do sagrado Delimitação espacial Funcionalidade
	Santos (2006, 2013)	Polos de atração de fiéis, lugares de destino de peregrinação, núcleos de transmissão de mensagens de conteúdo religioso.	Peregrinação Convergência religiosa Difusão

Geografia humanista e cultural	Oliveira (2020)	Espaços simbólicos de valores, intenções, memórias e projeções coletivas. Fundam-se no permanente contato com o turismo, com os sistemas de comunicação, as estruturas e redes de cidade, com o mundo do trabalho, da política, do comércio, dos transportes, dos sistemas agrários, dos grupos sociais mais diferenciados; da natureza, e de tudo que se inclui nas celebrações e acontecimentos festivos.	Lugar simbólico Coletividade Conectividade Celebrações
--------------------------------	-----------------	---	--

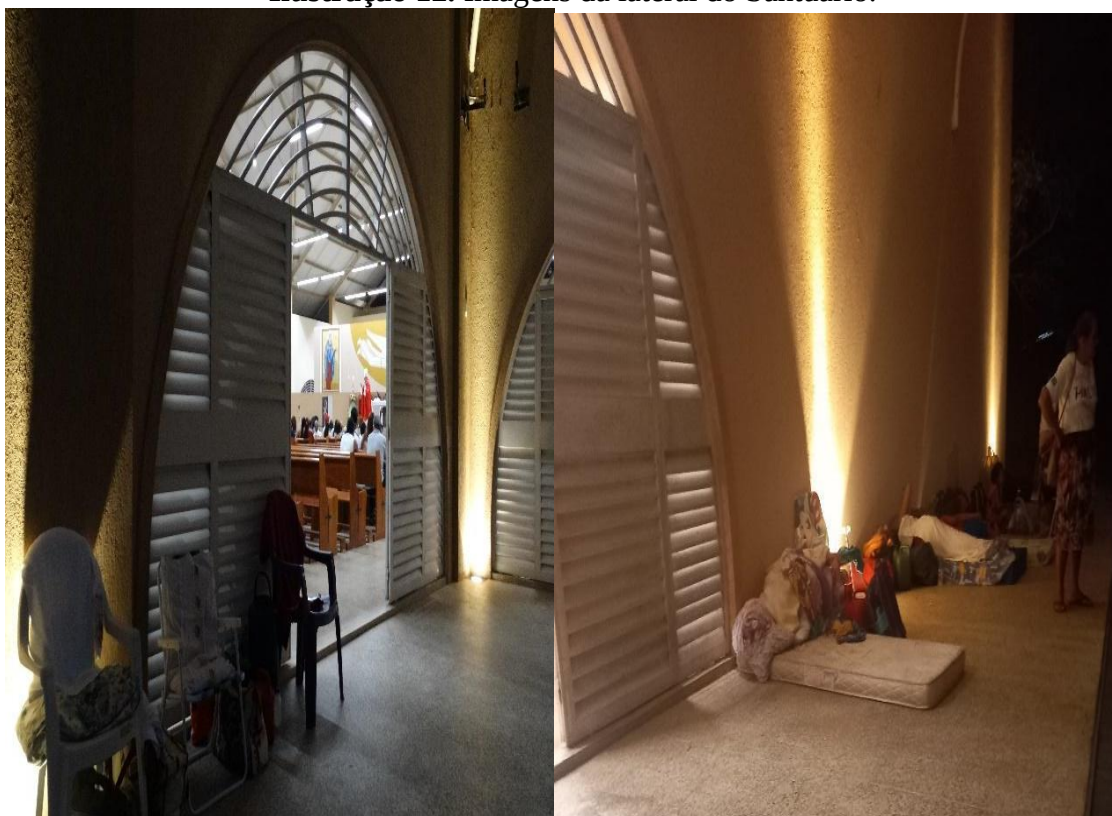
Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

A experiência do sagrado é dada pelo fiel (agente religioso), as dimensões sagradas são espacializadas a partir do sentimento expresso em narrativas, representações e diversas *performances* rituais. São as experiências religiosas que estruturam a dimensão da esfera religiosa. Nesse viés, a dinâmica do espaço sagrado reitera a transcendência própria da experiência religiosa. O espaço sagrado é a imagem da experiência religiosa cotidiana, assim como sua própria referência (Gil-Filho, 2001; Pereira & Gil-Filho, 2012).

Em Santa Cruz dos Milagres, as práticas devocionais dos romeiros, como as crenças, os ritos e narrativas, demarcaram os espaços sacralizados, que foram legitimados posteriormente pela Igreja Católica. Ainda nas primeiras edificações, a capela de pedra que abrigava a cruz de madeira rústica tornou-se alvo de afluência do povo em romaria oriundos dos povoados próximos, que transmitiam pela oralidade os prodígios da devoção. A espacialidade concentra-se na Igreja Matriz, no novo Santuário e nos espaços sacralizados (Cruzeiro, Campanário, Olho d'Água, Sala dos Milagres) e contemplam o cumprimento de promessas, a visita ao Santuário, a participação nas missas, novenas e romarias, o depósito de ex-votos, e os rituais de aspersão no Olho d'Água.

No novo Santuário, pela própria estrutura física que o lugar comporta, é comum encontrar romeiros que realizam atividades rotineiras nas dependências externas. Eles dormem e alimentam-se, rezam e ficam em silêncio, conversam e compram nas imediações, mas, pelas poucas condições financeiras e o tempo de permanência reduzido, é mais viável improvisar as acomodações nos arredores do templo.

Ilustração 12. Imagens da lateral do Santuário.



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Com a construção do novo Santuário em 2016, as principais celebrações, realizadas durante as datas festivas, passaram a contar com a presença constante do alto clero e a acolhida dos romeiros com hinos e louvores. Ao chegar ao Santuário, os devotos recorrem à programação oficial, que contém informações sobre horários de missas, terço, procissão e confissões.

De maneira distinta, a participação na missa é um dos primeiros ritos realizados durante a visita dos romeiros: *“Missa e bênção”*; *“Acompanho a missa e sempre vou à gruta.”*; *“Missa - Invenção de santa cruz”*; *“Chegar na cidade, entrar logo na igreja e me benzer.”*; *“Assistir à missa, agradecer e/ou recorrer ao auxílio diante (aos pés) da Santa Cruz.”*; *“Participo da missa, fui ao poço da água milagrosa”*; *“Oração em ação de graças, participando da Santa missa”*; *“Além de assistir à missa, subo ao alto da Cruz e desço as escadas até o poço dos milagres.”*; *“Assistir uma missa, fazer uma oferta para contribuir com as despesas da nova catedral, comprar livros fita ou terços na lojinha da paróquia”*.

Embora cada romeiro carregue consigo formas específicas de realizar seu roteiro devocional, a presença na missa representa o pagamento de suas promessas e um

momento de renovação de vínculo com a Santa Cruz. Mesmo com a força conservadora que existe nos rituais, na medida em que servem para dar continuidade durante um período, eles também são instrumentos de sua ação, que podem ser criados e alterados. (Peirano, 2002).

Depois da missa, o culto à imagem da Cruz ocupa a centralidade nos rituais. Nos dias de grande fluxo, uma extensa fila se forma atrás do altar, para que os romeiros possam tocar, rezar e pagar suas promessas diante da cruz. Os gestos, as orações, as súplicas são práticas individuais e particulares que cada romeiro realiza ao tocar a cruz.

Na Igreja Matriz, no primeiro Santuário até a construção do novo templo em 2016, observa-se as práticas de acender velas, depositar o *ex-votos* no cruzeiro (Ilustração 13), ou seja, trata-se de elementos materiais ofertados aos santos. Após os fiéis terem suas graças alcançadas, o pagamento da promessa é feito com uma representação iconográfica do objeto da benção (Zaluar, 1983).

Ilustração 13. Imagens de ex-votos colocados no cruzeiro central.



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Em Santa Cruz encontramos, além de partes do corpo esculpido em madeira, mechas de cabelo, fotografias, peças de roupas, imagens de santos, miniaturas de casas

de madeira. Esses artefatos são depositados na Sala dos Milagres, com destaque para a presença de dois bumba-meu-boi expostos na Sala (Ilustração 14). Na cultura nordestina, em especial no Piauí, a figura do boi se entrelaça com a história do povoamento piauiense, a festa do bumba-meu-boi representa uma manifestação cultural que congrega diversão e religiosidade envolvendo música, dança, poesia, cultura material, dramatização e ritual. Além dos preceitos do catolicismo, prevalecem na festa por meio das promessas que firmam o elo entre os santos e devotos, ou seja, existe uma pluralidade cultural, que é ressignificada e reforça os vínculos comunitários, demonstrando que as práticas estão em constante transformação.

Ao pesquisar a relação da Festa do Bumba-meu-boi com a Santa Cruz dos Milagres, constatamos que esta é a padroeira do Boi Mimo de Santa Cruz, grupo folclórico oriundo da capital Teresina. Esse grupo, criado em 2001 e apoiado pela Prefeitura de Teresina por meio da Fundação Cultural Monsenhor Chaves²⁴, caracteriza-se por ser mirim e familiar, e realiza romarias e apresentações anualmente na Cidade da padroeira, sobretudo, no período da Festa da Exaltação da Santa Cruz no mês de setembro.

Ilustração 14. Sala dos Milagres.



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

²⁴ Pedrazani, V. (2010). No “Miolo” da Festa: um estudo sobre o bumba-meu-boi do Piauí. Tese de Doutorado em História Social. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia.

Durante as festividades religiosas, as práticas comerciais e festivas ganham força e novos arranjos espaciais. Na escadaria da Igreja Matriz, a feira livre amplia-se, com comerciantes e ambulantes vindos de outros estados da região Nordeste. Os bens simbólicos ligados ao sagrado são comercializados e adquiridos como parte dos ritos, o que proporcionam aos romeiros levar um pouco das bênçãos e lembranças do lugar sacralizado para aqueles que não puderam ir.

O comércio se estende até o Olho D'água, no centro da Cidade. As pessoas se dirigem para a Igreja Matriz, no alto do morro, e descem pelas escadarias, comprando desde artigos religiosos até roupas, calçados, utensílios de cozinhas, enfeites, uma infinidade de produtos. A escadaria construída no final dos anos de 1980 propiciou a interligação entre as práticas sagradas e profanas em Santa Cruz dos Milagres, facilitando o acesso ao Olho D'Água.

Os romeiros que chegam à fonte, buscam nas águas da nascente, como destaca Brandim (2007), uma experiência religiosa e mítica, potencializada pelas ações que regem as práticas dos romeiros como o banho, a imersão do batismo, pagamento de promessas, ou mesmo quando a ingerem, confiantes na cura de doenças ou ainda quando a levam como “amuleto” em sinal de proteção e defesa no enfrentamento das dificuldades, nas suas vidas e de seus familiares.

As manifestações festivas demarcam o calendário religioso da Cidade em três grandes festividades: a Invenção da Santa Cruz realizada em maio; a Exaltação da Santa Cruz entre os dias 5 e 14 de setembro; e a Romaria ou “Encontro dos Santos”, realizada no 2º domingo de cada mês de novembro. Conforme já justificado, esta pesquisa debruça-se sobre as práticas devocionais vivenciadas durante a Festa da Invenção, pela peculiaridade de seus ritos.

Cada celebração possui singularidades e ritos específicos, que proporcionam aos romeiros práticas de devoção, sociabilidade e renovação da fé durante a visita ao Santuário e a participação nas celebrações e romarias. Nas festas “profanas”, as graças alcançadas são celebradas com danças e bebidas, e muitas pessoas que se deslocam para Santa Cruz dos Milagres estão interessadas em visitar o Santuário, sem se dedicar aos rituais conduzidos pela Igreja.

Como bem descreve a entrevistada: “[...] lá é um lugar muito quente, os festejos em setembro é muito calor, a pessoa se refresca mais indo pro rio durante o dia, tem gente que bebe, aquela farra toda, tem gente que vai só por causa da farra, nem é

por causa da romaria, tem gente que nem pisa na igreja, é só nos bares, nos festejos tem música ao vivo”.

Tendo em vista que as práticas de lazer e entretenimento são constitutivas da experiência dos romeiros de Santa Cruz, o turismo religioso deve ser compreendido como um fenômeno complexo resultante da confluência das motivações religiosas e profanas, que reforçam as ações, e podem ser reeditadas de acordo com as necessidades dos sujeitos.

CAPÍTULO 2 – TURISMO RELIGIOSO NA CIDADE DE SANTA CRUZ



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

2 TURISMO RELIGIOSO NA CIDADE DE SANTA CRUZ

Neste capítulo, discorreremos sobre a construção do conceito de turismo religioso, abordando as principais teorias, suas relações e dissensões com a peregrinação, bem como os critérios para categorizá-lo e as práticas que o compõem. Trata-se de um fenômeno complexo e dinâmico que necessita ser compreendido à luz do paradigma de mobilidade, seja este movimento performático, corporal, metafórico ou semântico (Coleman & Eade, 2004).

O turismo religioso modifica-se de forma mais ou menos intensa, em determinados aspectos, e apresenta uma miríade de variações motivacionais, de derivações simbólicas, de usos do espaço sacralizado e, por consequência, de novas disposições atitudinais dos visitantes.

2.1 As fronteiras híbridas entre peregrinação e turismo

Turismo e religião são fenômenos complexos e globais, cujas relações precisam ser compreendidas a partir da conjunção entre a oferta e a demanda. A oferta decorre do grande número de destinos turísticos importantes que foram desenvolvidos ao longo dos anos, e, em grande parte, associados às pessoas, lugares e eventos sagrados. Enquanto a demanda é alimentada pelos visitantes que encarnam o cruzamento entre espiritualidade, religiosidade e turismo, embora, às vezes, desconheçam seus verdadeiros motivos e o papel que essa intercepção desempenha no sistema turístico (Collins-Kreiner & Wall, 2015).

As análises defendidas por Stausberg (2011) e Giumbelli (2018) reforçam a existência de duas perspectivas distintas. A primeira depende de uma oposição essencial entre turismo e religião, e a segunda refere-se às interações atentas às interfaces e contatos entre os fenômenos. Embora a filiação do autor – que também defendemos nesta pesquisa – seja a abordagem centrada nas relações, é importante enfatizar que a opção pela perspectiva que privilegia as interações entre religião e turismo não pode estar desvinculada de uma reflexão crítica sobre essas categorias, pois, ao focar as relações, não significa que religião e turismo deixam de ser vistos como essencialmente opostos (Giumbelli, 2018).

A religião e o turismo originam-se de realidades mistas. As motivações e os objetivos permitem compreender os aspectos relacionais que aproximam e distinguem os conceitos de turismo e peregrinação, que acrescentam os aspectos temporais relativos à ideia do tempo sagrado, instituídos como preceito bíblico, e o tempo de descanso trabalhista. As percepções individuais também são centrais para estabelecer e assinalar as diferenças, pois o significado de um determinado lugar é compreendido por meio dos quadros de referências culturais e simbólicas (Santos, 2006).

Para estruturar um conceito de turismo religioso, faz-se necessário identificar o alargamento das manifestações turístico-religiosas que supere a perspectiva de oposição (dualidade) e continuidade (perspectiva histórica), ou seja compreensão sobre os fenômenos deve se configurar nas suas confluências e divergências. Duas proposições básicas constituem o turismo religioso: a primeira considera uma distinção restrita, entre peregrinação e turismo religioso; a segunda, por sua vez, concebe um sentido mais amplo, no qual a peregrinação se insere no quadro mais geral desse tipo de turismo²⁵ (Santos, 2006). E ambas, no conjunto espacial simbólico dos centros devocionais em renovação e acessibilidade, podem conviver e contrastar suas características específicas, sem maiores problemas.

A sistematização dos estudos sobre peregrinação contribui para compreender como as mudanças nos deslocamentos devocionais foram ocorrendo e como as fronteiras com o turismo se tornaram fluidas e, cada vez mais, ofuscadas. Nessa perspectiva, o turismo moderno é considerado um fenômeno relativamente novo, mas suas origens estão enraizadas na antiga prática da peregrinação e somente uma análise profunda permite entender o seu desenvolvimento (Collins-Kreiner, 2010, 2020a).

A peregrinação é um tipo de “circulação”, uma forma de mobilidade populacional. Esse conceito abrange as dinâmicas dos movimentos em larga escala de pessoas, objetos, capital e informações em todo o mundo, bem como processos mais locais de transporte diário, movimento por meio do espaço público e de coisas materiais na vida cotidiana. A circulação religiosa é uma dessas formas de mobilidade que necessita

²⁵ Sobre essa distinção, Chevrier (2021) destaca que, para muitos pesquisadores, o elo entre a peregrinação e turismo está dividido entre filiação, companheirismo e distinção radical. A ideia de uma filiação direta é defendida principalmente pelos historiadores, segundo a qual as peregrinações medievais poderiam ser interpretadas como as primeiras formas de turismo. Com a idealização da invenção do turismo na aristocracia europeia no século XVIII, a distinção das práticas de peregrinação foi estabelecida e privilegiada.

de uma compreensão das diferentes escalas espaciais, assim como seu impacto sobre o comportamento humano (Collins-Kreiner, 2010, 2020a, 2020b).

Ao examinar as principais teorias e conceitos, é possível apontar as transformações mais significativas nas pesquisas sobre peregrinação, bem como os aspectos que foram acrescentados ou modificados aos paradigmas existentes e as mudanças decorrentes de novas teorias no campo do turismo. As pesquisas foram deslocadas para o pós-modernismo²⁶ e oferecem uma abordagem alternativa e complementar para explicar as fronteiras entre o peregrino e o turista pós-moderno, referindo-se a movimentos e centros, fluxos globais, identidades sociais e negociação de significados (Collins-Kreiner, 2010).

Até os anos de 1970, os conceitos de turismo e peregrinação desenvolvidos principalmente por sociólogos e antropólogos, eram tratados como dois assuntos dissociados, não havia estudos de sua inter-relação ou comparação, pois eles eram circunscritos à experiência do visitante e às dinâmicas psicossociais que impulsionavam os diferentes tipos de experiência turística (incluindo a peregrinação). Posteriormente, novas teorias no campo do turismo constataram mudanças nos aspectos de diferenciação: as similaridades dos fenômenos deram início aos estudos relacionais entre peregrinação e turismo (Collins-Kreiner, 2010, 2020a).

Nesse viés, MacCannell (1976, 2018) desenvolveu uma teoria do turismo centrada nas conexões, considerando que, à medida que as mudanças macrosociais ocorrem na sociedade, elas se refletem diretamente no campo turístico, isto é, os atrativos turísticos se diferenciam dos demais objetos e eventos por sua representação simbólica²⁷ e são eleitos a partir dos valores e das relações humanas. Esse simbolismo que emerge das atrações turísticas manifesta, assim, as visões de mundo da modernidade.

²⁶ O pós-modernismo representa um conjunto de ideias que surgiu como uma área de estudo acadêmico em meados dos anos 1980. As propensões de desconstrução (ou de ruptura das teorias existentes) tendem a enfatizar o subjetivo sobre o objetivo e uma crescente atenção é dada às experiências individuais. Nesse sentido, como proposta do pós-modernismo, nos estudos sobre peregrinação, também foi visível a propensão de desconstrução dos pressupostos existentes, com uma expansão das áreas pesquisadas e alteração nos direcionamentos de análises. O fato é que esse movimento pós-modernista não implicou o colapso das teorias existentes, tampouco, uma transformação nítida, isto é, não houve uma mudança nas teorias, mas uma ampliação, o que permitiu a multiplicidade de interpretações (Collins-Kreiner, 2010).

²⁷ Graburn (1983), ao realizar uma análise simbólica do turismo, reconheceu que ele é um ritual secular que cumpre funções relativas ao campo do sagrado nas sociedades modernas, ou seja, esse é funcional e simbolicamente equivalente a outras instituições que os homens utilizam para dar sentido às suas ações e aos seus símbolos. A partir dessa perspectiva, é possível verificar um paralelismo entre o papel do turismo como um ritual secular na vida moderna e as formas de viajar mais tradicionais, tais como as peregrinações.

O turismo, nessa perspectiva, é uma forma de ritual na tentativa de superação da descontinuidade da modernidade e incorporação dos fragmentos em uma experiência unificada, ainda que a diferenciação permaneça. Fenômeno este também observado nas atrações turísticas, pois o ato de viajar configura-se como uma espécie de envolvimento com as aparências sociais que ajuda o indivíduo a construir totalidades, com base em experiências díspares. O turismo, portanto, como exploração do mundo pelo indivíduo em busca de algum tipo de autenticidade, é um ritual presente na vida social moderna (MacCannell, 1976).

Os estudos com foco na desconstrução de categorias unitárias, como peregrino e turista, constataram que os vínculos que as unem não são claros e bem delimitados, ou seja, há uma esfera mais complexa de dissonâncias, ambiguidades e conflitos (Eade, 1992²⁸; Rinschede, 1992²⁹).

A partir dos anos 1990, ampliou-se a vertente econômica expansionista pautada na lógica de investimento regional na geração de ocupação-renda-consumo. Com novas ideias incorporadas, a exemplo do conceito de *continuum* turismo-peregrinação³⁰ (Smith, 1992). Assim, embora haja uma perspectiva ainda dicotômica, isto é, de polos opostos dos paradigmas tradicionais, entre o sagrado e o profano, há uma aproximação ou distanciamento entre eles. As motivações são múltiplas e mutáveis e podem ser

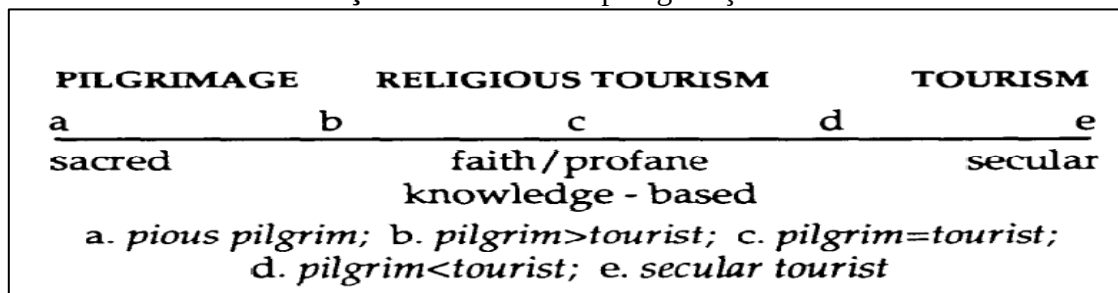
²⁸ Identificou em Lourdes, na França, uma propensão para a dissolução das dicotomias fora dos “domínios” do Santuário. Mesmo no espaço organizado e hierarquizado do santuário existem diversas interpretações de significados para a peregrinação, como o trabalho voluntário desenvolvido por ajudantes. Dentro da categoria, foi evidenciada uma hierarquia complexa de diferenciações moldadas pelos interesses e procedimentos específicos dos organizadores do santuário, coexistentes com interpretações alternativas desenvolvidas pelos próprios ajudantes. Além de outros aspectos observados, como o consumo de bens religiosos, o vestuário adotado pelos peregrinos e a visita de espaços diversos.

²⁹ Reconheceu na motivação religiosa parcial ou exclusiva o fator central para classificação. No entanto, de maneira geral as diferenças entre as formas únicas não são claramente definidas e podem apontar formas de transição. Ao passo que muitas jornadas podem ter múltiplas motivações e outros objetos subordinados, no caso, as peregrinações e outras viagens religiosas são definidas como jornadas multifuncionais, mesmo quando os fatores religiosos predominam. A motivação religiosa perde importância diante de aspectos como a localização, pois lugares de peregrinação que estiverem em áreas de grandes atrações turísticas terão mais desenvolvimento e expansão, bem como centros religiosos que estão em áreas com conexões de viagens favoráveis aos grandes centros urbanos.

³⁰ Nessa ideia de *continuum* entre peregrino e turista, Cohen (1992) também identifica dois movimentos: para o peregrino, a jornada é para o centro de seu mundo, sua fonte consagrada, o seu cosmo; e, para o turista, a viagem ocorre em direção oposta, periférica. Apesar de direcionamentos aparentemente opostos, possuem aspectos comuns, ambos são liminares no centro, enquanto nas margens as formas e ordens se dissolvem. As diferentes experiências turísticas expressam graus variados de intensidade e profundidade em que temas estruturais profundos são realmente vivenciados e realizados pelo turista, e que podem transformar-se a partir de diferentes gradações, eles encarnam, diferentes etapas da transformação do outro em um centro eletivo.

alteradas à medida que os interesses e as atividades dos sujeitos sofram mudanças, de forma consciente ou inconsciente.

Ilustração 15. *Continuum peregrinação-turismo.*



Fonte: Smith, 1992.

O percurso turístico do peregrino é redefinido como duas vias paralelas e intercambiáveis. Em uma delas, tem-se a rota secular do conhecimento da ciência ocidental; na outra, o caminho sagrado da fé e da crença. Conforme a Ilustração 15, a área central (c) é definida pelo turismo religioso; (b) é mais peregrino que turista e (d) mais turista que peregrino. Todos os hóspedes em todo o mundo podem viajar por qualquer pista, ou alternar, dependendo da necessidade ou motivação pessoal, de acordo com as condições de tempo, lugar e circunstâncias culturais (Smith, 1992).

As peregrinações não são mais de domínio exclusivo das viagens religiosas e muitos tipos de turistas são motivados a viajar para destinos convencionalmente religiosos/espirituais por uma busca muito mais ampla, como bem-estar espiritual, iluminação, conhecimento e relações sociais. O conceito de peregrinação secular foi desenvolvido para tratar de viagens a locais sagrados não religiosos ou “peregrinação da Nova Era” que possam ter significado espiritual. Antes dos anos de 1990, a maioria dos estudos considerava a peregrinação como um fenômeno mais geral³¹ e, após esse período,

³¹ Nolan e Nolan (1992), após um levantamento das peregrinações cristãs na Europa Ocidental, identificaram três categorias abrangentes no universo das atrações de turismo religioso, quais sejam: os santuários de peregrinação não turístico; as atrações turísticas religiosas; e os festivais religiosos. O primeiro grupo refere-se aos santuários com forte ênfase em devoções religiosas, mas com poucas características para atrair turistas seculares; o segundo, aos santuários que funcionam como centros devocionais de amplo alcance e possuem atrações de turismo religioso em virtude de características históricas, artísticas e cênicas do local; e, por fim, lugares onde os festivais religiosos são as principais atrações. Embora o enfoque a partir do local considere que a oferta de artefatos religiosos exerça esse poder atrativo, também reconhece que entre os visitantes pode haver um cruzamento entre os peregrinos devotos que buscam uma experiência religiosa e os turistas seculares que buscam satisfazer sua curiosidade sobre

o indivíduo e suas experiências pessoais tornaram-se foco de interesse (Collins-Kreiner, 2010, 2020a).

Sobre essa mudança da análise do indivíduo a partir de um fenômeno mais plural das peregrinações, identificaram-se três etapas: a primeira refere-se às tipologias³²; a segunda, à desconstrução das tipologias, incluindo a classificação das experiências dos visitantes em subtipos; e a terceira etapa, à que constata que um visitante pode ter diversas experiências, e pode haver alternância de acordo com suas percepções³³ (Collins-Kreiner, 2010). A percepção de mundo de cada peregrino e como ele se reconhece ao longo do *continuum* peregrino-turista é pessoal e subjetiva, o que endossa a teoria de uma conexão emergente entre turismo e peregrinação, já proposta por Smith (1992) e Cohen (1992).

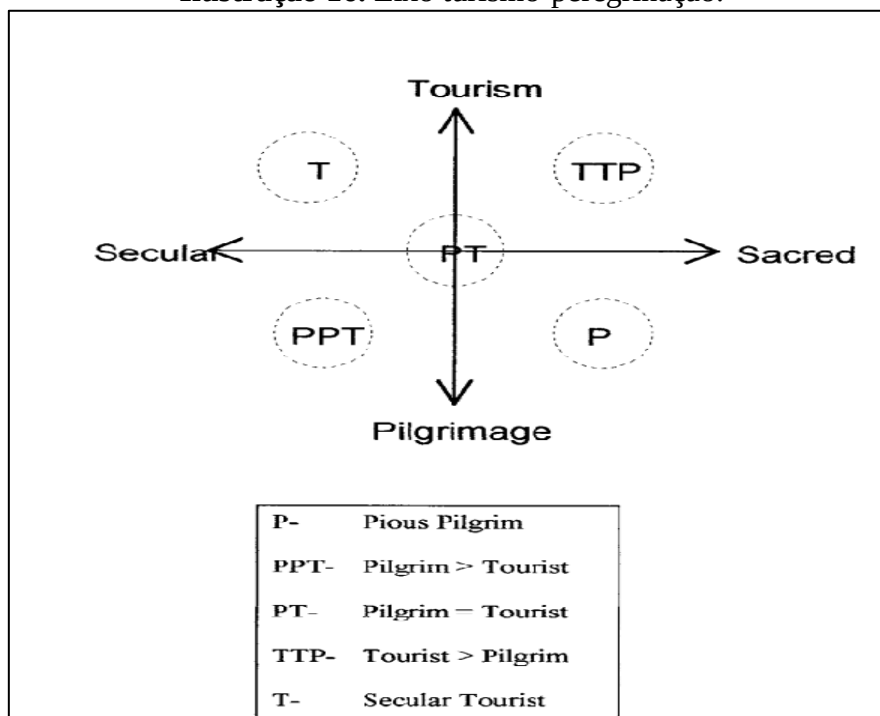
A Ilustração 16 apresenta a escala entre secularismo/sacralidade e turismo/peregrinação, classifica e cria outras tipologias que ressaltam tal convergência. O peregrino piedoso (P) localiza-se mais próximo do limite sagrado, enquanto o turista (T), situa-se na divisa com o turismo. Visitantes que se reconhecem turistas (PPT), mas que portam crenças que o aproximam das motivações religiosas, estão mais ao lado sagrado do turismo. Caso um visitante peregrino manifeste o desejo de visitar locais não religiosos cujas motivações não são totalmente religiosas, este se encontra próximo do peregrino secular (TPP). (Collins-Kreiner & Kliot, 2000).

o lugar sagrado. Quanto mais experiências são compartilhadas, mais conflitos de interesse estão presentes entre os visitantes, dificultando o equilíbrio entre peregrinos e turistas.

³² Cohen (1979) desenvolveu uma tipologia fenomenológica das experiências turísticas: turismo recreativo, de diversão, experiencial, experimental e existencial. Esses foram definidos com base no lugar e no significado da experiência turística na visão total de mundo dos turistas, isto é, sua relação com um “centro” percebido e a localização deste em relação à sociedade em que vivem.

³³ Collins-Kreiner e Kliot (2000), ao pesquisarem o caráter comportamental dos peregrinos cristãos em Israel, identificaram a possibilidade de avaliar as características “turísticas-comportamentais” que caracterizam os peregrinos pela autopercepção, isto é, com base em suas crenças, sentimentos, motivações, comportamentos e experiências.

Ilustração 16. Eixo turismo-peregrinação.



Fonte: Collins-Kreiner & Kliot, 2000.

Observa-se que houve uma mudança da perspectiva objetiva (objeto) para a subjetiva (sujeito), isto é, a forma pela qual cada um interpreta a sua própria experiência passou a ter mais relevo do que a experiência oferecida pelo próprio objetivo proposto. Considerando a heterogeneidade da peregrinação, como proposto por Eade e Sallnow (1991), constata-se também a ampliação nas áreas de pesquisa a partir do reconhecimento de que existem múltiplos discursos concorrentes, os quais disputam significados para direcionar os agentes envolvidos – peregrinos, moradores e o clero – a esses espaços sagrados (Collins-Kreiner, 2010). Outros lugares, tais como festivais e locais espirituais, memoriais de guerra e túmulos, santuários seculares, atividades esportivas, construções sagradas e outras experiências, tornaram-se focos de investigação, considerando que nenhum lugar é intrinsecamente sagrado.

Ademais, as peregrinações e suas respectivas paisagens, como todos os lugares, são “construções” que não surgem simplesmente, mas são processos de “sacralização”, um processo sequencial pelo qual as atrações turísticas são marcadas como santuários significativos e quase religiosos. A própria palavra “peregrinação” passou a ser designada em quadros amplos e seculares para se referir a visitas a túmulos

de guerra, sepulturas e residências de celebridades e cemitérios e locais funerários como peregrinação sagrada e secular (Collins-Kreiner, 2010).

Com essa ampliação do campo de pesquisas, o conceito de “oposição” passou a figurar juntamente com o de “complementariedade”, o que Collins-Kreiner (2010) descreveu como uma mudança da abordagem “ou-ou” para “ambos-e”. Nesse contexto, aponta-se para o conceito de “Centro do Mundo” proposto por Eliade (1992), como locais de peregrinações que acessam espaços transcendentais ao promover a abertura e a conexão com o sagrado. E, na direção oposta, Turner (2013) considera que a peregrinação se movimenta de um centro mundano para a periferia sagrada, em que esta se torna central para o indivíduo, ainda que transitoriamente.

A partir dos anos 2000, à medida que os pesquisadores começaram a discutir conceitos modernos de peregrinação no contexto de motivações e ações espirituais, bem como não religiosas, a sua definição passou a acomodar jornadas religiosas tradicionais e seculares modernas. Considerada como um fenômeno holístico com fundamentos sagrados e seculares, resultante de um processo de “rejuvenescimento” em que se perdem alguns de seus atributos únicos – os religiosos, no caso –, ela incorpora novas identidades, a saber: peregrinação secular, turismo espiritual, turismo religioso, turismo de igreja, turismo negro e turismo transformacional (Collins-Kreiner, 2020b).

As peregrinações seculares modernas indicam que a busca por “algo milagroso” é uma característica compartilhada por religiosos e peregrinos seculares, pois ambos buscam uma experiência mística ou mágica, um momento em que experimentam algo fora do comum, que marca uma transição do mundo secular mundano de sua existência cotidiana para um estado especial e sagrado. Essa experiência é descrita de diferentes maneiras: transformações, iluminação, eventos de mudança de vida e de consciência (Collins-Kreiner, 2010; 2020b). O conceito de movimento, portanto, foi aplicado à peregrinação, superando visões simplificadas do fenômeno.

Para Coleman e Eade (2004), as peregrinações são constituídas de várias formas de movimentos, sejam eles incorporados, imaginados ou simbólicos. Tal prática é compreendida como metamovimento, uma combinação da própria mobilidade com um grau de reflexão quanto ao seu significado, forma e função. O movimento não é analisado apenas dentro da própria cinesia, mas incorpora uma estrutura mais ampla de jornada, na

qual a peregrinação também pode proporcionar oportunidades de análises e até mesmo reincorporar viagens passadas³⁴.

Assim, as dimensões da mobilidade consideram, como fio condutor, o movimento como uma atividade marcada pela reflexividade, no qual os próprios modelos de peregrinação ou viagem sacralizada pelos atores não devem ser compreendidos dissociados dos outros aspectos da vida social, cultural ou mesmo religiosa. No macrocontexto da economia política das viagens e a globalização das culturas (religiosas), são evidentes as interações dinâmicas entre processos transnacionais, nacionais e regionais. Em nível micro, o movimento incorpora práticas inerentes à peregrinação, combinadas com análises das geografias sagradas e arquiteturas que fornecem base material e simbólica para tal movimento. Em tais casos, o foco na peregrinação como ritual e *performance* está em primeiro plano, envolvendo encontros, às vezes, imprevisíveis entre formas litúrgicas, imaginação pessoal e a memória traduzida em atos do corpo (Coleman & Eade, 2004).

Kolen (2012), considerando o conceito macro e transnacional, acompanhou grupos de peregrinos católicos irlandeses em suas viagens a dois santuários marianos – em Medjugorje, na Bósnia-Herzegovina, e em Lourdes, na França – com a finalidade de apreender a forma pela qual as peregrinações são vivenciadas, e como os peregrinos dão forma e significado aos rituais de peregrinação nos diferentes destinos. O autor identificou tanto um sentimento de unidade (*communitas*) fora da estrutura social regular como a pluralidade de experiências dada por cada peregrino, ambas possíveis e não necessariamente excludentes. A partir do ponto de vista externo práticas e os significados aparentam estar em oposição, contudo, na percepção dos peregrinos encontram-se conectados.

Nessa linha de pensamento, não foi encontrada uma vivência conflituosa, decorrente da multivocalidade na experiência, o que se observou foi uma “imaginação

³⁴ De acordo com Coleman e Eade (2004), quatro sentidos que não são mutualmente exclusivos permitem compreender a peregrinação como metamovimento. O primeiro considera o movimento como ação performativa, cuja moção pode afetar (nem sempre conscientemente) certos aspectos sociais e transformações culturais; o segundo corresponde à ação corporificada e indica a importância do corpo, valorizando a presença corporativa e os testes corporais. No terceiro, ele é como parte de um campo semântico, no qual o seu significado necessita estar contextualizado com a cultura local e a cultura de mobilidade, analisando espaço, lugar e paisagem. Por fim, o movimento é compreendido como metáfora, que se relaciona com os conceitos simbólicos de peregrinação interior e vida como jornada, presentes em contextos místicos.

criativa do *homo religiosus*”, isto é, a capacidade de dar sentido a ideias e práticas religiosas que as tornem ou façam com que permaneçam úteis do ponto de vista pessoal. E essa habilidade tem o caráter de mutação contínua, em uma interação complexa entre os diferentes elementos (Kolen, 2012).

O conflito ainda é presente, mas ocorre em nível pessoal, na expectativa criada entre os peregrinos em suas interações regulares. No entanto, essas diferenças não comprometem os sentimentos de unidade e solidariedade, pois, mesmo diante da perda do sentimento de comunidade experienciado pelos peregrinos em estudo, resultado do processo de globalização que alterou o modo de vida e, conseqüentemente, a forma de vivenciar a religião, no ritual de peregrinação, as fronteiras da comunidade são reafirmadas e construídas (Kolen, 2012).

O percurso investigativo realizado por Collins-Kreiner (2010), ao sobrelevar as permanências e continuidades nas pesquisas sobre peregrinações, representou uma mudança de paradigma. O significado da peregrinação transcende ciências como a geografia e a sociologia, e aponta para uma abordagem interpretativa capaz de esclarecer conceitos alternativos que, até então, eram negligenciados. As peregrinações são produtos da cultura em que foram criadas, retratando aspectos políticos, religiosos, culturais e sociais; normas e valores tradicionais também desempenham um papel relevante na formação de tal cultura e tradição. Fato é que, o turismo atuando como elemento transformador capaz de unir o antigo paradigma às pesquisas atuais sobre peregrinação, em que as distinções se tornaram cada vez menos eficazes, há a necessidade de aprofundar a concepção de continuidade de práticas, representações e valores.

2.2 Turismo religioso: práticas devocionais e turísticas

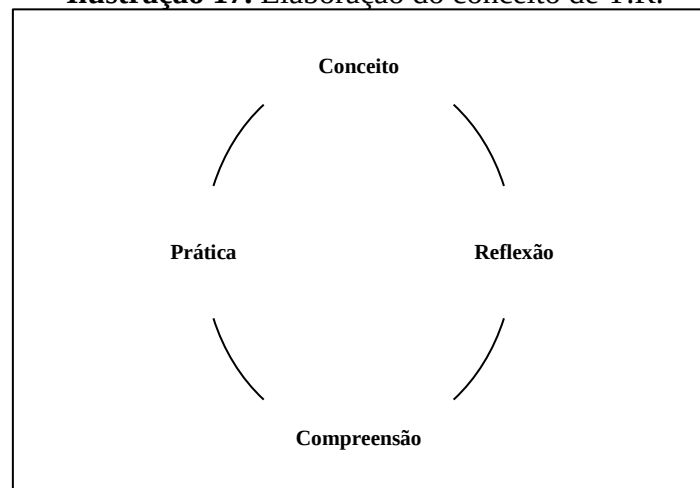
Evidenciando-se as mudanças no paradigma das peregrinações, o turismo religioso surge das questões relacionais entre os elementos característicos da peregrinação e dos traços particulares do turismo (Santos, 2006). Ainda que na tentativa de decifrar o enigma continuemos a sermos engolidos pela Esfinge do mundo antigo, segundo Oliveira (2004) já nos alertava, o crescimento e alargamento da prática turística prossegue a ser um desafio conceitual, um “oximoro”, conforme advertido por Chevrier (2021).

Mas, como definir e delimitar uma prática tão dinâmica que se mobiliza em diferentes situações, espaços e tempos? Um único conceito poderia conter as evoluções

contemporâneas do turismo e sua relação com os aspectos religiosos? Os questionamentos apontam que, mais importante que tecer conceitos, é necessário compreender a forma pela qual os elementos continuam a compor esse tipo de turismo, considerando os diferentes quadros (espaciais, socioculturais, ambientais), e apontar novos aspectos que os cenários mais recentes proporcionam ao turismo religioso.

Segundo já evidenciado com base em Oliveira (2004), o turismo religioso é uma prática com identidade, definições e limites, que devem ser compreendidos a partir dos seus elementos constitutivos místicos e socioespaciais. Assim, faz-se necessário apreender a dinâmica, os aspectos incorporados, bem como as representações e valores que acompanham as transformações no campo turístico e religioso por meio de uma ação reflexiva, que possibilite uma compreensão da *práxis* que ora se apresenta. (Oliveira, 2004)

Ilustração 17. Elaboração do conceito de T.R.



Fonte: Adaptado de Oliveira (2004).

Segundo Oliveira (2004), a identidade apresenta um vínculo com o exercício contemporâneo da peregrinação, que atualiza a prática e adapta as características do processo turístico de acordo com o cenário socioeconômico do fenômeno religioso. De tal modo, define-se o turismo religioso como uma “[...] peregrinação contemporânea motivada por celebrações relacionadas direta ou indiretamente com a cultura cristã” (Oliveira, 2004: 18). As interações entre esses fenômenos permitem qualificar os roteiros, os espaços e as festas como objetos sagrados e turísticos.

Dos fatores determinantes do turismo religioso, o elemento simbólico que remete ao sagrado é o principal componente. A mediação simbólica nesse turismo é feita

pela fé, controlada predominantemente pelo indivíduo, ou seja, a força do simbolismo aberto às mediações desenvolve uma identidade (coletiva e individual) que opera na dinamização dessa nova religiosidade e contribui para o crescimento do turismo religioso (Oliveira, 2004). Nesse contexto, os aspectos midiáticos e tecnológicos atuam como mediadores do sagrado e são, cada vez mais, determinantes na capacidade de escolha do indivíduo.

Santos (2006) afirma que o turismo religioso é uma recente mobilidade religiosa e turística, reforçando seus aspectos divergentes aos das modalidades históricas de peregrinação. Ainda, para essa autora, a diferenciação entre eles destaca-se com mais força no período do pós-guerra na Europa, decorrente do decréscimo das práticas institucionalizadas, da popularização das viagens com a ampliação de meios modernos de transportes, da secularização das sociedades e a consequente diminuição dos fluxos de peregrinação tradicional. Inicialmente, as agências de viagens é que buscaram explorar o recente segmento turístico, que combinava tanto elementos seculares como espirituais, surgindo primeiramente fora do domínio do campo religioso.

O turismo religioso é um conceito “desafiador”, frente ao conjunto expressivo de vertentes multidisciplinares necessário ao reconhecimento de que sem turismo religioso não pode haver planejamento público e privado ao desenvolvimento de qualquer santuário, por mais tradicional que seja sua perspectiva religiosa. Ele é resultante da confluência de motivações de fé religiosa e de ordem profana, uma realidade híbrida que conjuga novas e antigas necessidades humanas presentes na sociedade contemporânea. Oliveira (2004) também afirma que a fé promove a relação divina/humana, sagrada/profana, e viabiliza a multiplicação de paisagens e atrativos turísticos nesta modalidade religiosa.

O turismo religioso não corresponde apenas a uma atividade comercial normativa, pois abrange um componente espiritual que a própria hierarquia eclesiástica acolhe e apoia. Ele possui um conteúdo neutro, que contempla tanto as deslocamentos que entrelaçam motivações genuinamente religiosas como outras que podem ser comuns às várias modalidades de turismo. Renda, tempo de lazer e sanções sociais relacionam-se aos elementos operativos, presentes no turismo e na peregrinação (Smith, 1992).

A inserção de elementos típicos da peregrinação na atividade turística reduziu a distância entre as duas, decorrentes decorrem não só do enfraquecimento da peregrinação enquanto realidade socialmente relevante, mas de uma maior profundidade

nas finalidades e motivações de alguns tipos de turismo. Mesmo considerando que outros fatores contribuam para classificá-lo, a motivação é o critério essencial para definir o viajante em termos de dicotomia entre peregrino e turista (Santos, 2006).

Além disso, a capacidade que as motivações têm de englobar visitantes depende da habilidade de contemplar realidades mais ou menos afastadas dos paradigmas tradicionais, pois há uma diversidade de categorias intercalares que se distanciam dos arquétipos de turismo e peregrino e que desenvolvem atividades e apresentam comportamentos convergentes aos dois tipos de experiências. Embora as celebrações religiosas possam estar incluídas, elas, em si mesmas, não compreendem um ato de culto, visto que os visitantes buscam explorar os lugares em uma perspectiva histórica e artística, conectada ao sagrado e às antigas e novas formas de espiritualidade (Santos, 2006).

Ainda de acordo com Santos (2006), alguns critérios foram estabelecidos para distinguir o turismo religioso dos demais deslocamentos religiosos. O principal parâmetro que o torna específico, considerando-se o fenômeno geral do turismo, é a motivação religiosa que lhe subjaz, isto é, a finalidade espiritual a que se ordena, bem como a natureza sagrada do lugar ou lugares de destino. A motivação aqui tratada é dominante, tendo em vista que, na decisão de empreender qualquer deslocamento, mesmo para o turista mais genuinamente religioso, convergem várias motivações secundárias ou acessórias, além de elementos complementares à motivação, como o tipo de destino, as atividades desenvolvidas (práticas religiosas), a duração da viagem e estadia, o tempo religioso, a natureza religiosa do evento e o esforço físico e a fadiga (Santos, 2006).

O turismo religioso, assim, é composto pelas motivações do indivíduo (subjativa) e pela dimensão religiosa da área receptora (objetiva). Como as motivações são de ordem subjativa, é difícil medi-las ou quantificá-las na sua intensidade, destarte, o turismo religioso deve incluir não só as modalidades de turismo cuja motivação seja religiosa, num sentido mais tradicional, mas considerar a satisfação de exigências espirituais, que não estão necessariamente relacionadas a religiões institucionalizadas (Santos, 2006).

Há uma distinção entre as definições de turismo religioso e peregrinação. Aquele corresponde a toda e qualquer deslocação (voluntária, temporária e não remunerada) religiosamente motivada, combinada com outras motivações de outro tipo, que tem por destino um lugar religioso (de âmbito local, regional, nacional e

internacional), mas que não é, em si mesma uma prática religiosa. Esta refere-se a uma prática religiosa autônoma, fator central de diferenciação com relação ao turismo religioso e ao turismo de forma geral. Portanto, a intensidade da motivação religiosa, as atitudes e as consequências espaciais de cada um dos fenômenos nos lugares de destino compõem esses fatores de diferenciação (Santos, 2006).

Outros estudos que elucidam o conceito de turismo religioso são os desenvolvidos por Chevrier (2016; 2021), realizados no âmbito da geografia francesa de turismo e, muito embora constataremos uma relutância em utilizar-se do termo no debate epistemológico francês, eles dialogam com as sociedades e as instituições secularizadas. A secularização³⁵ e o secularismo desenvolveram-se, na França, no confronto à religião cristã, mais especificamente católica, criando-se uma tensão entre o Estado laico e a Igreja.

Para Chevrier (2021), o reconhecimento científico do turismo religioso decorre da própria definição de turismo proposta pelos órgãos oficiais, embora tais instituições discordem em alguns aspectos, o ponto de concordância consiste na ruptura com a vida cotidiana e no confronto com a alteridade propostos pelo quadro turístico. As atividades praticadas pelos turistas, associadas à recreação, são capazes de promover essa ruptura em relação às ações rotineiras, e, ao excluir ações que permitam essa recreação, todas aquelas com motivação religiosa, incluindo a peregrinação, também são desconsideradas. Esse aspecto gera uma situação reducionista do fenômeno, porquanto resume a motivação do turista a um único propósito (embora a recreação possa ser um objetivo de viagem, não é o único), desconsiderando, assim, o turismo como uma prática multifuncional.

Algumas visões equivocadas questionam se as práticas religiosas devem ser consideradas “sérias”, sem relaxamento, permissividade e, então, serem excluídas da esfera da recreação; ou, ainda, por serem associadas às atividades rotineiras realizadas pelos praticantes regulares, não devam ser consideradas turísticas.

³⁵ Conforme Berger (1985), a secularização é um processo socioestrutural ao qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das religiões e símbolos religiosos. No entendimento amplo, ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência, como uma visão autônoma e inteiramente secular do mundo.

No entanto, os estudos revelaram que, embora elas possuam rituais e até certas regras, não impedem que os religiosos utilizem o tempo livre para atos recreativos. Inclusive, durante as peregrinações voluntárias, essas práticas proporcionam ações festivas e diferentes dos seus locais habituais de culto (Chevrier, 2021). Isso ocorre porque a fé não exclui as formas de prazer, sociabilidade, riso e diversão. O viajante motivado pela fé não precisa, necessariamente, prescindir de outras motivações, tampouco deixar de satisfazer outras necessidades (Oliveira, 2004).

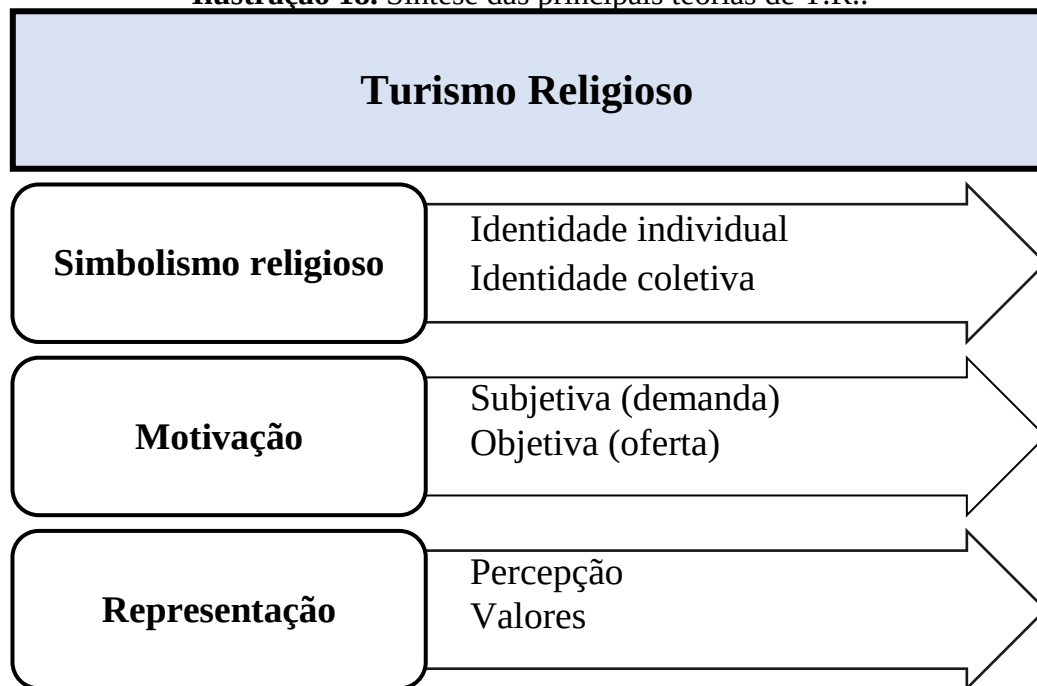
Aos olhos mais polarizados pela dicotomia, as práticas dos visitantes oscilam entre religiosas e turísticas, e não de uma visita à outra, mas, sim, durante a mesma visita. Porém, um coletivo de visitantes faz “oscilar” muito mais práticas, e boa parte delas em franca correlação com as duas atividades pelo ao mesmo tempo. Por exemplo, a compra do *souvenir* religioso pode representar práticas religiosas e turísticas.

O movimento reflete-se nas variações de representações dos locais construídos pelos visitantes, também transportados sobre o contínuo (Chevrier, 2016). Tais representações de visitantes se desdobram entre locais concebidos como exclusivamente espirituais e lugares exclusivamente considerados em sua dimensão histórica e cultural. Em outras palavras, visitantes de práticas peregrinas em sua totalidade consideram esses locais apenas como lócus de peregrinação, enquanto aqueles de práticas totalmente turísticas consideram-nos somente como importantes locais de herança. Entretanto, essas representações para a maioria dos visitantes são mais nuançadas, misturando caráter religioso e patrimonial e agregando valores mais pessoais. É possível, então, colocar os lugares no contínuo de acordo com as representações dominantes dos visitantes dentro deles.

Esse *continuum* refinado é reflexo de uma evolução do valor sagrado. Valor esse sempre contextualizado no sacroprofano da cultura que o mundo faz emergir e projetar em suas demandas gerais e espirituais. Mesmo com a secularização nos santuários católicos pesquisados, tal valor não desaparece do espaço, pelo contrário, é reforçado em alguns lugares. Os santuários e os vários monumentos do patrimônio religioso colocados no turismo permanecem investidos com um valor religioso sagrado, todavia, a secularização o revalorizou que, agora, oscila entre suas variações religiosas e seculares e faz parte do *continuum*, adicionando uma chave para entender as práticas dos visitantes: sejam religiosos ou turísticos, têm uma dimensão ritual ligada ao valor sagrado do qual o local é investido (Chevrier, 2021).

As categorias tradicionais continuam a existir, no entanto, elas possuem ações mais híbridas, que misturam as motivações espirituais e temporais. Mais importante que definir essas categorias, é reconhecer, de forma mais ampla, o contínuo de práticas, representações e valores na relação entre peregrinação e turismo. A expressão “turismo religioso” retrata essas interações de intensidade variada entre os rituais, de natureza religiosa e secular, em lugares investidos com valor sagrado (Chevrier, 2021).

Ilustração 18. Síntese das principais teorias de T.R..



Fonte: Adaptado de Oliveira (2004), Santos (2006) e Chevrier (2016).

Apoiado nas teorias acima discutidas (Oliveira, 2004; Santos, 2006; Chevrier, 2016), o turismo religioso pode ser compreendido a partir do seu simbolismo, motivações e representações. Os símbolos atuam como mediadores do sagrado. As motivações contribuem para identificar as necessidades principais e complementares da demanda e a maneira com que elas se articulam à oferta. As representações, por sua vez, referem-se às percepções e aos valores que cada lugar recebe dos indivíduos na realização de suas práticas devocionais e turísticas.

Para empreender nossa reflexão de origem teórica, acrescentaríamos que esse turismo religioso possui uma resiliência moldada pelo mercado turístico e pelo discurso eclesial, os quais podem adaptar-se ou não a novas práticas turísticas-devocionais e forjar competências subjetivas nos romeiros. Discutiremos, assim, as ações que projetam o

turismo religioso no Santuário de Santa Cruz dos Milagres, identificando os fluxos direcionados, as motivações dos devotos e representações da romaria.

2.3 As práticas socioespaciais no Santuário de Santa Cruz dos Milagres

As práticas espaciais são fluxos direcionados para as formas simbólicas (Corrêa, 2012), ligadas aos espaços fixos que concentram múltiplas experiências dos grupos sociais, os quais criam e recriam significados. As formas simbólicas possuem uma espacialidade expressa nos discursos, nos sentimentos e nas práticas sociais dos sujeitos (Fernandes & Gil-Filho, 2011). Neste tópico, o foco é identificar as múltiplas formas de peregrinação para o Santuário de Santa Cruz dos Milagres, enfatizando como as formas de mobilidade são afetadas pelo desenvolvimento socioeconômico, ao passo que promovem novos arranjos associados à atividade turística.

Neste estudo, utiliza-se do termo “romaria” em detrimento de “peregrinação” por ser a expressão regional. É importante enfatizar que, embora tais práticas se aproximem em diferentes situações e tempos, diversos autores (Steil, 2003; Sanchis, 2006) demarcam diferenças e posições existentes dentro de um campo heterogêneo de ações sociais e crenças religiosas dos atores sociais envolvidos.

Para Sanchis (2006), de acordo com a realidade portuguesa, a distinção é uma estratégia pastoral (e política), posto que a romaria se configura como uma manifestação religiosa complexa e atavicamente popular, orientada para uma “sacralização” da existência humana na sua própria dimensão profana; enquanto a peregrinação é uma transfiguração “sacramental” desta existência, sublimada por meio dos ritos eclesiais oficiais. São dois modelos ideal-típicos, que suportam gradações, pesos relativos e dominâncias, e variadas compatibilizações.

É importante enfatizar, também, que tais modelos de viagem sacralizada pelos atores não devem ser compreendidos dissociados dos outros aspectos da vida social, cultural ou mesmo religiosa. A concepção de circulação religiosa necessita ser compreendida em diferentes escalas espaciais e afetação sobre o comportamento humano, considerando o novo paradigma de mobilidade (Collins-Kreiner, 2010), isto é, a dinâmica existente nos lugares.

Em relação às práticas e aos deslocamentos, destacamos a seguinte fala: “[...] *minha mãe diz que começou a trazer a gente de jumento, passando por dentro do rio,*

passando três dias caminhando, parava no caminho e fazia comida, é só memória gratificante” (Devota, 59 anos, Timon-Maranhão). Nesse depoimento, encontram-se elementos-chave correlacionados às práticas espaciais de deslocamentos: o caminho (percurso), o transporte, a vivência coletiva e a construção de memórias afetivas.

O primeiro, o trajeto para Santa Cruz dos Milagres, evidencia como as formas de deslocamentos modificaram-se no decorrer das transformações advindas da ampliação da malha rodoviária e do sistema de transportes. De fato, a precariedade do acesso reforçava o caráter penitencial da devoção, pois eram péssimas as condições da estrada e muitas as dificuldades de transpor o rio Sambito³⁶. No período chuvoso, a travessia era realizada em canoas. Nos deslocamentos terrestres, o trajeto se dava a partir de caminhões superlotados e sem proteção, que percorriam um terreno acidentado e com muitos morros, tornando as viagens arriscadas.

Para os romeiros, os sacrifícios e perigos do percurso representavam a condição necessária no ritual da peregrinação. Conforme Steil (1996: 110) destacou, referindo-se à romaria em Bom Jesus da Lapa (Bahia), o pecado e o sofrimento estão intimamente conectados na romaria, “[...] fazendo com que cada peregrinação seja vivida como uma *performance* do drama *escatológico* da salvação”. Assim, toda intempérie enfrentada nos caminhos também constrói a experiência da romaria.

Durante décadas de promessas políticas, as melhorias no acesso à Santa Cruz dos Milagres tornaram-se realidade apenas com a construção da chamada “Rodovia dos Romeiros”, inaugurada em 2008. A rodovia estadual PI-225 interligou o Santuário à BR-316, uma das principais vias de circulação no Piauí, modificando e reorganizando as estruturas tempo-espaciais. Conforme Silva e Oliveira (2020), que investigaram as caravanas no Santuário Metropolitano Sertanejo de Canindé no Ceará, a ampliação e a recuperação da capacidade da malha rodoviária, juntamente com a ampliação dos serviços turísticos, a adesão do transporte rodoviário regular e alternativos e o uso do transporte individual, alteraram a dinâmica religiosa e móvel da cidade-santuário, o que permitiu viagens mais confortáveis, seguras e céleres.

³⁶ O rio Sambito nasce no Município de Pimenteiras, no sopé da Serra das Almas, e tem o curso orientado para noroeste. Recebe o riacho São Vicente e desemboca no rio Poti após receber o rio São Nicolau, próximo à cidade de Prata do Piauí. Trata-se de um rio caudaloso na estação chuvosa, dependente do regime das chuvas. Seca quase que inteiramente a partir de junho. Resgatado de: http://www.bibliotecaflorestal.ufv.br/bitstream/handle/123456789/3487/Parte-2-Caderno-da-Regi%C3%A3o-Hidrogr%C3%A1fica-do-Parnaiba_MMA.pdf?sequence=2

Para os autores supracitados, no entanto, é necessário ultrapassar a dicotomia entre a modernidade do turismo religioso e a tradição da peregrinação penitente, pois, tanto aquele quanto esta, compartilham a experiência central que reside nos transportes e circulações. Acrescenta-se que ambos partilham não somente das mesmas características em termos de viagem, transportes, serviços e infraestrutura, mas existem motivações, comportamentos e atitudes que convergem para os santuários, práticas híbridas que transcendem o turismo e a peregrinação.

A construção de pontes e rodovias, e dos meios de transportes motores reduziram o tempo de viagem, logo, aumentou o fluxo de pessoas, favorecendo o excursionismo religioso (Santos, 2006). Embora a condução ganhe aspectos de uma viagem turística, todas as formas de deslocamento estão presentes nos caminhos da Santa Cruz: a pé, de bicicleta, a cavalo, de ônibus, carro, vans, micro-ônibus, dentre outros.

Conforme já discutimos, a sacralização do espaço de Santa Cruz iniciou-se com a hierofania da cruz, que funda a história do lugar e é legitimada pelo posicionamento social, político e religioso, originando formas simbólicas espaciais que representam a dimensão imaginária do espaço.

O processo de organização tempo-espacial propiciou a instalação dos devotos-moradores ao pé do morro, e eles procuravam, no santo lenho, a proteção contra as adversidades da vida. Mesmo diante das dificuldades de acesso, ausência de infraestrutura básica, saneamento e disponibilização de água potável, a fixação de pessoas no entorno não foi impeditivo. Inclusive, durante as festividades, não havia fornecimento de água, os romeiros utilizavam a água do rio São Nicolau para a alimentação e as necessidades básicas (Rosendahl, 1993).

As formas e os transportes utilizados também compõem a memória afetiva nas experiências e vivências partilhadas coletivamente, rememoradas pelos religiosos. Durante as entrevistas, foi muito comum encontrar fiéis iniciados na devoção por um organizador da romaria: *“Foi um fretante, ele sempre vem. Da primeira vez que eu vim foi no começo, de pau de arara”* (Devota, 50 anos, de Teresina). Os fretantes, majoritariamente, são devotos que estão cumprindo suas promessas individuais na prática coletiva da romaria. A organização e o planejamento da excursão religiosa se aproximam das múltiplas motivações que movem os responsáveis e, em um contexto híbrido, interconectam os aspectos devocionais e turísticos em diversos momentos: agrega atividades de lazer, hospedagem e alimentação, entre outros.

Para Silva e Oliveira (2020), as peregrinações passaram por hibridizações econômicas, culturais, sociais e políticas, promovendo a aceleração do tempo da viagem, o encurtamento das permanências e, por extensão, a velocidade das experiências, ao passo que os transportes e as comunicações produziram novas experiências com o lugar-sagrado.

As peregrinações podem se distinguir em função do número de pessoas envolvidas, ou seja, há a peregrinação individual e a coletiva ou grupal. Embora esta seja realizada coletivamente, não necessariamente se verifica uma experiência mais intensa, de natureza comunitária, somente são reforçados os laços que já são alimentados na comunidade de origem (Santos, 2019).

A exemplo, citamos o grupo Moto Romaria, do município de José de Freitas, que dista pouco menos que 50 km da capital Teresina e 177 km de Santa Cruz dos Milagres. O grupo, cujos integrantes são motoqueiros-devotos da comunidade religiosa local, realizam romarias há mais de 10 anos para Canindé (CE) e outros santuários nordestinos. O percurso, o transporte e o destino compõem a experiência devocional.

As romarias organizadas dispõem de um maior acolhimento, sobretudo em termos religiosos. Trata-se da preocupação em personalizar a peregrinação (Santos, 2006), que significa organizar ou favorecer apoio eclesial aos diferentes grupos. Essa hospitalidade é uma marca que os administradores buscam enfatizar nos santuários e engloba: a apresentação da romaria durante a celebração, a benção, a missa dedicada e as fotografias como registro imagético, conforme consta na Ilustração 19.

Ilustração 19. Mosaico de fotos da Moto romaria de José de Freitas em SCM.



Fonte: Facebook³⁷ da Moto Romaria José de Freitas/PI, 2023.

O exemplo acima diz respeito a uma romaria organizada pelos leigos. A atividade religiosa, embora receba o apoio da Igreja, é realizada de forma espontânea e, no que se refere à duração, compreende todo o ano, e pode ser realizada durante períodos festivos ou não.

Outro exemplo é a romaria institucionalizada pela Igreja Católica, a Romaria dos Santos, criada em 1990, pelo então reitor do Santuário, o Padre Davi Mendes de Oliveira. Ela ficou conhecida como “Encontro dos Santos”, e é a festividade que encerra o ciclo da tríade festiva. Por ser coletiva, possui o objetivo de receber as comunidades religiosas e seus respectivos padroeiros, originando uma grande celebração. Trata-se de uma romaria que converge para uma grande procissão em que as pessoas, juntamente com

³⁷ Recuperado de: <https://www.facebook.com/MotoRomariaJosedeFreitasPI/>.

seus santos, percorrem as principais ruas da cidade de Santa Cruz dos Milagres em direção ao Santuário.

De acordo com Vilhena (2003), as procissões católicas emergem do sagrado, e são administradas por sacerdotes, responsáveis pela organização do povo, dos cânticos, do percurso, e das paradas, com a pretensão eclesiástica de ordenar simbolicamente o mundo e as relações sociais. No Encontro dos Santos (Ilustração 20), a Santa Cruz demarca e sacraliza a procissão.

Ilustração 20. Encontro dos Santos em 2022.



Fonte: Santuário de Santa Cruz dos Milagres³⁸, 2023.

Como itinerários simbólicos (Corrêa, 2012), as procissões compreendem um duplo sentido, o de demarcar simbolicamente o território religioso e o de reforçar laços identitários na comunidade. Em Santa Cruz dos Milagres, a romaria representa a experiência coletiva organizada pela Igreja Católica que assume uma dimensão simbólica enraizadora, na qual se assenta a comunidade religiosa (Rosendahl, 2013).

³⁸ Recuperado de: <http://santuariodesantacruzdosmilagres.com>.

Ilustração 21. Procissão na Festa da Exaltação em 2023.



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

A participação, tanto nas romarias institucionalizadas pela igreja como nas espontâneas, organizadas por grupos de leigos de uma comunidade religiosa, não exige filiação ou adesão exclusiva a uma determinada religião. Conforme Steil (1996: 133) destaca, “[...] o santo que se manifesta no santuário não é apenas parte do sistema religioso católico oficial, mas o fundamento do sagrado”. Nesse cenário, a Santa Cruz também agrega e congrega adeptos de outras religiões, conforme identificou-se na última edição da Festa da Invenção, realizada no dia três de maio do corrente ano, com a participação do grupo religioso do Templo Espírita umbandista Nossa Senhora do Monte Serrat provindos da capital, Teresina.

Ilustração 22. Comunidade umbandista na Festa da Invenção em 2023.



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Em razão disso, verifica-se que as atividades devocionais de deslocamentos compõem mapas de significados locais e que o controle e gestão de tais ações ampliam-se para outros atores sociais. Novos significados são produzidos nas práticas sociais coletivas por outras instituições que não são, necessariamente, religiosas. Por conseguinte, os deslocamentos são constituídos de significados culturais em um mundo em constante rotatividade, composto não por conjuntos socioculturais autônomos, mas por aglomerados complexos e conjunturas interativas (Coleman & Eade, 2004). Tais conjunturas referem-se às interações e influências constantes entre diferentes grupos culturais, que moldam e transformam a cultura, criando uma dinâmica de mudança contínua.

Nesse contexto, o poder público, ao promover o turismo religioso como prática social, atua como força vetorial no planejamento territorial dos lugares simbólicos (Oliveira, 2020). Verifica-se uma promoção no excursionismo peregrinacional (Santos,

2019) em Santa Cruz dos Milagres, atividades religiosas limitadas temporalmente, de apenas um dia ou até mesmo algumas horas. Um período inferior ao de 24 horas é caracterizado pela ausência de pernoite no trajeto ou no destino, a abranger a partida do domicílio, o deslocamento, a chegada e estada no santuário, e o regresso para casa, modalidade que se tornou popular na atualidade devido aos modernos meios de transportes. O que o tecnicismo das referências da hospedagem, forçaria a chamar o turismo religioso de “Excursionismo Religioso”.

Ilustração 23. Projeto Bate-Volta da Secretaria de Turismo do Piauí.



Fonte: Secretaria de Turismo do Piauí³⁹, 2023.

Conforme a ilustração 20, os projetos turísticos empreendidos pela Secretaria Estadual de Turismo (SETUR) têm por objetivo mapear os atrativos turísticos, promovendo roteiros em formato de excursão, além de mobilizar empreendedores locais e agentes de viagem, com o intuito de possibilitar ações promocionais que contribuam para o desenvolvimento do produto turístico. Observamos articulações desconexas que não viabilizam a permanência dos visitantes e, conseqüentemente, o aumento no consumo

³⁹ Recuperado de: <https://turismo.pi.gov.br/noticias/segunda-temporada-do-projeto-bate-volta-incentiva-turismo-religioso-em-santa-cruz-dos-milagres/>

turístico, se considerarmos o aspecto econômico, todavia, o valor da experiência de fé adapta-se às necessidades dos visitantes.

Constatou-se, até o momento, uma continuidade nas práticas devocionais associadas às atividades turísticas, que se revestem dessa hibridação de tais práxis na promoção do turismo religioso. Apura-se duplicidade da alocação, pois, enquanto o discurso eclesial enquadra as práticas devocionais, o turístico regula as atividades associadas ao lazer e ao consumo. E, embora sejam divergentes, não necessariamente são conflitantes, uma vez que são performáticos no sentido de construir categorias de visitantes e reorganizar o espaço em virtude de motivações que se aproximam, distanciam e mesclam as múltiplas experiências.

A partir do fluxo das ações que se processam nos santuários, as rupturas e descontinuidades atuam na capacidade de cristalizar o valor sagrado e adaptar a atividade turística. No próximo capítulo, verificaremos como as situações de crises contribuem para o entendimento da resiliência do turismo religioso, tendo em vista a capacidade de resistir, adaptar e enfrentar os efeitos que se processam. Diante das pausas e crises, como o espaço sacralizado dos santuários ressignificam suas práticas? É o que discutiremos a seguir.

CAPÍTULO 3 - DIANTE DAS CRISES: PAUSAS E RESILIÊNCIAS



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

3 DIANTE DAS CRISES: PAUSAS E RESILIÊNCIAS

Este capítulo analisa como as rupturas que emergem de crises políticas, financeiras e sanitárias atuam na potenciação da resiliência das comunidades locais e de visitantes, favorecendo a mutação dos destinos religiosos em termos turísticos. Em situações de crise, a religião representa conforto e explicação. Durante a pandemia de COVID-19 o aumento da religiosidade/espiritualidade não foi uma exceção, já que o isolamento social evidenciou a necessidade de reorganização da sociedade em todas as suas estruturas sociais, incluindo as atividades de lazer e turismo.

Enquanto a crise sanitária global fez declinar a mobilidade global, o componente religioso, se fortaleceu diante da aceleração técnico-científico-informacional (Santos, 1994), permeando estratégias sociais de superação. Portanto, o turismo religioso pausou, justamente para buscar uma nova ordem, para acionar mecanismos de enfrentamento de resistência e resiliência.

3.1 A vivência da fé em tempos de crise

A pandemia de COVID-19 foi a crise mais recente que afetou, drasticamente, o mundo e toda a sociedade, suscitando reflexões sobre as formas de enfrentamento nas diferentes dimensões, inclusive na de reorganização da atividade turística, em específico, o turismo religioso.

Conforme Ribeiro e Abijaudi (2020) destacaram, a pandemia apontou possibilidades de reorganização da sociedade, tanto em termos de vivências pessoais no cotidiano quanto na estrutura social, de maneira que as práticas pessoais de experiência religiosa se refletem nas coletivas e experienciadas nos lugares simbólicos. De diversas inquietações e reações, a pandemia evidenciou: “[...] o reforço de diferentes formas de espiritualidades, religiosas ou não, para o enfrentamento das questões relativas à morte, à fragilidade física e emocional e ao isolamento social” (Ribeiro & Abijaudi, 2020: 90).

A espiritualidade presente nas práticas religiosas institucionalizadas ou naquelas que transcendem os aspectos formais da religião gera espaços de consciência social, alteridade, coexistencialidade e cordialidade, humanização e integração cósmica. Ela é o empoderamento da vida não somente humana, mas em todas as suas mais diversas formas de manifestação (Ribeiro & Abijaudi, 2020). Esses espaços são compreendidos

como lugares simbólicos, que mobilizam necessidades subjetivas e que ultrapassam o controle institucional construído pelo imaginário religioso, produzindo novos significados e relações.

É importante ressaltar que as relações sociais reforçam os laços entre a espiritualidade e a alteridade presentes em quatro (4) relações indispensáveis: o encontro com o outro que nos é diferente; o encontro do ser humano consigo mesmo; o encontro com a natureza e com a história; e o encontro humano-divino em suas múltiplas formas. Essa alteridade é a capacidade de reconhecer um “outro” que está além da subjetividade própria de cada pessoa, grupo ou instituição (Ribeiro & Abijaudi, 2020). E é nos lugares simbólicos que convergem fatores culturais e ambientais diversos, o que simboliza, a partir do espectro da identidade religiosa, essa profusão de alteridades (Oliveira, 2020).

Bentzen (2021), ao realizar uma pesquisa sobre resiliência na expressão coletiva de espiritualidade, durante a pandemia, utilizou os dados diários e semanais em pesquisas do Google em 107 países baseado na dimensão-chave: oração. O estudo demonstrou o aumento maciço na intensidade da prática referida. Esse crescimento, que se deu durante os primeiros meses da pandemia em 2020, está associado ao enfrentamento religioso, demonstrando que as pessoas, quando confrontadas com situações de incerteza e adversidade, tendem a usar sua religião para encontrar alívio, conforto e explicação.

Crises anteriores já demonstraram um aumento na religiosidade após desastres naturais. Essas pesquisas apontaram, principalmente, que, em países pobres e vulneráveis, o uso da religião para lidar com tal situação é mais frequente diante da adversidade. Contudo, a pandemia atingiu uma escala global e forneceu um experimento único, possibilitando investigar quais tipos de sociedades usam a religião para enfrentar essa realidade. Confirmando o que preconiza as teorias sociais, o uso da religião, em momentos de crise, não desapareceu com a modernização, como previam alguns estudiosos (Bentzen, 2021).

Conforme advertiu Hervieu-Léger (2008), em períodos de crise, os sistemas religiosos tradicionais readquirem, em formas novas, um grande poder de atração sobre os indivíduos e a sociedade. A modernidade não representou a perda da religião no mundo, mas sim da sua função instância de legitimação e de integração mediante um processo de reconfiguração das crenças com uma tendência geral à individualização e à subjetivação delas. O traço marcante da situação atual do fenômeno religioso, portanto, é

a liberdade cultural e individual dos sujeitos no tocante à escolha de seu simbolismo e o respeito aos significados atribuídos.

Em vista disso, a secularização – que se refere à autonomia do indivíduo-sujeito, capaz de “fazer” o mundo no qual ele vive e construir ele mesmo as significações que dão justificativa à sua própria existência – evidencia que a vida social se torna cada vez menos submetida a regras ditadas por uma instituição religiosa, pois, em síntese, a tradição religiosa não constitui mais um código de sentido que se impõe a todos (Hervieu-Léger, 2008). No entanto, a referida autora esclarece que o moderno não se refere ao fato de os homens, em determinados momentos, terem se submetido à religião, ou, em outros, abandonado, mas que a crença e a participação religiosa tornaram-se questões particulares que dependem da consciência individual, ou seja, não imposta por nenhuma instituição religiosa ou política.

As contradições entre o presente e o futuro criam expectativas nas quais se desenvolvam novas formas de religiosidade e, também, permitam superar a tensão entre novas representações do sagrado ou novas apropriações de tradições religiosas (Hervieu-Léger, 2008). Elementos da nova espiritualidade convivem, sinergicamente, com tradições religiosas milenares e incorporam-se em uma matriz de experiências religiosas tradicionais, estabelecendo fronteiras tênues entre a religião institucional e os movimentos da Nova Era. (Mónico, Machado & Alferes, 2018).

Diante da pandemia, tanto as formas mais espontâneas de espiritualidade quanto as expressões religiosas mais tradicionais ou institucionalizadas foram impactadas pela crise global, de maneira que ambas se utilizam de diferentes estratégias para o enfrentamento de cada situação.

De acordo com Ribeiro e Abijaudi (2020), os posicionamentos adotados em relação às expressões de espiritualidade foram baseados no ponto de vista religioso de cada grupo. Existem visões que negaram a dramaticidade da pandemia, ou mesmo, seguindo argumentos ideológicos obscurantistas em voga, atribuíram a disseminação da doença à ira de Deus, reduzindo-a a um castigo aos seres humanos pecadores. Outras concepções baseadas em desinformações atribuíram à pandemia supostos interesses comunistas para afrontar a fé cristã. Portanto, é preciso analisar a constante necessidade de apontar inimigos que ameaçam a crença desses religiosos – algo sempre presente nas interpretações religiosas de caráter mais fundamentalista.

Outras abordagens e formas de espiritualidade de caráter mais intimista destacam a importância da vida devocional, das orações e da meditação como caminho de equilíbrio interior, considerando que os tempos atuais são de incertezas e inseguranças. Nessa perspectiva, os autores acima citados enfatizam: “a religião que possibilita a autotranscendência não é a religião organizada em dogmas, doutrinas e instituições, mas sim a religião enquanto preocupação última que se manifesta nas diferentes formas de espiritualidade” (Ribeiro & Abijaudi, 2020: 98).

E, por fim, existem aquelas que buscam interpretações de fé mais consistentes, conectadas com os aspectos sociopolíticos evidenciados na crise social revelada pela pandemia e ancoradas nos princípios da solidariedade, da comunhão e da responsabilidade com os destinos da existência e do mundo, em que a espiritualidade aparece associada à valorização da vida humana em todas as suas esferas e dimensões (Ribeiro & Abijaudi, 2020). Nesse âmbito, o turismo religioso, ao apoiar-se em práticas devocionais coletivas, evidencia tais princípios e representa uma dimensão social influenciada pelo momento de crise, necessitando, por extensão, reconfigurar seus fluxos e ações.

3.2 Os efeitos da crise na atividade turística

O turismo é sempre sensível a toda alteração situacional, pois é amplamente articulado a tantos outros setores socioambientais (Beni, 2020; Tito & Araújo, 2019) e, sendo extremamente retrátil, há ocorrências que acometem a atividade, tais como crises econômicas, política e sociais; oscilações cambiais; instabilidades sazonais da demanda; riscos geológicos e meteorológicos; conflitos operacionais nos modais de transportes; convulsões sociais; instabilidade política; terrorismo; e riscos epidêmicos e pandêmicos que comprometam a saúde pública, como a pandemia do COVID-19.

Para Tito e Araújo (2019), crise é um conceito complexo utilizado em diferentes âmbitos de atividade, e sua definição se aproxima do campo em estudo. Diversas abordagens referem-se a seu aspecto negativo, tratando-a como uma situação perigosa e extraordinária que necessita de agilidade na solução do problema. Outros enfoques enfatizam a situação crítica como um momento de oportunidades, e há, ainda, autores que a concebem de forma complexa, abarcando suas ameaças e oportunidades.

Diante de uma situação de crise, é exigida uma gestão voltada para a proteção, o enfrentamento ou à sua mitigação, dividida em três etapas. Na primeira, identifica-se o problema e elaboram-se planos de prevenção; posteriormente, desenvolvem-se ações planejadas; na última etapa, aplicam-se ações corretivas e trabalhos para a recuperação da confiança do público (Tito & Araújo, 2019).

As vulnerabilidades nas diversas ordens – social, econômica e ambiental – compreendem situações em que as populações são expostas ao crescimento veloz e desordenado das cidades. Pela falta ou ineficiência do processo de planejamento, tal desequilíbrio produz efeitos, geralmente, irreversíveis. Entretanto, é possível antecipar, prever e ainda reverter situações, a fim de reduzir e superar eventos adversos na atividade turística (Costa & Sonaglio, 2017).

Diante da crise global, Beni (2020: 4) argumenta que ela é “[...] é ao mesmo tempo uma crise de consciência planetária, uma crise de relação e uma crise dos fins”. E o turismo vem sendo afetado pelas mais diversas crises ao longo do tempo, submetido a vetores de transformação de diferentes origens advindas da ausência de sustentabilidades: ambientais, sociais, econômicas e político-institucionais (Beni, 2020).

O efeito potencial dos eventos de crise no turismo cresce à medida que a atividade se torna, cada vez mais hipermóvel em uma economia gradativamente mais interconectada. A hipermobilidade é caracterizada pelo vasto crescimento da mobilidade temporária, de forma agregadora, em que algumas sociedades, bem como um número relativamente pequeno de indivíduos viajantes se deslocam com maior frequência, acarretando mudanças substanciais na mobilidade e afetando as percepções de distância, lugar e espaço. Nesse prisma, os caminhos espaço-temporais rotinizados se modificam, o que antes era distante e não rotineiro, torna-se um ambiente cotidiano (Hall, 2010).

A crise pandêmica foi, oficialmente, reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 2020. A atividade turística e sua sensibilidade a toda alteração situacional foi afetada pelo novo Coronavírus (Sars-CoV-2), também chamado de COVID-19. A origem do nome Covid é proveniente da junção das sílabas/letras concernentes à *(co)rona (vi)rus (d)isease*, o que, na tradução para a Língua Portuguesa, seria “doença do coronavírus”. O número 19 está ligado ao ano de 2019, período em que os primeiros casos foram publicamente divulgados (Fundação Oswaldo Cruz, 2021). Em conformidade com a Organização Mundial de Saúde (OMS), as primeiras informações chegaram em 31 de dezembro de 2019, após um relato de um conjunto de casos de

“pneumonia viral” em Wuhan, República Popular da China (*World Health Organization*, 2021).

Os diversos estudos apontavam a pandemia como reflexo do desequilíbrio ambiental mundial, ocasionado por instabilidades no ecossistema, provenientes da ação humana, tais como: desmatamentos, queimadas, lixo, aspectos que impactam a vida cotidiana e desestabilizam o habitat, contribuindo para a proliferação de vírus, bactérias e outros seres invisíveis responsáveis pelo contágio de seres humanos (Pires, 2020).

Esses fenômenos já foram assistidos no mundo, mostram-se recorrentes e afetam as diversas esferas da vida, inclusive a atividade turística. Os surtos virais consistem em crises ambientais cíclicas que comprometem, em maior ou menor proporção, o desenvolvimento turístico, não apenas quando o avanço dos danos causados pela doença se torna mais significativo, mas, principalmente, por sua imprevisibilidade. (Neves, Carvalho, Souza & Filippim, 2021).

As pesquisas realizadas durante o curso da pandemia e pós-pandemia se concentraram em diagnosticar o déficit financeiro ocasionado pela suspensão do fluxo de visitação, em revelar a queda no número de empregos gerados pelo setor, e em apresentar prognósticos que pudessem apontar as perspectivas de crescimento econômico e de retomada do setor turístico.

A Organização Mundial do Turismo (OMT, 2021) e a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), estimaram um prejuízo global de aproximadamente 4 trilhões de dólares, causado pelo impacto direto e indireto dos setores relacionados, e cuja recuperação está prevista para este ano de 2023. Os países em desenvolvimento foram os que mais sofreram com o impacto da pandemia no turismo, com reduções de chegadas estimadas entre 60% e 80%. Devido à implantação assimétrica de vacinação contra a COVID-19, ampliou-se a queda econômica no setor de turismo nesses países, responsáveis por até 60% das perdas globais do PIB (*World Health Organization*, 2021).

De acordo com o Barômetro do Turismo Mundial da Organização Mundial do Turismo, especialmente as informações sobre as regiões do planeta, observa-se que a maior queda ocorreu na Ásia e no Pacífico, com redução de 84% nas chegadas internacionais, seguida pela baixa no Oriente Médio e África, que registraram, aproximadamente, 74%. Já nas Américas, a queda foi de 69% (*World Tourism Organization*, 2021).

A partir dos meses de junho e julho de 2021, o turismo internacional começou a apresentar dados positivos na retomada de crescimento, decorrentes da reabertura de muitos destinos para viagens internacionais, principalmente na Europa e nas Américas. O relaxamento das restrições de locomoção aos viajantes vacinados, juntamente com os progressos feitos na implantação das vacinas COVID-19, contribuiu para aliviar as restrições de viagem, elevar a confiança dos consumidores e restaurar, gradualmente, a mobilidade segura na Europa e em outras partes do mundo. A Ásia e o Pacífico continuaram a sofrer com os resultados mais fracos de janeiro a julho de 2021, cuja queda foi de 95% nas chegadas internacionais em relação ao mesmo período de 2019. O Oriente Médio (-82%) registrou o segundo maior declínio, seguido pela Europa e África (ambos -77%). As Américas (-68%) tiveram uma redução relativamente menor (*World Tourism Organization*, 2021).

No Brasil, o setor turístico também foi profundamente afetado pela pandemia. Antes da crise, o turismo global crescia a taxas acima da economia mundial; no Brasil o volume de turistas internacionais vinha se mantendo em torno de 6,6 milhões anuais e o turismo doméstico apresentava um leve crescimento. Os gastos do turismo internacional no Brasil antes da pandemia eram de USD 6 bilhões, muito incentivados pelo turismo de negócios, pelo turismo de sol e praia para turistas da América do Sul e pela venda de pacotes aos visitantes internacionais. Com a pandemia, o PIB global do turismo caiu pela metade, com uma perda de 62 milhões de empregos. No Brasil, as perdas somavam R\$ 243 bilhões em janeiro de 2021, e os gastos com turismo doméstico nesse período diminuíram 45%, enquanto os gastos com o turismo internacional, 69,4% (Ministério da Economia, 2021).

A maioria dos países adotou a estratégia de elaborar planos de retomada articulados, sobretudo, pelos governos nacionais. No Brasil, as principais medidas de suporte detectadas foram: a utilização de políticas monetárias voltadas ao setor, como financiamentos, créditos ou incentivos; criação de protocolos biossanitários para proteção do turista; promoção do turismo doméstico; e disponibilização de cursos e treinamentos para o setor (Ministério da Economia, 2021).

Dentro das perspectivas de retomada, destaca-se que o turismo doméstico tem sido um dos primeiros a estabelecer uma recuperação gradual, devido à preferência por roteiros mais curtos e de menor distância em relação à origem. Mais do que isso, no

período pós-pandemia, o turismo poderá vir a dar grande contribuição para a retomada econômica e a geração de empregos (Ministério do Turismo, 2021).

Em 2022, houve uma frágil retomada das viagens no primeiro trimestre. Entretanto, mesmo com a chegada das vacinas e com o desenvolvimento de alguns medicamentos específicos para o tratamento da doença em questão, o mundo ainda se encontrava diante de incertezas. A Europa e a Ásia Central apresentaram taxas inéditas de transmissão da doença pela Ômicron, que se tornou, em pouco tempo, a variante dominante na Europa Ocidental. A mesma tendência foi acompanhada no Brasil com a introdução dessa variante, que causou um aumento modesto de mortes, muito provavelmente associado à alta cobertura vacinal (Organização Mundial da Saúde, 2022).

O Brasil acompanhou o crescimento internacional de uma curva ascendente de retomada do turismo, relacionado ao avanço da malha aérea e ao aumento de gastos dos turistas. Os dados ratificaram o crescimento, revelando que, no primeiro quadrimestre de 2022, mais de 962 mil estrangeiros entraram no país com visto de turista, superando em 60% todo o ano de 2021, quando foi registrada a entrada de 596,7 mil visitantes estrangeiros (Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo, 2022).

No início de 2023, a Organização Mundial do Turismo (OMT) apontava para um cenário de otimismo cauteloso. Conforme o Barômetro do Turismo Mundial, o crescimento internacional foi de 86% no primeiro trimestre de 2023 em relação ao mesmo período do ano passado. Estima-se que 235 milhões de turistas viajaram internacionalmente nos primeiros três meses, mais do que o dobro do mesmo período de 2022 (*World Tourism Organization*, 2023).

Devido à redução do número de casos de COVID-19, à vacinação da população e ao consequente enfraquecimento das cepas, as restrições sanitárias foram, em grande parte, abolidas, permitindo o livre fluxo de turistas entre países – embora alguns pontos ainda pudessem impactar, negativamente, o turismo, como a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, bem como a recuperação econômica de países depois da pandemia. Quando comparada a 2019, a chegada de turistas internacionais é negativa de 2022 a 2023, mas com tendência de crescimento. No Brasil, mais de 868 mil turistas estrangeiros visitaram o país, superando em mais de 100 mil os dados de janeiro de 2019, antes da pandemia, o triplo do mesmo período de 2022 (Tomé, 2023).

Houve claramente um impacto da pandemia na prática turística e na vivência religiosa. De acordo com Sartori (2022), as restrições de viagens e o consequente acesso

a lugares religiosos reconfiguraram a formas de contato com o sagrado, que passou a ser realizado por meio da mediação das tecnologias. No Brasil, o campo do turismo religioso e da peregrinação encontra-se aberto para análises nesse contexto, tanto no que se refere aos seus aspectos materiais como às questões subjetivas que envolvem a fé e as motivações para buscar um destino ou atrativos religiosos como opções para viagem, já que uma das particularidades da religião e da religiosidade é a busca de esperança e conforto diante das adversidades. E o pagamento de promessas ou reverência/gratidão pelo dom da vida, pois uma parte das visitas absorvem variáveis sutis como um lazer espiritualizado nesta gratidão.

Nesse sentido, a resiliência na prática turístico-religiosa permite-nos compreender como a crise da pandemia afetou a economia e os deslocamentos, bem como os reflexos sociais e psicológicos que envolvem as ideias de fé, esperança e conforto, categorias inter-relacionadas com as práticas devocionais. Portanto, no próximo tópico, serão analisados tais efeitos no turismo religioso do Santuário de Cruz dos Milagres e os possíveis reflexos nos aspectos materiais e imateriais que envolvem o segmento religioso.

3.3 Pausas e vazios no Santuário: efeitos da pandemia no turismo religioso

Conforme já destacamos, as implicações da pandemia no turismo religioso tiveram um impacto devastador em todo o mundo, com cancelamento de peregrinações, de eventos religiosos e festivais, resultando no fechamento dos locais de culto de todas as religiões, por conseguinte, recrutando uma gestão de crise para o enfrentamento das vulnerabilidades do setor (Raj & Griffin, 2020).

O turismo encontra-se em instabilidade, ampliada pela confluência de crises, porém a requalificação do turismo em sentido religioso/espiritual/cultural, reordena esta situação sob nova ótica. E um dos principais fatores que justificam o crescimento diz respeito aos múltiplos interesses que envolvem os visitantes, que vão desde a estrita adesão à fé até as formas mais amplas de espiritualidade e motivações seculares. Em decorrência da heterogeneidade da motivação, o turismo religioso apresenta-se como um segmento resiliente, com capacidade de enfrentamento diante dos desafios impostos pela pandemia de COVID-19 (Raj & Griffin, 2020).

Destarte, o turismo religioso é uma atividade multifacetada e pode incitar um despertar religioso nos turistas. Nesse sentido, se o futuro da atividade supracitada e das

peregrinações dependem, em certa medida, das múltiplas motivações, capazes de restaurar sua força de recuperação, essa reestruturação religiosa positiva pode ajudar as pessoas a sobreviverem a tempos difíceis, permitindo-lhes ver a tragédia como uma oportunidade de se aproximar de um poder superior ou de melhorar suas vidas (Mosier, *et al.*, 2020).

Para além disso, no aspecto econômico, a COVID-19 criou um grande desafio para os sistemas socioeconômicos globais, o de enfrentar e lidar com as vulnerabilidades nos mercados financeiros, nos sistemas globais de suprimentos e nas relações internacionais (Raj & Griffin, 2020).

Os impactos econômicos são fundamentais para analisarmos a realidade imposta pela pandemia. Diante da complexidade do fenômeno turístico e religioso, o discurso hegemônico está centrado nos impactos monetários e materialistas. No entanto, é necessário olhar para o futuro, bem como para os efeitos sociais, culturais e ambientais. Inclusive, muitos grupos, organizações e comunidades religiosas demonstraram inovação e criatividade em suas práticas e atividades com a utilização do campo tecnológico virtual. Os impactos da pandemia também afetaram o pensamento e as crenças dos visitantes e gestores de locais religiosos, de centros de peregrinação, pois, ao passo que os governos introduziram restrições e medidas de controle, desenvolveram-se novas formas de espiritualidade e um pensamento religioso alternativo. Da situação deriva uma grande questão: até que ponto essas práticas irão moldar e influenciar o turismo religioso e a peregrinação? (Raj e Griffin, 2020).

Conforme Oliveira *et al.* (2021) enfatizam, para além do grave impacto social e econômico, cujas consequências ainda estão longe de serem mensuradas, surge a perspectiva exponencial da utilização do ciberespaço e da comunicação, permitindo uma reformulação estrutural nas formas de convivência cotidiana, quer seja no campo institucional, quer seja no campo pessoal e social, com a doença em questão ou outras.

Ressalta-se que o ciberespaço e a pandemia de COVID-19 redesenharam novas formas de relacionamento social. As instituições eclesiais, as organizações privadas e os devotos, ao serem conectados pelas várias plataformas digitais, redefinem os papéis que assumem nas celebrações religiosas, pois, ao permitirem a acessibilidade imediata de informações e serviços, os eventos potencializam suas interações locais, regionais e globais, o que possibilita a troca de ideias, produtos e serviços que, por sua vez, fomentam a cultura religiosa e, consequentemente, o turismo (Oliveira *et al.*, 2021).

Com base em pesquisas realizadas no âmbito da REPETUR-NE, em 2021, foi possível consolidar um primeiro panorama da reinvenção do turismo religioso na região Nordeste do Brasil, diante das muitas adversidades vividas: eventos suspensos, serviços, celebrações e liturgias remarcadas, romarias e procissões canceladas ou reorientadas. A pesquisa apontou adaptações na prática religiosa que afetaram a visitação turística e a organização pastoral e administrativa dos centros de peregrinação. Houve, ainda, espaço para uma recepção mais sincrética de ações híbridas presenciais/virtuais, dado os entraves responsáveis pela restrição da oferta e demanda do turismo religioso nordestino. No entanto, a resistência devocional sobre as alternativas tecnológicas e possíveis parcerias com outros setores da vida pública local foram os desafios mais evidentes para a reinvenção do turismo religioso regional (Oliveira *et al.*, 2021).

Na dimensão festiva, Alves, Barros, Santos e Silva (2022), ao discutirem a respeito dos impactos pandêmicos em duas celebrações importantes do turismo religioso no Rio Grande do Norte – a Festa dos Mártires, realizada nos municípios Uruaçu e Cunhaú, e a Festa de Santa Rita, no município de Santa Cruz –, investigaram as relações e as conexões estabelecidas entre os devotos envolvidos nos rituais de celebração, o papel desempenhado pela Igreja Católica e as ações políticas de turismo na divulgação de um destino turístico. Na ocasião, as expressões de fé e os espaços digitais se mostraram mais livres, criativos, e distanciados dos dogmas da Igreja em muitos momentos. Ao transportarem suas devoções para o universo digital e/ou virtual, os devotos ficaram dispersos diante do acesso rápido e impessoal no contato com o santo de devoção, fazendo com que as formas de se relacionar com o sagrado se modificassem, isto é, com que fossem acrescidas de novos elementos que reforçaram e/ou modificaram ideias.

Por sua vez, ao administrar e transmitir os rituais, a Igreja Católica atua em dois aspectos: na legitimação e identidade da fé católica, conferida pelo processo de evangelização; e na atribuição de novos significados para antigos símbolos. No turismo religioso, reforça-se a expansão das viagens propiciadas pela criação de novas rotas e roteiros no estado, associada ao desenvolvimento socioeconômico e cultural das cidades e comunidades receptoras (Alves *et al.*, 2022).

Ao analisar os impactos provocados pela crise pandêmica no turismo religioso, amplia-se o olhar para a complexidade do fenômeno social que permeia as práticas devocionais e turísticas, de maneira a sobrelevar que as possíveis “saídas” devem considerar não apenas os aspectos econômicos e operativos, mas também os aspectos

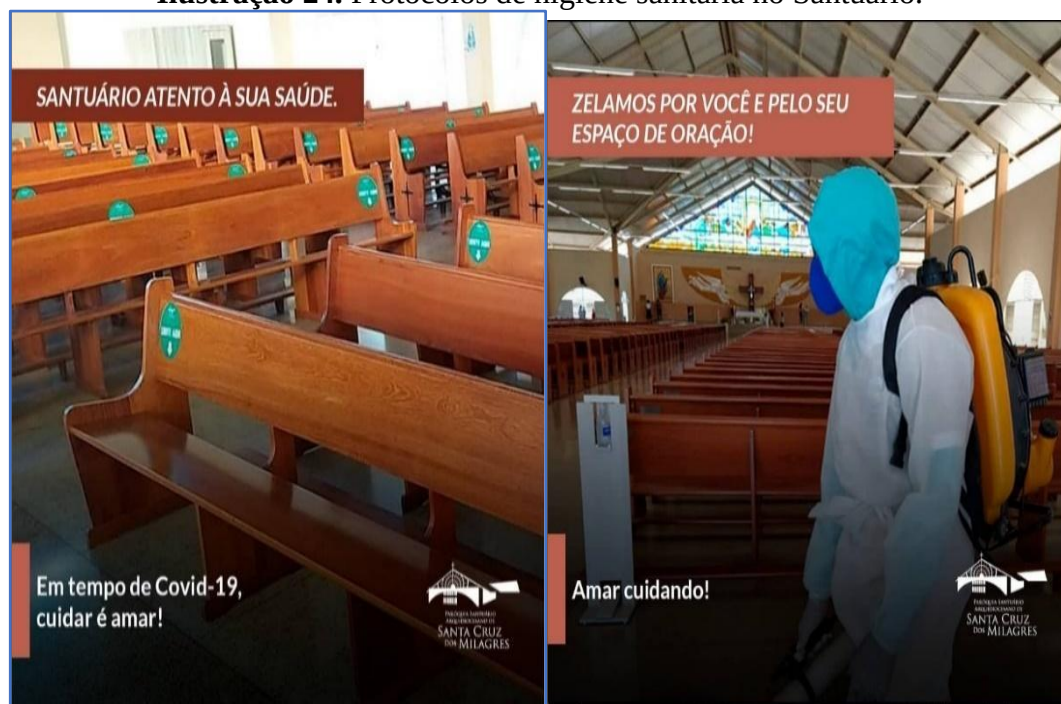
subjetivos que envolvem as motivações, percepções e representações que compõem a experiência turístico-religiosa. Isso sem deixar de considerar que as conexões, sejam elas tecnológicas, espaciais ou simbólicas, reverberam na reorganização do lugar sacralizado.

Com a eclosão da pandemia, o Santuário piauiense de Santa Cruz dos Milagres, de maneira semelhante aos demais centros religiosos, foi afetado em todos os âmbitos, ocasionando o fechamento dos templos, o cancelamento das festividades e a ampliação do campo midiático por meio da criação de novos canais de transmissão das celebrações e de diálogo com os devotos. Ao passo que a crise sanitária se disseminava, as medidas e os protocolos de saúde e segurança foram criados para conter o avanço, exigindo das instituições religiosas e públicas a adequação às normativas devidas, buscando adaptar a programação festiva e as práticas religiosas realizadas nos espaços sacralizados.

No estado do Piauí, o primeiro decreto relacionado à crise pandêmica foi publicado em março de 2020, momento em que foi criado o comitê de Gestão de Crise para dispor sobre as medidas sanitárias de enfrentamento da situação ocasionada pelo novo coronavírus. No que toca à realização de eventos, inclusive os religiosos, a recomendação veiculada no decreto era de cancelamento e, caso houvesse essa impossibilidade, as atividades religiosas deveriam ser executadas sem a presença de público.

O primeiro caso da COVID-19 confirmado no Piauí, de acordo com Secretaria de Saúde do Piauí (SESAPI), ocorreu no dia 19 março de 2020. Era um momento tenso e de muitas incertezas, em que a pandemia se aproximava e as instituições religiosas começavam a restringir o acesso dos devotos aos templos. No primeiro momento, o Santuário piauiense manteve-se aberto para a realização de orações pessoais, e as celebrações ocorriam sem a presença do público. Somente casamentos e batizados foram totalmente cancelados. A suspensão evidenciava que algumas práticas religiosas poderiam ser adaptadas para o espaço virtual, com o propósito de limitar os deslocamentos e aumentar o distanciamento social, enquanto outras estavam profundamente comprometidas, necessitando de reorganização e adiamentos.

Ilustração 24. Protocolos de higiene sanitária no Santuário.



Fonte: Santuário de Santa Cruz dos Milagres, 2020.

As celebrações da semana santa, realizadas no período de 05 a 12 abril de 2020, foram os primeiros eventos transmitidos virtualmente. Em meio à crise da pandemia, o que se observou com relação ao uso de redes sociais foi a criação de novos canais em plataformas digitais como *Instagram* e *Youtube*, porque, antes, utilizava-se de apenas a página do *Facebook*, com o intuito de divulgar os eventos e as ações realizadas no âmbito do Santuário. Conforme Sbardelotto (2018), o processo de midiatização digital do fenômeno religioso já se mostrava crescente, e com a apropriação das redes digitais enquanto ambiente de circulação e reconstrução de sentidos, crenças e práticas religiosas é remodelado para novas linguagens e dispositivos.

O estabelecimento de contato com fiéis por meio das redes sociais não é algo novo. Entretanto, a pandemia acabou forjando novas necessidades e um novo tipo de espacialidade configurada pelas redes (Santos, 2020). As páginas virtuais passaram a transmitir as celebrações, a comunicar sobre o agravamento da pandemia e o cancelamento de eventos, bem como a reforçar, junto à comunidade, os pedidos de arrecadação de recursos financeiros para a manutenção do Santuário.

As campanhas também criavam um movimento espacial inverso: “Santa Cruz em sua casa”, promovendo novos arranjos espaciais e a vivência da experiência

devocional na “igreja doméstica”, ou seja, com uma dupla semântica, a fim de entender a família como pilar da Igreja Católica e da retomada da experiência da igreja doméstica primitiva, em tempos de perseguição ao catolicismo (Santos, 2020).

De maneira radical, o contingenciamento social provocado pela pandemia resultou em uma série de impactos nas vidas dos devotos e em suas práticas devocionais. A celebração que abre a tríade festiva, a Invenção da Santa Cruz, realizada, anualmente, no dia 03 de maio, foi a primeira a ser afetada com as medidas restritivas durante a pandemia. Inicialmente, ela foi transmitida de forma virtual e realizada sem a presença do público. Posteriormente, foi transferida para o mês de julho, período em que se acreditava ser possível a realização da festividade com a participação dos devotos.

A proposta era a realização da Invenção da Santa Cruz em dois formatos (virtual e presencial) e em momentos distintos (maio e julho). Embora a pandemia, nesse período, já estivesse em estado crítico, com altos índices de ocupação dos leitos de UTI no Piauí, e os decretos determinassem o fechamento das atividades não essenciais, a Prefeitura e a administração do Santuário tentavam manter a realização das festividades. O cancelamento oficial da Festa da Invenção só foi divulgado pela Igreja no final de junho de 2020.

É importante destacar que o primeiro caso da doença, confirmado em Santa Cruz dos Milagres, ocorreu no dia 30 de junho de 2020. Trata-se de um município de pequeno porte, que concentra maior fluxo de visitação apenas nos períodos das festividades religiosas. Com as medidas de restrição e o cancelamento dos eventos, a cidade se manteve “isolada” e distante dos casos de contaminação da COVID-19 por quase três meses.

A reabertura gradual começou a ocorrer a partir de 27 de julho de 2020. Nesse momento, as atividades religiosas puderam ser retomadas com um público de 30% da capacidade permitida nos templos. O Festejo da Exaltação da Santa Cruz, celebrado em setembro, foi realizado no formato virtual e, também, com a plateia reduzida. Em novembro, o Encontro dos Santos foi totalmente cancelado. A justificativa, de acordo com o Reitor do Santuário (2020), era a de que: *“A essência do festejo é a procissão e para evitar aglomeração e proliferação do vírus tivemos que tomar a decisão de cancelar”*.

No início de 2021, essa conjuntura foi mantida com a suspensão de eventos que envolvessem qualquer tipo de aglomeração. Com o retorno das atividades

econômicas, iniciadas ainda em 2020, resultou no agravamento dos índices de contaminação e mortes, e os meses de março, abril e maio⁴⁰ foram os períodos de maior gravidade no Piauí desde o início da pandemia.

O sistema público de saúde enfrentava seu colapso, com a sobrecarga das unidades de atendimento hospitalar e a necessidade de adotar medidas restritivas mais rigorosas. Tal período crítico resultou na suspensão da realização de cerimônias religiosas, e os novos protocolos passaram a estabelecer a quantidade e tempo das celebrações realizadas diariamente. Então, com as diligências mais restritivas, a edição da Festa da Invenção, em 2021 (Ilustração 25), ocorreu sem a presença do público e com as portas fechadas.

Ilustração 25. Cartazes virtuais informativos.



Fonte: Santuário de Santa Cruz dos Milagres, 2021⁴¹.

Em setembro, o Festejo da Exaltação da Santa Cruz foi, novamente, realizado em caráter de reabertura gradual e com a ação do poder público local. A Prefeitura

⁴⁰ De acordo com painel epidemiológico da COVID-19 no Piauí, com relação ao número de casos novos, em março: 32.623, abril: 34.237 e maio: 32.888 novos casos. Quanto ao número de óbitos, em março foram 930; abril, 1.087 e maio: 765 óbitos no estado. Disponível em: <https://datastudio.google.com/reporting/a6dc07e9-4161-4b5a-9f2a-6f9be486e8f9/page/2itOB>.

⁴¹ Recuperado de: <https://www.instagram.com/santuariosantacruzdosmilagres/>.

Municipal estabeleceu medidas sanitárias excepcionais⁴² para o período de festejo da padroeira, mas, em muitos aspectos, chocaram-se com as que foram determinadas pelo poder estadual – incluindo a recomendação de não realizar eventos que gerassem aglomerações.

O Encontro dos Santos, realizado nos dias 13 e 14 de novembro de 2021, representou a primeira festividade totalmente aberta ao público e sem maiores restrições de acesso. Embora o Santuário tenha informado que atendeu aos protocolos sanitários determinados, de distanciamento e uso de equipamentos de higiene, não foi possível observar um controle efetivo do número de devotos.

No entanto, a grande procissão de santos e devotos não ocorreu, o que demonstra uma adaptação ao ritual central da festa, e representa que a eficácia do rito foi comprometida no seu caráter performativo, isto é, na maneira com que os participantes experimentam intensamente o evento (Peirano, 2002).

Em 2022, o calendário festivo em Santa Cruz dos Milagres voltou a ser realizado com a presença de público, após a suspensão das festas populares durante dois anos de pandemia de COVID-19, o que representou a interrupção do próprio ciclo vital, tendo em vista que as festas também demarcam o fluxo do tempo, a retomada festiva representa uma tentativa de reorganização espaço-temporal da vida.

Ao longo de 2022, todas as festividades religiosas foram realizadas com a presença do público, ainda que o retorno tenha sido lento e gradual. Visivelmente, era possível identificar o número reduzido de romarias e excursões organizadas em ônibus de fretamento pelos fiéis à cidade santuário do sertão piauiense. Os principais setores de transporte, hospedagem e alimentação ainda se apresentavam bastante afetados financeiramente, com baixo número de ocupação e consumo, bem como o setor informal, que movimenta o comércio ambulante da feira livre.

Em 2023, no primeiro semestre, o quadro otimista apontou para o retorno efetivo dos visitantes, demonstrando que o “novo normal” no turismo religioso pôde reconfigurar-se, adaptar-se e recriar práticas devocionais e turísticas. Enquanto a Igreja Católica reforça seu caráter evangelizador e legitimador das atividades religiosas nos

⁴² Prefeitura Municipal de Santa Cruz dos Milagres (PI). Decreto N° 028/2021 de 25 de agosto de 2021. Recuperado de: <http://transparencia.prefeiturasantacruzdosmilagres.pi.gov.br/uploads/files/2021/10/11/828058c2-3dba-4a62-9e63-6407286303fd.pdf>.

lugares sacralizados, incentivando o retorno ao Santuário, os devotos buscam retomar seus rituais – na vivência e no contato direto, íntimo e coletivo –, assim como suas experiências com a divina Santa Cruz.

Em entrevista com o reitor do Santuário, durante a Festa da Invenção (2023), ele destacou a importância do retorno: “[...] *esse retorno gradual aos poucos dos romeiros nos motiva, me alegrou muito e reavivou a minha fé, então, retornar ao santuário é retomar a fé, porque o santuário alcança as pessoas que no seu cotidiano não são alcançadas pelas suas paróquias, essa é a grande beleza do santuário, é de todos [...]*”. O retorno gradual expressa não apenas uma visita física, mas uma retomada da fé, ressaltando a natureza inclusiva e acolhedora do Santuário ao atingir a vida das pessoas, incentivando a visitação religiosa.

A partir da análise das práticas turísticas e devocionais no retorno gradativo pós-pandemia, surgiram, portanto, aspectos que nos permitiram analisar a dimensão resiliente das práticas que promovem o turismo religioso, decorrente da existência de forças modeladoras que atuam na capacidade resistente, adaptativa e criativa, que mobilizam e atribuem novos significados à experiência festiva, devocional e turística dos devotos da Santa Cruz.

CAPÍTULO 4 - A PROMOÇÃO O TURISMO RELIGIOSO: DIMENSÕES RESILIENTES



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

4 A PROMOÇÃO DO TURISMO RELIGIOSO: DIMENSÕES RESILIENTES

Este capítulo dedica-se à resiliência forjada pelos processos econômicos, políticos e socioculturais que delineiam o turismo religioso em Santa Cruz dos Milagres. Os discursos políticos e eclesiais atuam como modeladores das subjetividades dos romeiros, influenciando as suas interpretações, percepções e ações, e favorece uma capacidade adaptativa, tratada como resiliência romeira, incorporada às práticas mercadológicas, as quais reproduzem as narrativas e desenvolvem estratégias de enfrentamento das crises.

Ao analisar as estratégias de ação no processo de desenvolvimento e gestão do turismo religioso, tendo o espectro da resiliência que permeia as práticas devocionais e turísticas, identificaram-se duas dimensões compreensivas (sensorial e festiva) do fenômeno e uma dimensão propositiva (turismo) do segmento religioso, as quais contribuem para uma abordagem holística do segmento religioso.

4.1 Turismo e resiliência

Conforme já destacamos, a categoria analítica da resiliência tem crescido no cenário internacional e nacional, e as mais diversas áreas têm se apropriado do conceito, relacionando-o com suas pesquisas. Para estabelecermos o nexos entre turismo e religião, é importante delimitar a abordagem da resiliência em que este estudo está ancorado.

A psicologia positiva, ao buscar compreender as motivações e as capacidades humanas, designa por resiliência a propriedade de uma pessoa recuperar-se e manter um comportamento adequado após um dano (Yunes, 2003). A perspectiva psicológica sistematizou três correntes teóricas: a primeira é a norte-americana e possui uma vertente mais pragmática, centrada no indivíduo, com base e dados observáveis e quantificáveis, geralmente pautados na perspectiva behaviorista ou ecológico-transacional; a resiliência aqui é compreendida como resultado da interação entre o indivíduo e o meio em que está inserido. A segunda corrente, a europeia, possui uma perspectiva ética, relativista, com enfoque psicanalítico, no qual o sujeito é visto como relevante para a avaliação da resiliência. Nesta abordagem, a resposta do sujeito é construída a partir da dinâmica psicológica, o que possibilita uma narrativa íntima (intrapsíquica) e uma narrativa externa (ambiente social e afetivo) sobre a própria vida. A terceira corrente, a latino-americana,

compreende uma concepção mais comunitária, em que o social é tomado como resposta aos problemas das pessoas em meio às adversidades (Brandão; Mahfoud; Gianordoli-Nascimento, 2011). O entendimento das correntes psicológicas contribui para aproximar e compreender as abordagens turísticas do fenômeno.

A partir dos anos de 1990, com a ampliação da perspectiva do constructo como processo dinâmico, a resiliência passou a abranger uma adaptação positiva dentro de uma conjunção de adversidade significativa, em que as influências do ambiente e do indivíduo interatuam em uma relação recíproca, o que permite à pessoa se adaptar, apesar das adversidades (Luthar, Cicchetti & Becker, 2000; Infante, 2005).

No turismo, as perspectivas contemporâneas da resiliência pautaram-se em trabalhos sobre a resiliência ecológica, concentrada em sistemas que atingiram um estado de equilíbrio. As pesquisas se baseiam no modelo ecológico-transacional de resiliência, o qual defende que o indivíduo está imerso em uma ecologia determinada em diferentes níveis, como o individual, o familiar, o comunitário, associados aos serviços e valores sociais. Esses níveis interagem entre si, e desempenham uma influência direta no desenvolvimento do indivíduo (Radzanowski & Uğur, 2020).

É importante enfatizar que a resiliência passou a integrar políticas públicas em diversos países, inclusive no Brasil, as quais desenvolveram ações e criaram documentos informativos/guias que utilizam a abordagem resiliente, a exemplo da campanha para Cidades Resilientes promovida pela Organização das Nações Unidas [ONU]. Na cartilha intitulada “Como Construir Cidades Mais Resilientes: Guia para Gestores Públicos Locais”, há um roteiro com dez passos para a construção da resiliência em relação a riscos e desastres, voltada para gestores públicos, objetivando apoiar decisões. Trata-se de uma reparação para implementação de ações baseadas na resiliência, para redução de riscos e desastres (De-Paula, 2017; Sonaglio, 2018).

No Brasil, foi criada a Sociedade Brasileira de Resiliência (SOBRARE), uma organização com o objetivo de elaborar projetos na área do desenvolvimento humano em resiliência, com o intuito de compartilhar conhecimentos sobre resiliência nas áreas educacional, corporativa, familiar, terceiro setor e nas esferas governamentais, a fim de que possam desenvolver comportamentos resilientes diante de situações de adversidade e estresse (Sociedade Brasileira de Resiliência, 2016).

As teorias propostas pela organização supracitada apoiam-se na terapia cognitiva e psicologia positiva, e apresentam a resiliência como a capacidade de uma

pessoa atribuir significados adequados às suas crenças. Portanto, não se trata de uma característica de personalidade, uma condição de ser, mas uma condição temporal, de estar resiliente, com base em modelos de crenças que possam responder a situações adversas. E existem fatores que contribuem para o desenvolvimento dessas crenças, como a história de vida, as relações de afeto, o convívio com pessoas significativas (Sociedade Brasileira de Resiliência, 2016).

Enquanto a metodologia da Sociedade Brasileira de Resiliência apoia-se no comportamento resiliente de abordagem cognitiva, a campanha internacional das cidades resilientes proposta pela ONU preconiza a atuação da governança no intuito de promover a redução de riscos que estiverem vinculados a desastres naturais/catástrofes relacionados às unidades geográficas: região, comunidade, país, cidade, lugar, zona. Predomina aqui, portanto, a resiliência diante de eventos ambientais (De-Paula, 2017; Sonaglio, 2018).

Além da dimensão ambiental, outras áreas passaram a desenvolver pesquisas com enfoques diversos, tais como: resiliência econômica; resiliência social ou socioespacial; resiliência socioecológica; resiliência de comunidade; resiliência de áreas de atividades agrícolas tradicionais ameaçadas pela chegada de grandes empresas; resiliência ecológica, que consiste na capacidade de um ecossistema retornar ao seu equilíbrio. O que essas abordagens têm em comum é a preocupação com futuro dos lugares que continuam a existir após eventos críticos que os transformam em um “novo normal” (De-Paula, 2017; Sonaglio, 2018).

Quatro eixos temáticos alinham-se com o fenômeno turístico: a abordagem conceitual; a resiliência humana (comportamento resiliente); a resiliência organizacional, centrada no estudo do comportamento dos setores envolvidos no segmento turístico; e a resiliência de localidades/cidades, que visa desenvolver ações voltadas para a redução de riscos a desastres naturais, socioeconômicos, bem como a desestruturações provocadas pelo turismo (Sonaglio, 2018). É importante incluir que a crise imposta pela pandemia também instalou um novo eixo de análise no turismo, visando analisar os efeitos a curto e longo prazo.

Para buscar a inter-relação entre a resiliência, o segmento religioso, e os eixos temáticos, realizou-se uma pesquisa documental na plataforma e Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (efetivada pela plataforma “café” pelo *login* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFPI). Considerou-se o período de 2015 a 2023, pesquisando as palavras-chaves: turismo

e resiliência, e foram identificados 147 artigos científicos. Com base na leitura do título e do *abstract*, foram excluídos artigos em duplicidade e publicações cujo foco central não fosse o turismo. Ao final da sistematização verificaram-se 61 publicações científicas, organizadas com base nos eixos propostos por Sonaglio (2018), acrescidos dos artigos que avaliaram os impactos pandêmicos.

Quadro 03. Artigo científicos de acordo com os eixos temáticos

Eixos temáticos	Quantidade de artigos	Principais temas abordados
Abordagem conceitual	05	Perspectiva teórica-metodológica; Revisão de metodologias aplicadas
Comportamento resiliente	02	Comportamento resiliente dos gestores e da comunidade local
Resiliência organizacional	10	Estratégias de resiliência de microempreendedores; Resiliência empresarial
Resiliência das localidades/cidades	32	Desastres socioambientais; Transformações territoriais
Impactos da COVID-19	12	Crise no setor do turismo; Resiliência turística em tempos de pandemia

Fonte: Com base em Sonaglio (2018).

A organização temática possibilitou avaliar as categorias de análise, reconhecendo as múltiplas interfaces que conectam os comportamentos dos *stakeholders*, os lugares (destinos turísticos), seja na perspectiva pública (políticas públicas) ou na privada (setor empresarial de turismo), e as atividades turísticas. Verifica-se que a resiliência no turismo contempla uma análise conceitual, comportamental e empírica que contribui para o planejamento e a gestão da atividade.

Com base na pesquisa documental, identificaram-se os principais segmentos (Turismo de Base Comunitária - TBC), Turismo Rural, Turismo de Natureza/Ecoturismo e Turismo Cultural). Ainda, como o enfoque resiliente é uma estratégia de enfrentamento de situações diversas (crises, vulnerabilidades, desastres) e promocional, no âmbito de cada segmento, conforme sintetizamos no Quadro 04.

Quadro 04. Segmentos turísticos/conceito de resiliência.

Segmento turístico	Tipo de resiliência	Conceito
Turismo de Base comunitária (TBC)	Resiliência comunitária	A resiliência é uma capacidade dos sistemas sociais, que visa harmonizar as relações entre o homem e a natureza para garantir a continuidade dos serviços, ecossistemas e a sobrevivência da vida. Em nível local , a resiliência desenvolve-se no sentido de uma perspectiva intelectual e psicanalítica que valoriza os processos sociais de baixo para cima, em que a ação coletiva, o capital social, a participação, a auto-organização e o empoderamento são pilares para superar mudanças ⁴³ .
Turismo Rural	Resiliência socioecológica	Refere-se a uma perspectiva de análise sobre sistemas complexos que se transformam e se adaptam continuamente, aplicada à análise do turismo no meio rural , permitindo compreender as tendências de adaptação e reestruturação dos atores locais que enfrentam as mudanças advindas do desenvolvimento da atividade, abordando a realidade como uma dinâmica não linear e correlacionada com as dimensões biofísica e sociocultural ⁴⁴ .
Turismo de Natureza/Ecoturismo	Resiliência socioecológica	A resiliência como propriedade de sistemas socioecológicos relaciona-se com a capacidade que tais sistemas têm de se adaptar e lidar com perturbações a partir de três (03) indicadores de resiliência: a flexibilidade, a capacidade de organização e de aprendizagem. A flexibilidade corresponde à dependência econômica em relação ao recurso natural; a capacidade de organização é a participação em tomadas de decisão em organizações comunitárias; e a capacidade de aprendizagem refere-se à percepção das alterações ambientais em função da atividade humana ⁴⁵ .
Turismo Cultural	Resiliência turística/cultural	A resiliência como método e estratégia para reforçar a resposta as situações de vulnerabilidade social e patrimonial e promover a conservação dinâmica e funcional do patrimônio enquanto recurso turístico. Na gestão de destinos patrimoniais a promoção de ações e programas turísticos resilientes deve ser prioridade nas políticas públicas, devido ao enorme potencial para assimilar e enfrentar as duplas pressões e impactos que acompanham a função turística em sítios, cidades ou complexos monumentais ⁴⁶ .

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

De forma mais ampla, compreende que as estratégias de resiliência voltadas para cada segmento turístico visam garantir a sustentabilidade em longo prazo, e

⁴³ Chontasi, D., Chicaiza, T., Noguera, D., Naula, L., & Duarte, C. (2022). Turismo comunitario y resiliencia: entre la sinergia y la literatura científica emergente. *Revista de Ciencias Humanísticas y Sociales (ReHuSo)*, 7(3), 92-111. Epub 05 de diciembre de 2022.

⁴⁴ Pérez-Ramírez, C. A., Flores-Montes, A. (2019) Turismo rural, impacto ambiental y resiliencia en Piedra Herrada, México. *Agricultura, Sociedad y Desarrollo*. ASyD 16: 429-450.

⁴⁵ Nora, F. P. M. et al. (2017). Pescadores da Praia Grande, Paraty, RJ: aspectos da resiliência em seu sistema socioecológico. *Desenvolv. Meio Ambiente*, 40, 439-457, abr.

⁴⁶ Del-Espino-Hidalgo, B. (2020). Patrimonio cultural como factor de desarrollo territorial resiliente en áreas rurales. El caso de Mértola (Portugal). *PASOS Revista De Turismo Y Patrimonio Cultural*, 18(1), 9-25. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2020.18.001>.

promover o desenvolvimento socioeconômico. Embora os conceitos apresentados estejam vinculados a outros tipos de turismo, as dimensões da resiliência presente nestes segmentos corroboram o entendimento e a aplicabilidade no segmento religioso.

Nesse sentido, Cháves (2020) contribui com o debate ao definir a resiliência turística como uma construção socioespacial coletiva, com variações entre os locais, forjada por um processo que envolve ações públicas e privadas. E, por se tratar de um fenômeno complexo, resiliência não se move em uma única direção; os destinos turísticos podem desenvolvê-la ou não e, portanto, cada região, cada espaço urbano ou rural, enfrentam condições que exigem ações específicas⁴⁷.

Em outras palavras, a resiliência turística é um produto da interação entre as comunidades locais, as organizações públicas, as empresas privadas e outros atores envolvidos, é reflexo das dinâmicas socioculturais, econômicas e espaciais de um determinado destino turístico. É um processo contínuo, não linear e multidirecional, que pode ser alterado ao longo do tempo. A resiliência no turismo é moldada pelas ações dos setores atuantes e cada espaço urbano ou rural encaram desafios únicos que exigem estratégias e ações adaptadas.

Portanto, o propósito foi compreender como a resiliência forjada pelos atores sociais promove o turismo religioso, e atua diante dos processos econômicos, turísticos e eclesiais que vão sendo introjetados e modelam, em algum grau, as competências subjetivas dos romeiros. Logo, a perspectiva teórica desta pesquisa, ancora-se na corrente comunitária da resiliência e em como esse processo é tecido pelo mercado turístico e pela Igreja Católica visando atender a seus respectivos interesses. A tessitura da resiliência no turismo religioso é permeada pela complexidade que envolve os aspectos (inter) subjetivos, objetivos e projetivos, sendo que estes último demanda mais tratativas acadêmicas e operacionais nos espaços de planejamento e gestão para encaminhar nossas demonstrações.

4.2 As dimensões da resiliência no Turismo Religioso

A pandemia exigiu do turismo uma atividade mais sustentável, capaz de compensar as práticas insustentáveis baseadas em um sistema de turismo capitalista

⁴⁷ Cháves, V. B. (2020). Estimación de la vulnerabilidad de los municipios turísticos de Jalisco ante la pandemia del COVID-19 y opciones de política pública. *Dimensiones Turísticas* [Número especial: Turismo y COVID-19], 4, 95-130. <https://doi.org/10.47557/WDDL6015>

amparado nos velhos paradigmas. Diante de tal realidade, o “novo normal” requer um reinício do turismo ancorado na comunidade e mais regenerativo, isto é, mais responsável e sustentável (Olsen & Timothy, 2020). A resiliência também é um caminho viável para o alcance da sustentabilidade no turismo, pois, ao seguir tais princípios, pode preparar as destinações turísticas no enfrentamento de impactos causados por fenômenos naturais, perturbações sociais, crises econômicas e políticas específicas, além dos efeitos do próprio turismo (Sonaglio, 2018).

Na criação de um “novo” paradigma de viagem, aquelas motivadas pela prática religiosa representam um componente fundamental no novo cenário. A peregrinação e o turismo religioso podem desempenhar um papel positivo nesta fase de reorganização a partir da compreensão de como as ações e os padrões de viagem de grupos religiosos podem ser alterados, editados e recriados. Com esse intento, a pesquisa identificou algumas dimensões que apontam para a resiliência das práticas devocionais e a promoção do turismo religioso no Santuário de Santa Cruz dos Milagres (PI).

É possível estabelecer esse paralelo entre a resiliência e turismo religioso, por possuírem dois aspectos em comum: o primeiro está ligado aos fatores internos e subjetivos, como a fé, a esperança, associadas à vivência de espiritualidade/ religiosidade; o segundo, relaciona-se com os aspectos objetivos e externos, os quais pautam a relação com o outro, com os lugares, mediante experiências que os interconectam ao sagrado.

Para a psicologia, a espiritualidade é um indicador de resiliência na superação de adversidades e na capacidade de encontrar significado na vida a partir da fé religiosa. A resiliência refere-se ao processo por meio do qual o ser humano é capaz não apenas de superar e recuperar-se dos efeitos danosos causados pelas adversidades, mas também de transformar-se e ser fortalecido pelas experiências. Enquanto a espiritualidade compreende a experiência humana que traz sentido e significado para a existência, a busca do divino, do sagrado, o sentido de conexão com um propósito supremo relaciona-se com a adoção de um sistema específico de crença, religiosa ou não (Chequini, 2007).

Em suma, quer sejam vinculadas às práticas institucionalizadas ou não, as crenças e os rituais religiosos motivaram os deslocamentos para lugares considerados sagrados, promovendo as peregrinações e o turismo religioso. Conforme já discutimos, as motivações são múltiplas, e outros interesses culturais impulsionam o segmento religioso.

No processo de desenvolvimento do turismo religioso, sobretudo, no momento pós-COVID-19, houve uma demanda contínua de viagens religiosas. Mesmo que as práticas virtuais tenham preenchido temporariamente a realização de rituais ou a visita aos lugares sacralizados, elas não substituíram a experiência proporcionada pela vivência no lugar, sobretudo, quando a doutrina e a práxis religiosa exigem a realização de rituais corpóreos em lugares específicos, capazes de aumentar o vínculo com o sagrado. Outro aspecto a ser considerado é a importância da reunião em lugares sacralizados para fortalecer os laços comunitários (Olsen & Timothy, 2020).

Esta pesquisa descortinou algumas dimensões de análise (sensorial/corpórea; festiva/coletiva e turística/comercial) que podem estar associadas à resiliência no turismo religioso, mediante as práticas devocionais e turísticas realizadas pelos romeiros no Santuário de Santa Cruz dos Milagres (PI). No âmbito do planejamento turístico, mediante os aspectos subjetivos presentes nas relações e vivências dos romeiros, constatou-se que como a experiência devocional pode auxiliar na estruturação de novos roteiros turísticos, integrados a outros segmentos, com a valorização e a participação efetiva da comunidade local.

4.2.1 A dimensão sensorial/corpórea

“Rezo, toco na cruz, trago água do olho d’água”.

Essas práticas são recorrentes nos depoimentos dos romeiros e reforçam que a realização de rituais corpóreos em lugares específicos aumenta os laços com o sagrado e compõe a experiência devocional. A necessidade de o homem religioso em realizar seus rituais nos espaços sacralizados e a força dos valores sensoriais consistem em uma complexa experiência que dá sentido ao espaço, seja pela percepção visual, auditiva, tátil ou mesmo pelo pensamento. A percepção dos sentidos é tanto uma resposta aos estímulos externos quanto uma atividade proposital que fornece logicidade às práticas (Tuan, 1980, 1983).

Em outras palavras, é a partir do corpo e dos sentidos que percebemos e dotamos de sentido o espaço, o lugar, e experienciamos o mundo. Os sentidos atuam simultaneamente na construção de nossa experiência, entretanto, cada um deles, contribui de forma diferente para a apreciação do mundo. Enquanto a visão distancia e possibilita

ao indivíduo uma visão estética, a audição, o tato e o olfato aproximam-no e envolvem-no com o lugar (Tuan, 1980, 1983).

Embora as tecnologias, durante a realização de eventos e rituais religiosos, sejam uma realidade na práxis religiosa, o turismo religioso e a peregrinação são experiências sensoriais corporificadas, isto é, são práticas que envolvem atos como cheirar o incenso, abraçar imagens, beijar relíquias, apertos de mãos, tocar ou ingerir água benta, caminhar com outros peregrinos em trilhas de peregrinação, ações essas que compõem os rituais e as práticas religiosas durante séculos (Olsen & Timothy, 2020).

Por conseguinte, as experiências sensoriais em Santa Cruz dos Milagres estão relacionadas diretamente com os símbolos que constituem a experiência devocional: a cruz e água. Conforme já mencionamos, a cruz assume a representação de uma santa e seu rito se aproxima da história geral do culto aos santos; a interação com as imagens, ainda que envolva por complexidades, é parte essencial da devoção. A proximidade física é potencialmente capaz de criar uma aproximação afetiva, emocional, pois facilita que os devotos percebam a imagem, permitindo, assim, uma conexão afetiva mais profunda com a sacralidade (Lima, 2015).

Esse contato afetivo também é observado nas relações dos romeiros com a santa de madeira. Depois das celebrações, o ritual dirige-se ao corredor que passa por trás do altar, e cada romeiro, no seu tempo, pode realizar seus ritos devocionais, como tocar, rezar, beijar, contemplar ou fotografar. É um momento pessoal, único e emotivo, que incorpora a experiência individual.

Ilustração 26. O toque na cruz.



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

O toque, para os romeiros também remete à crença no poder curativo da cruz que instituiu o espaço sacralizado. O poder atribuído a esse contato é parte do imaginário coletivo dos romeiros e representa uma crença compartilhada que une a comunidade, fortalece a fé e alimenta a devoção, mediante narrativas e mitos.

Sobre as práticas em torno da cruz, o Padre Mendes (s.d) destacou que: “Nos começos foi bastante atingida pela necessidade que tem todo romeiro de tocar o objeto de sua devoção e, se possível, levar ao menos uma parcela do mesmo. É como se aquela parte carregasse em si a força divina que está no todo”. Em outro trecho o pároco

recorda: “É de não esquecer a velhinha tocando na cruz e passando depois a mão sobre os olhos cegos, na esperança de recobrir a visão”. Os atos de tocar a cruz e passar a mão sobre os olhos – comuns nas práticas mais tradicionais dos romeiros – transmitem a crença de que o contato direto com o objeto sagrado pode conceder as bênçãos e o poder de cura desejados. Os rituais, os gestos e os símbolos sagrados, portanto, impactam significativamente a experiência individual e a coletiva, moldando, assim, a espiritualidade e a devoção.

Cada devoto atribui um significado na forma de tocar os santos, um tipo de acordo pessoal que não é possível generalizar, mas pode representar entrega, respeito, graças alcançadas e pedidos, evidenciando a complexidade da devoção. Conforme Menezes (2004), a relação devocional implica um vínculo duradouro e permanente entre uma pessoa e um santo, marcado pela amizade, fé, confiança, gratidão e reconhecimento. Envolve fidelidade, mas não exclusividade. Ainda, há uma atitude de doação, em que o devoto se entrega ao santo, ou ao bem dos outros, por amor ao santo. Atualmente, o registro fotográfico também contribui para a construção da experiência; a foto junto à cruz tem por finalidade manifestar a devoção junto à comunidade, figurar as recordações, materializar o sagrado e construir memórias do/no lugar.

Ilustração 27. Romeiros fotografando a cruz.



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

O toque e o consumo da água também é uma experiência sensorial e reforça o caráter curativo difundido pela tradição oral da cura milagrosa da filha do vaqueiro, além de ter uma função utilitária, pois os romeiros que se alojam em espaços improvisados utilizam a água da fonte para higiene pessoal, consumo e produção de refeições.

Embora a Igreja Católica busque centralizar a devoção, com a realização e renovação dos votos de batismo, mantendo a centralidade eclesial e administrando o espaço da fonte, o que se observa é um ritual terapêutico de cura aliado às práticas de lazer. O local fica no centro comercial da cidade, e, portanto, muitos romeiros que aqui chegam realizam seus ritos: bebem água e enchem pequenas garrafas, realizam suas orações pessoais aspergindo partes de seus corpos com água; buscam na fonte uma forma de amenizar o calor intenso; conversam, trocam experiências; e fazem compras nas imediações do centro da Cidade.

Ilustração 28. Rituais no Olho D'Água.



Fonte: Dados, da pesquisa, 2023.

Além dessas práticas centrais em torno da cruz e da fonte, que centralizam e configuram a identidade do romeiro de Santa Cruz. Outras experiências sensoriais são

reforçadas nos rituais coletivos. E, embora a pandemia as tenha suspenso e as tecnologias tenham criado novas mediações, elas readquirem força por proporcionar experiências e vivências pela via do contato direto e pessoal.

4.2.2 A dimensão coletiva (rituais festivos)

Para analisar os rituais festivos e coletivos, esta pesquisa debruçou-se na Festa da Invenção, realizada anualmente no mês de maio. A celebração representa um rito de reza-penitência em torno da simbologia da cruz, caracterizada pelas orações e gestos penitenciais, como repetição, súplica e sacrifício corporal dos devotos.

Ilustração 29. Exercício da Invenção.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

A origem da celebração, na perspectiva clerical, está associada ao dia três de maio, data celebrada pelos cristãos a partir do século IV, quando a Igreja Católica passou a cultuar a cruz como símbolo do Cristianismo. A devoção à cruz foi instituída no tempo

do Imperador Constantino, com a “Invenção⁴⁸ da Santa Cruz” por Helena (mãe do Imperador). De acordo com Santo (1988), ao realizar uma viagem à Terra Santa (hoje Israel, antiga Palestina), Santa Helena descobriu a existência de uma prática, há pelo menos três séculos, de veneração a uma cruz, reconhecida como a “verdadeira cruz” ou “*vera cruz*”, encontrada juntamente com outras cruzes, tidas como as cruzes do Calvário (a de Jesus e dos dois ladrões). Somente uma delas foi associada a acontecimentos considerados milagrosos, passando a ser símbolo de devoção (Santo, 1988).

A Cruz foi levada para Roma, e muitos dos seus pedaços espalhados como relíquias por todo o mundo. Também foi instituída a Festa da Exaltação da Santa Cruz, em 14 de setembro, data em que foi consagrada a Basílica do Santo Sepulcro em Jerusalém. Esses eventos, locais e objetos sagrados foram fundamentais para o aumento das peregrinações durante a Idade Média e o surgimento da devoção à cruz (Santo, 1988).

No início do século XVI, a mística católica centrada na paixão de Cristo impulsionou a devoção à cruz. Houve uma reapropriação pelos cultos locais e popularização da devoção por intermédio de crucifixos descobertos e difundidos pelos leigos, propagadores das devoções. Em outros locais, a exemplo de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, houve uma disputa pela centralidade da devoção, pois o culto à imagem do Cristo Crucificado e à Nossa Senhora da Soledade estiveram sempre associados à paisagem local (Steil, 1996).

Em Santa Cruz dos Milagres não ocorreu essa disputa pela centralidade, já que a própria cruz venerada é o principal símbolo de devoção. Ela personifica-se em santa, padroeira e a principal intercessora. Para os devotos, a Festa da Invenção representa uma forma de reviver suas práticas devocionais e organizar sua cosmologia, orientados pela narrativa do milagre, enquanto a Igreja Católica busca promover o culto por meio dos sacramentos e evidenciar, nos atos dos fiéis, a historiografia cristã, a fim de difundir as festas e os rituais.

No Santuário encontram-se duas pedras oriundas da Basílica do Santo Sepulcro, e em 2022 foi enviado um pergaminho que atesta, com a autoridade de Bispo católico romano de Jerusalém, a ligação espiritual entre a Basílica do Santo Sepulcro e o Santuário de Santa Cruz dos Milagres, pois toda reforma e modernização deve-se

⁴⁸ O termo invenção se refere ao latim “*inventio*”, língua usada pela Igreja Católica nas celebrações até 1965. Em português, a palavra significa encontro.

justificar acrescentando um componente de convencimento comunicativo, neste caso, o sagrado próximo conecta-se com outro sagrado distante.

Ilustração 30. Imagem do artigo da Arquidiocese de Teresina.



Fonte: Arquidiocese de Teresina, 2022.⁴⁹

A dimensão festiva configura uma resiliência das práticas, pois impulsiona o regresso coletivo e mais efetivo aos espaços sacralizados. Em Santa Cruz dos Milagres, após duas edições (2020/2021) da festividade realizada no formato virtual, sem a presença de público, em 2022, a programação foi retomada e nos permitiu compreender quais aspectos resistem, adaptam-se e reinventam-se e são capazes de garantir a resiliência das práticas.

É possível verificar em alguns aspectos da festa a resistência do sagrado, uma vez que eles não apenas se mantêm, mas também se fortalecem a cada ano, como o caráter penitencial e purificador dos rituais realizados na invenção. Outros atributos são acrescidos de novos significados diante de novas conjunturas e adaptações na realização dos ritos de sacrifício vividos no milagre da dor que se converte em gozo e júbilo. As

⁴⁹ Recuperado de: <https://arquidiocesedeteresina.org.br/2022/09/15/jerusalem-e-piaui-unidos-pela-santa-cruz/>.

performances rituais reforçam o valor sagrado dos espaços simbólicos, conforme descreveu uma devota:

Dia 03 de maio que é a Invenção de Santa Cruz, essa invenção é uma coisa maravilhosa, tem uma oração que ele faz e beijamos o chão 100 vezes, o padre faz um ritual de 50, dá uma pausa e mais 50 pra não ficar cansativo, a oração é limpando a nossa alma, é muito bonito (Romeira, de Teresina, 57 anos).

As pausas e a orientação respeito das condições físicas do corpo durante a execução do ritual podem representar adaptações necessárias para garantir a sua continuidade. Outros traços são mantidos e reforçados, a exemplo da data e ampliação da programação (a abertura oficial da festividade ocorre no dia 1º de maio, feriado nacional do trabalhador).

A organização da celebração começa a ser desenhada com a chegada das romarias e dos feirantes, entretanto, a maior parte dos visitantes que chegam no feriado é um público específico de devotos que não dispõem de muito tempo para permanecer na Cidade, e a visita ao Santuário é marcada por rituais breves e direcionados. Há, portanto, uma diferenciação na escala temporal: o tempo dos visitantes e o tempo do santuário, uma adaptação que oscila entre as demandas sociais e espirituais daqueles que buscam esses espaços.

Outro critério temporal que compõe a resiliência é a relação de familiaridade e conhecimento do Santuário, juntamente com as práticas sacralizadas desenvolvidas nele. Em outro depoimento, a relação de estranhamento, acomodação e acelerada compreensão dada a integração coletiva com o lugar foi enfatizada por um visitante ao descrever suas primeiras impressões: *“Eu achei assim, um lugar estranho, mas ele é um pouco pacato e o pessoal bom, não vejo dificuldade em nada. Só no início achei meio estranho, mas depois fui me acostumando com isso”* (Romeiro de Salgueiro, PE, 73 anos). A familiaridade é construída ao longo do tempo, por meio das vivências, necessita-se de tempo para criar um lugar, para acumular experiências e construir relações afetivas (Tuan, 1983). À medida que acumulam-se experiências, firmam-se os laços de afeição e depositam-se sentidos quem podem ser acessados pelas memórias e, assim, os lugares são criados. A familiaridade dos visitantes, portanto, é condicionada pelas experiências e representações que atribuem valores investidos nos lugares e nas práticas.

No entanto, Tuan (1983) adverte que, para conhecer um lugar, somente a passagem do tempo, em si mesma, não é suficiente, já que é um centro de significado

construído por modos de experiência mais passivos e diretos, ou seja, resiste à objetificação, pois conhecer o lugar plenamente significa tanto a sua captação de forma abstrata quanto o seu conhecimento concreto.

Para os romeiros de Santa Cruz, o ritual da invenção é um espaço de construção de laços afetivos com a Santa de madeira, sacralizando o espaço. Dos rituais que compõem a festa, a recitação das 100 ave-marias, no segundo dia do evento, representa uma preparação espiritual para o ritual da Invenção. Conforme Turner (1987), o ritual é uma *performance* transformadora, capaz de modificar experiências, identidades e ações, tanto dentro da organização performática dos próprios rituais quanto na conjunção de significado e ação que se estendem.

Em 2022, a recitação das orações marianas trouxe uma reflexão sobre os impactos da pandemia na vida de todos. A reza foi realizada por pessoas que enfrentaram direta e indiretamente os problemas causados pela COVID-19: aquelas que alcançaram a cura, mães que perderam os filhos, filhos órfãos, pessoas desempregadas, enfim, pessoas atingidas de diferentes formas pela pandemia.

Ao rezar uma dezena de ave-marias, formava-se na nave central do Santuário uma grande cruz humana iluminada com velas. Os rituais coletivos possuem um estilo de apresentação, uma “encenação” com mensagem e significado social (Turner, 1987). Ainda que os rituais possuam estruturas e características fixas, eles também são dotados de um caráter complexo e dinâmico, que se modificam a fim de permanecerem úteis no plano pessoal e analisar fenômenos sociais (Kolen, 2012).

Em 2023, a recitação das ave-marias foi realizada com o objetivo de promover o tema do 3º Ano Vocacional no Brasil. Trata-se de eventos evangelizadores que buscam promover congressos, simpósios e diversos encontros vocacionais em nível nacional e continental (CNBB, 2023)⁵⁰. O caráter performático aponta para as múltiplas formas que a Igreja Católica busca evangelizar e reinventar os rituais a cada ano. Os participantes, enquanto rezavam, formavam no centro o slogan da campanha vocacional: um coração (Ilustração 31).

⁵⁰ Resgatado de: <https://anovocacional.cnbb.org.br/historia/>.

Ilustração 31. Recitação das 100 ave-marias e *slogan* do ano vocacional 2023.



Fonte: Acervo pessoal e CNBB, 2023.⁵¹

O exercício da invenção é realizado sempre no dia 03 de maio, e consiste em realizar a oração penitencial⁵², um tipo de encenação em que a multidão ajoelha-se, beija

⁵¹ Fonte: <https://anovocacional.cnbb.org.br/logo/>.

⁵² Nos campos de Caifás, com o inimigo da Cruz encontrarás, arreda e afasta-te Satanás. Tu comigo não tens conta, deixa minha alma passar em paz! Porque no dia da invenção da Santa Cruz, cem vezes me ajoelhei, cem vezes o chão beijei, cem vezes me levantei, cem vezes me persignei, pelo sinal da Santa Cruz, livre-nos Deus Nosso Senhor, dos nossos inimigos, cem Ave Maria rezei, cem na véspera e cem no dia. Me recomendando a Deus e a Virgem Maria. Cem vezes o cão arreneguei: Arrenego de ti Satanás. Ave Maria [...].

o chão, levanta-se, persigna-se, recomenda-se a Deus e à Virgem Maria, renega-se a satanás e, por fim, reza a ave-maria. Esse é um ritual que se repete cem (100) vezes vincula-se à espiritualidade do povo cristão, associada ao sentido da penitência corporal, tendo a Paixão de Cristo como seu paradigma.

A preparação para a Invenção é iniciada logo cedo, com cânticos e louvores. Além de rezar, cantar e dançar, os padres orientam os participantes sobre a necessidade de respeitar as limitações do corpo, que deve estar preparado físico e espiritualmente para a ocasião. É importante destacar que o corpo não apenas reproduz os gestos, mas também reconstrói o mundo simbólico dos devotos à Santa Cruz por meio de suas *performances* rituais.

Dois aspectos da *performance* precisam ser considerados para examinar a atuação do ritual. O primeiro se refere ao arranjo espacial, isto é, à organização dos participantes e do público em geral. O segundo diz respeito ao meio em que os objetos e as ações simbólicas são transportados. Durante o ritual, o espaço interno do Santuário é reorganizado, os bancos da nave central e do transepto são afastados para trás, disponibilizando maior espaço para os devotos (Kapferer, 1979).

A abertura oficial da cerimônia é dada pelo alto clero presente. O bispo arquidiocesano preside e apresenta brevemente o significado bíblico para cada gesto realizado: o ajoelhar-se representa o sinal de adoração e respeito, bem como a forma de obediência até a morte; beijar o chão é outro sinal de humildade; o sinal da Santa Cruz feito sobre o corpo representa uma forma de pedir a Deus proteção contra os inimigos e, por fim, arrenegar satanás significa resistir às tentações e permanecer firme na fé (Silva, 2019).

O ato sacrificial reforça a ligação simbólica entre a divindade e os devotos por meio da linguagem do corpo, em que os fiéis realizam os gestos à medida que a oração é proferida na celebração. Desse modo, que a corporalidade é um importante idioma simbólico que produz significados. Neste caso, constrói-se o sentido da redenção dos pecados, da salvação eterna e da paz espiritual, articulando, por meio das práticas rituais em torno da cruz, os símbolos de um catolicismo sertanejo.

A realização do ritual, completa e/ou parcial, não se refere apenas a uma prática de penitência ou sacrifício, mas também renova os laços de reciprocidade com o sagrado e, por conseguinte, cria a própria coletividade devota. A festa da Invenção da Santa Cruz, traz questões para se pensar como as *performances* rituais constroem o

mundo sertanejo ou de um catolicismo popular que vem historicamente sincretizando símbolos e referências identitárias e religiosas. Ao analisar a festividade, constata-se que os ritos coletivos fortalecem os vínculos de solidariedade, de vivência coletiva e impulsionam os deslocamentos, e, conseqüentemente, promovem o turismo religioso.

4.2.3 A dimensão turística: novos arranjos e roteiros

Esta dimensão propositiva é baseada no planejamento do turismo religioso, e conforme Oliveira (2005), esse processo precisa romper com algumas visões que tendem a eliminar o turismo do campo das prioridades. A citar, a visão tradicional, que vincula o atrativo turístico a uma vocação funcionalista. O turismo religioso precisa ser entendido “[...] para além de sua segmentação imediata, como um processo antivocacional, basicamente porque são as pessoas e os grupos sociais que contêm dons e vocações; nunca os lugares” (Oliveira, 2005: 329). O referido autor ainda enfatiza que, para superar os impasses que firmam o turismo religioso exclusivamente como segmento de mercado, é preciso compreender como essa modalidade em seu potencial pode contribuir para uma renovação cultural das viagens no Brasil.

Uma das dificuldades no planejamento do turismo religioso consiste no critério de seleção dos atrativos vinculado ao produto religioso (templo/imagem do santo) ou ao evento (festa), já que é necessário superar os limites da relação entre oferta e demanda. Esse turismo não pode ser apreendido apenas como visita, que inclui a vinda, a estada e a volta do turista como um movimento parcial, mas também como na emissão de turistas das comunidades visitadas. A condição turística de uma localidade deve ser mensurada a partir da propensão potencial e real de seus membros em fazer turismo. (Oliveira, 2005). Essa perspectiva enfatiza o planejamento turístico centrado nas relações internas da comunidade local, integrando-o às políticas de promoção do turismo religioso.

Tais reflexões e posicionamentos permitiu ampliar o olhar sobre as práticas turísticas que são desenvolvidas em Santa Cruz dos Milagres, considerando a forma pela qual a comunidade local pode atuar efetivamente no processo. O turismo religioso possui uma característica importante, baseada na interdependência (Oliveira, 2005), ou seja, nas possibilidades de convivência deste segmento a outros, incorporando outras atividades e compondo novas rotas e roteiros turísticos.

Santa Cruz dos Milagres está inserida na Bacia hidrográfica do rio São Nicolau⁵³, isto é, uma região com grande potencial hídrico. O rio São Nicolau corta e deságua no rio mais importante da região, o Sambito. Para diversificar a oferta turística, outros segmentos, como o ecoturismo e turismo de aventura, são promovidos pela Secretaria Municipal de Turismo. O objetivo é promover mais atrativos turísticos e atender a demandas turísticas com outros perfis de consumo, com vistas a aumentar o tempo de permanência do visitante na cidade, gerando mais consumo, e consequentemente, renda para o município. Embora seja uma visão mercadológica, baseada nas relações de consumo entre oferta e demanda, possibilita uma ampliação e diversificação do público.

O cicloturismo é uma das propostas em desenvolvimento na região. De acordo com Ministério do Turismo (2010), é uma das atividades realizadas no segmento do turismo de aventura, que tem como elemento principal a realização de percursos com o uso de bicicleta, que pode envolver pernoite ou não. Ele contempla atividades lazer, recreação, trilhas ecológicas, proporciona hospitalidade, promove educação ambiental e uma vivência mais integrada com o lugar.

Essas atividades também aumentam a visibilidade dos atores locais, ao possibilitar maior integração com a comunidade local, bem como a comercialização de produtos e serviços, com iniciativas mais sustentáveis, de preservação ambiental e valorização da cultura local.

Em Santa Cruz dos Milagres, a Secretaria de Turismo tem promovido a atividades de cicloturismo, sobretudo, no período chuvoso, que ocorre nos 6 primeiros meses do ano. Com o aumento das precipitações, as cachoeiras ganham volume e as trilhas, em direção a esses atrativos naturais ganham maior visibilidade e procura no Piauí⁵⁴.

⁵³ A bacia hidrográfica do rio São Nicolau está localizada ao norte do Piauí entre os paralelos 5°40' e 6° 10' S e os meridianos de 40°50' e 42°20' W, com a nascente do rio principal próximo ao limite do Piauí com o Ceará, na cidade de Assunção do Piauí. A bacia engloba os municípios de Aroazes, Assunção do Piauí, Pimenteiras, Santa Cruz dos Milagres e São Miguel do Tapuio, perfazendo uma área de, aproximadamente, 5.389,8 km² (Santiago *et al.*, 2015). Obra: Arranjo Espacial da Bacia Hidrográfica do Rio São Nicolau-Piauí a partir da análise morfométrica e dos aspectos ambientais. Revista Brasileira de Geografia Física 8(2), 402-421.

⁵⁴ O Governo do Estado, por meio da Coordenadoria de Comunicação do Estado e a Secretaria de Estado do Turismo (SETUR), disponibiliza o Guia Piauí - Cachoeiras. O guia aborda 18 cachoeiras localizadas em 11 municípios na região centro-norte do estado e está disponível em versão *on-line*. Disponível em: https://issuu.com/jornalismoccom/docs/guia_das_cachoeiras.

Com forma de aliar os segmentos religioso, de aventura e rural, a Secretaria de Turismo do município formatou um roteiro específico. O percurso inicia-se no centro da cidade de Santa Cruz dos Milagres, percorrendo comunidades rurais até chegar à cachoeira do Poço Redondo⁵⁵. Os membros das comunidades rurais comercializam as refeições (café da manhã e almoço) em suas residências para os ciclistas durante o trajeto (Ilustração 32).

Ilustração 32. Cartaz de divulgação e programação do Cicloturismo Santa Cruz dos Milagres.



Fonte: *Instagram* da Secretaria de Turismo de Santa Cruz dos Milagres-PI, 2023⁵⁶.

O cicloturismo é uma alternativa para dinamizar e fomentar novos segmentos na região. Conforme Sousa e Carvalho (2021), os roteiros cicloturísticos incentivam o fluxo de visitantes e promovem novos sentidos ao meio rural, enriquecendo a vida cotidiana dos moradores e o estreitamento dos seus laços com o patrimônio local. Os passeios favorecem comportamentos pró-ambientais, maior conexão e apego emocional

⁵⁵ A cachoeira localiza-se em uma área privada, denominada Lagoa do Barro, a 8 km da sede do município. Possui uma queda de aproximadamente 3 m e uma piscina natural perene. No local é possível fazer trilhas ecológicas a pé e de bicicleta, apreciando a fauna e a flora típica da faixa de transição entre caatinga e o cerrado. A entrada custa 10 reais (Mapeamento dos pontos turísticos em Santa Cruz dos Milagres - Bate e volta).

⁵⁶ Recuperado de: <https://www.instagram.com/secturismoscm/>.

em relação às localidades percorridas, traduzindo situações de aprendizado, afeto e experiências.

Em Santa Cruz dos Milagres (Ilustração 33), o roteiro possibilita um outro olhar sobre as potencialidades da região, no entanto, é um roteiro institucional, realizado em períodos específicos.

Ilustração 33. Mosaico de fotos do Cicloturismo 2023.



Fonte: Acervo de Hildengard da Silva Alves⁵⁷, 2023.

Outro evento proposto nesse segmento turístico, é o “São Nicolau Bike MTB” (Ilustração 34), no qual um grupo de ciclistas locais e de outros municípios percorrem trilhas e participam de percursos dentro e fora da Cidade. A prefeitura e as Secretarias do Turismo e da Cultura também são responsáveis pela organização e execução do evento.

⁵⁷ Turismólogo e atual Secretário Municipal de Turismo em Santa Cruz dos Milagres.

O objetivo consiste em aliar a prática esportiva com atividades de lazer e a religiosidade. Tais eventos, ao promover a atividade física e de lazer, contribuem para o turismo regional, conhecendo e integrando comunidades rurais às atividades turísticas.

Ilustração 34. Imagem do cartaz promocional e dos ciclistas ao lado da Igreja Matriz.



Fonte: *Instagram* da Secretaria de Turismo de Santa Cruz dos Milagres-PI, 2023⁵⁸.

Diante da carência de estruturas básicas e de serviços em Santa Cruz dos Milagres, a elaboração e a comercialização de roteiros cicloturísticos requer investimentos em infraestrutura, em especial a sinalização indicativa, turística e interpretativa, os pontos de apoio ao cicloturismo e os serviços específicos, como aluguel e manutenção de bicicletas. Desenvolver o segmento turístico perpassa o envolvimento ativo dos gestores públicos, empresariado e comunidade local, constituindo fator primordial de atenção às normativas desse segmento.

Para que a resiliência seja uma estratégia de planejamento eficaz, ela deve existir no nível da comunidade, isto é, contribuir para o bem-estar geral dos residentes. Com o propósito de maximizar as capacidades adaptativas dentro de um destino e criar acesso na participação da economia do turismo, deve possibilitar uma diversificação dos recursos sociais e econômicos acessíveis aos residentes de um destino (Radzanowski & Uğur, 2020).

⁵⁸ Recuperado de: <https://www.instagram.com/secturismoscm/>

Na proposta do cicloturismo em Santa Cruz dos Milagres, ou de outras atividades turísticas que incluam a realização de trilhas, utilizando transportes ou não, nas áreas rurais do município, é papel da comunidade local fornecer serviços básicos para os visitantes, conhecer roteiros e rotas turísticas e participar ativamente deles.

As atividades que contemplam o turismo de aventura, de natureza e ecoturismo podem integrar-se ao segmento religioso, valorizando outros espaços e promovendo eventos culturais sem descaracterizar elementos das comunidades locais. Com vistas à integração de segmentos, os roteiros também permitem a participação de outros municípios, provendo mais recursos turísticos para a região.

Conforme já mencionamos, Santa Cruz dos Milagres juntamente com 15 municípios integram o Vale do Sambito, uma área territorial com grande potencial hídrico, como rios, lagoas, barragens e água subterrânea. Há um problema de escassez de água devido a fatores ambientais, como a temperatura e a periodicidade das chuvas, agravado, predominantemente, pela ineficiência de uma gestão de planejamento e monitoramento dos recursos hídricos. Logo, o turismo possui o potencial para despertar e promover o conhecimento das potencialidades dos recursos naturais, possibilitando que a comunidade local qualifique seu território, seus problemas e desenvolvam estratégias resilientes para enfrentar as dificuldades.

Com vistas, a explorar as áreas naturais, outros municípios vizinhos, também, desenvolvem roteiros turísticos nos segmentos de ecoturismo e turismo de aventura. Um exemplo é o município de São Félix do Piauí, localizado a 26 km de Santa Cruz dos Milagres e a 158 km da capital, Teresina.

O povoamento ocorreu nas margens do rio Sambito e dos riachos Santo Antônio, Mocambo, Salobro e Castelo (IBGE, 2023)⁵⁹, e alguns atrativos naturais compõem roteiros turísticos e são promovidos e comercializados (Ilustração 35) por condutores locais e agências de turismo. Além das cachoeiras, caverna, trilhas e o cânion do Rio Sambito (Ilustração 36), são alguns dos recursos turísticos⁶⁰ mais visitados no município. A Prefeitura Municipal, juntamente com a Secretaria de Meio Ambiente, também realiza provas de ciclismo, atraindo atletas da região.

⁵⁹Foi desmembrado do município de Valença do Piauí e elevado à categoria de município e distrito com a denominação de São Félix do Piauí, pela Lei Estadual nº 1041, de 16-07-1954. Recuperado de: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/sao-felix-do-piaui/historico>.

⁶⁰ Recuperado de: <https://g1.globo.com/pi/piaui/piaui-de-riquezas/noticia/2022/05/21/vim-te-mostrar-visita-pontos-turisticos-de-sao-felix-do-piaui-e-tenta-encontrar-o-bode-de-ouro.ghtml>.

Ilustração 35. Cartaz promocional.



Fonte: Ecoturismo, 2022⁶¹.

Com relação a roteiros integrados ao turismo religioso, a Coordenação de Ecoturismo⁶² informou que a proposta do “Roteiro dos Santos” é a visitação em períodos de festas religiosas aliada ao turismo de natureza em três municípios: em Santa Cruz dos Milagres, no período da festa da padroeira de 05 a 14/09; em São Miguel da Baixa Grande, no festejo de São Miguel Arcanjo, no período de 20 a 29 de setembro; e em São Félix do Piauí, no festejo de Santa Teresinha entre os dias 27 de setembro e 01 de outubro.

⁶¹ Recuperado de: https://www.instagram.com/_ecoturismo_/.

⁶² Em entrevista com Lucas Moura, coordenador de ecoturismo e educação ambiental da Secretaria de Meio Ambiente de São Félix do Piauí e proprietário da agência de turismo ecológico.

Ilustração 36. Cãnion do Rio Sambito.



Fonte: Ecoturismo, 2022⁶³.

Em São Félix do Piauí, verificou-se que as ações de turismo são integradas ao órgão municipal de meio ambiente, valorizando os recursos naturais da região. Além dos roteiros institucionais que visam divulgar os atrativos locais, algumas agências de turismo comercializam passeios turísticos, sobretudo, no período chuvoso de visitação e banhos nas cachoeiras.

Outro município vizinho com potencial para integrar roteiros turísticos na região é Prata do Piauí⁶⁴, localizado a 64 km de Santa Cruz dos Milagres e 129 km de Teresina. Criado pela Lei Estadual nº 2.253, de 01/01/1962, foi desmembrado do município de São Felix do Piauí. Seu território é envolto pelo rio Poty e Sambito e por vários riachos. O rio Poty é a principal fonte de abastecimento de água e de lazer para a

⁶³ Recuperado de: https://www.instagram.com/_ecoturismo_/.

⁶⁴ Recuperado de: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/prata-do-piaui/historico>.

comunidade local, com destaque para o Balneário Prata Velha, local que deu origem ao primeiro núcleo de povoamento.

A cultura vaqueira também é destaque na região, com a realização da Festa do Vaqueiro, uma manifestação popular muito comum nas cidades nordestinas e piauienses, cujo objetivo é celebrar e homenagear a figura do vaqueiro, um personagem histórico e culturalmente importante, que desempenhou um papel fundamental na pecuária e na vida rural piauiense. As festividades são ocasiões para preservar e celebrar a memória e as tradições dos vaqueiros, com desfiles, competições de habilidades, apresentações musicais, danças típicas e exposições de produtos relacionados à cultura rural.

Ilustração 37. Procissão do vaqueiro em Santa Cruz dos Milagres.



Fonte: Acervo de Hildengard da Silva Alves, 2023.

Tais eventos também proporcionam a integração da comunidade local com os visitantes, fortalecem os laços culturais, contribuem para o turismo local, para a valorização dos costumes tradicionais, promovendo, assim, o orgulho da cultura

sertaneja. Na cidade de Prata do Piauí a festa é realizada no mês de julho, e, em Santa Cruz dos Milagres, a celebração ocorre no mês de setembro, juntamente com os festejos da padroeira Santa Cruz, ressaltando que cada cidade a celebração possui particularidades e tradições únicas.

Ilustração 38. Missa do Vaqueiro em Santa Cruz dos Milagres.



Fonte: Acervo de Hildengard da Silva Alves, 2023.

A Festa do Vaqueiro em Santa Cruz dos Milagres, que precede os festejos da padroeira, é um evento tradicional e significativo que destaca a cultura e a importância dos vaqueiros para a comunidade. Durante o evento, são realizadas a cavalcada pela Cidade, a missa no Santuário com a bênção dos instrumentos, a corrida de cavalos com premiação no parque de vaquejada e a festa dançante com músicas e artistas regionais. A festividade exalta a ligação entre a cultura local, a fé religiosa e as tradições dos vaqueiros ao combinar elementos religiosos com atividades esportivas e culturais.

São Miguel do Tapuio⁶⁵ é outro município piauiense que compõe a Bacia do rio São Nicolau, o qual se divide no baixo curso, com a zona urbana de Santa Cruz dos Milagres. Nesse trecho, a travessia é realizada por uma passarela, que não permite a passagem de carros. A distância entre os municípios é de 138 km, pelas rodovias estaduais (PI-451 e PI-216). São Miguel do Tapuio abrange muitos locais de interesse geológico e geomorfológico, como cachoeiras, complexo de paredões rochosos, cavernas, e sítios arqueológicos com pinturas rupestres e pontos de peregrinação religiosa⁶⁶. Segundo Ferreira, Silva, Aquino e Aquino (2022), que inventariaram esses locais, não há uma exploração de seus potenciais devido à inexistência de ações do poder público para implantar uma infraestrutura mínima adequada, como placas de sinalização que conduzam e possibilitem o acesso aos locais identificados.

Outra estratégia promocional poderia ser o treinamento (preparação) de condutores locais, como forma de envolver a comunidade no processo a partir da sua qualificação, a fim de dinamizar a economia local, já que a população vive basicamente da agropecuária. Os autores enfatizam, assim, a importância da participação mais ativa da gestão municipal por meio de ações que possam conscientizar a população local acerca da geodiversidade do município e do potencial turístico existente. Portanto, faz-se pertinente a criação de órgãos específicos para o desenvolvimento turístico no município como elementos-chave para a promoção do desenvolvimento socioeconômico das comunidades locais de forma sustentável.

Algumas ações propositivas possibilitariam integrar o vasto potencial turístico presente na região. Um plano de desenvolvimento turístico integrado – capaz de contemplar diversos segmentos (religioso, ecoturismo e geoturismo), de identificar pontos de interesse cultural (religioso), de áreas naturais para o ecoturismo e de geossítios para o geoturismo – deve ser direcionado ao desenvolvimento sustentável e resiliente, de forma a equilibrar a conservação e a exploração turística, possibilitando, assim, a diversificação da demanda turística real e potencial. Com esse intento, elaboramos dois

⁶⁵ Com relação aos territórios de desenvolvimento, o município de São Miguel do Tapuio pertence ao território dos Carnaubais, juntamente com os municípios piauienses de Assunção do Piauí, Boa Hora, Boqueirão do Piauí, Buriti dos Montes, Cabeceiras do Piauí, Campo Maior, Capitão de Campos, Castelo do Piauí, Cocal de Telha, Jatobá do Piauí, Juazeiro do Piauí, Nossa Senhora de Nazaré, Novo Santo Antônio, São João da Serra e Sigefredo Pacheco. Recuperado de: <http://www.piauiopotencialidades.com.br/territorio/4>. Acesso em julho de 2023.

⁶⁶ Recuperado de: Ferreira, F. V. F., Silva, H. V. M., Aquino, C. M. S., & Aquino, R. P. (2022) Geodiversidade e locais de interesse geológico e geomorfológico do município de São Miguel do Tapuio, Piauí, Brasil. *Boletim de Geografia*, 40, 133-152, e62372, 25 ago.

roteiros turísticos como ferramentas propositivas alternativas para o planejamento integrado e turístico dos municípios do Vale do Sambito, com a finalidade de maximizar o potencial turístico, diversificar a oferta e fortalecer a resiliência turística diante de desafios.

4.3 Proposições para um turismo religioso resiliente

Com fundamento em pesquisas empíricas e documentos oficiais⁶⁷, e em entrevistas com representantes dos órgãos municipais de turismo, alinharam-se as sugestões e as estratégias de planejamento turístico religioso integrado. As propostas de roteiros consideraram as possibilidades (recursos, atrativos e eventos) e as possíveis interligações que viabilizem a sua execução e promoção.

Quadro 05. Recursos, atrativos e eventos.

Municípios	Recursos e atrativos naturais	Recursos e atrativos culturais	Festividades
Santa Cruz dos Milagres	Cachoeiras do Jatobá e Poço Redondo; Beira rio e Balneário São Nicolau	Fazenda Alto Bonito; Escadaria/feira; Praça Olho D'Água; Igreja Matriz; Novo Santuário	Festas da Tríade (Invenção, Exaltação e Encontro dos Santos) Festa do Vaqueiro
São Félix do Piauí	Caverna do Morcego; Cânion do rio Sambito; Cachoeira de Santo Antônio	Igreja Católica São Félix de Cantalice; Parque de vaquejada	Festa do Padroeiro; Festa de Santos Reis
Prata do Piauí	Balneário da Prata Velha	Igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição	Festejos da Padroeira; Festa do vaqueiro
São Miguel da Baixa Grande	Balneário Pedro Paraibano	Igreja Matriz São Miguel Arcanjo	Festejos do Padroeiro; Festival de Folguedos
São Miguel do Tapuio	Cachoeiras do Escuro e do Nilo; Complexos Paredões Rochosos (Palmeira de Cima e Palmeira de Baixo); Sítios arqueológicos	Igreja matriz de São Miguel	Reisado; Festival junino; Festejo do Padroeiro

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Constata-se, assim, a potencialidade que os arranjos turísticos regionais têm de atrair o turismo religioso integrado, com o envolvimento e a participação da

⁶⁷ Plano de desenvolvimento integrado do turismo sustentável do polo Teresina. Resgatado de: http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/dprod/pdits/piaui/pdits_polo_de_teresina.pdf. Plano de desenvolvimento econômico sustentável do Piauí. Resgatado de: http://www.cepro.pi.gov.br/download/201608/CEPRO02_9b568b361f.pdf.

comunidade local. No processo de roteirização turística, ação proposta pelo Ministério do Turismo e inserida no Programa de Regionalização do Turismo (PRT), foram delimitadas as seguintes etapas: envolvimento dos atores; definição de competências e funções; avaliação e hierarquização dos atrativos turísticos; análise de mercado e definição dos segmentos; identificação dos possíveis impactos; elaboração de roteiro específico; levantamento de ações necessárias para implementação do roteiro turístico; precificação e teste; qualificação dos serviços turísticos; promoção e comercialização; e monitoria e avaliação (Brasil, 2007).

Os caminhos a serem traçados no processo de roteirização turística retratam, portanto, a necessidade de integração e cooperação entre os agentes. A proposta de elaboração de roteiros turísticos para a região do Vale do Sambito buscou justamente destacar a importância dessa articulação entre os segmentos turísticos, os setores envolvidos, a participação da comunidade local, e que inclusive possam ser realizados em períodos não festivos. A elaboração aqui proposta visou contemplar o diálogo sobre a resiliência no turismo religioso, e não necessariamente seguiu a metodologia proposta pelo Ministério. Trata-se de uma forma de contribuição para que haja desdobramentos de pesquisas futuras.

O primeiro roteiro foi planejado para ser executado em 2 dias (com pernoite), e pode ser realizado nos finais de semana. Para o primeiro dia (sábado), fizemos um roteiro passando pelos seguintes atrativos/municípios: saída de Teresina, principal núcleo emissor de visitantes e romeiros; visita na Gruta da Betânia (Ilustração 39), localizada no município de Lagoa do Piauí, às margens da rodovia BR-316; almoço e lazer no Balneário Pedro Paraibano em São Miguel da Baixa Grande; trilhas e lazer no cânion do rio Sambito em São Félix do Piauí; hospedagem e pernoite em Santa Cruz dos Milagres.

Ilustração 39. Gruta de Lourdes (Betânia-Lagoa do Piauí).

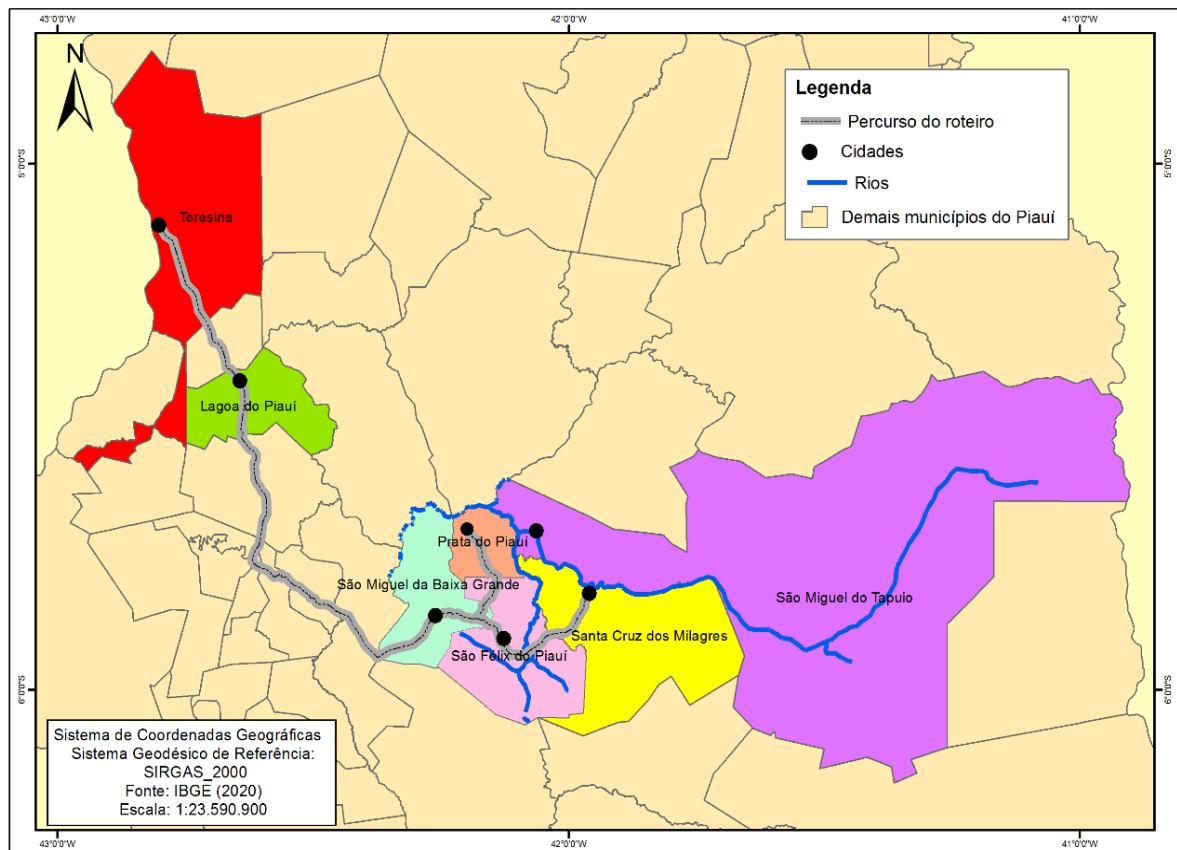


Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

No segundo dia (domingo), as atividades foram organizadas com a realização de um *city tour*⁶⁸, percorrendo os principais atrativos culturais e religiosos em Santa Cruz dos Milagres; um café e prosa com visita aos moradores mais antigos de Cidade; compras e lazer no centro comercial; almoço; visita ao Balneário Prata Velha, na cidade de Prata do Piauí; retorno a Teresina.

⁶⁸ O *city tour* tem como objetivo mostrar a cidade ao turismo e despertar neste a curiosidade para, de acordo com suas preferências, conhecer melhor e explorar posteriormente os locais visitados. Pode ser classificado em básico, *by night*, panorâmico, monumentais e por motivação. Os aspectos operacionais devem considerar: a localização espacial dos atrativos, o percurso, as condições de tráfego e os horários de visitação (Tavares, 2002). Nas ref., 2001

Ilustração 40. Percurso de roteiro turístico integrado.



Fonte: Adaptado de IBGE (2020).

Cabe destacar a importância de inserir atividades que sejam desenvolvidas pela comunidade local, a exemplo do *city tour*. A promoção de cursos técnicos para condutores locais possibilitaria explorar outras narrativas locais, para além dos discursos oficiais da Igreja Católica, como as vivências dos moradores mais antigos e sua relação com a devoção e a fundação do lugar, diversificando perspectivas a fim de promover um turismo mais plural e resiliente.

Ainda, o compartilhamento das histórias da comunidade local proporciona um diálogo intergeracional, em que as narrativas dos moradores mais antigos mantêm viva a memória coletiva. Chontasi *et al.* (2022) identificaram que no Turismo de Base Comunitária a resiliência pode ser fortalecida pela socialização das experiências comunitárias, uma estratégia que contribui para a geração de respostas adaptativas por meio da valorização do conhecimento local, científico, da aprendizagem e do capital social. Neste caso, em Santa Cruz dos Milagres, a participação da comunidade local poderá contribuir efetivamente para a socialização de suas narrativas de fé, as quais fazem parte da construção simbólica do lugar e das memórias afetivas da Santa Cruz.

O segundo roteiro turístico consiste especificamente na elaboração de um *city tour* básico. A proposta pode ser adaptada de acordo com os eventos e atrativos turísticos disponíveis e acessíveis em cada município ao longo do ano. O objetivo é oferecer uma experiência que englobe aspectos culturais, históricos, religiosos e naturais da região, e que o roteiro seja guiado e executado por condutores locais, promovido e comercializado durante todo o ano.

Ilustração 41. City tour em Santa Cruz dos Milagres (PI).

City tour em Santa Cruz dos Milagres (PI): narrativas e memórias

Objetivo: Oferecer aos romeiros uma oportunidade de conhecer a história e a cultura local, experimentando a cidade por meio dos olhos da comunidade local. Guiados por condutores locais, os visitantes terão a chance de explorar monumentos religiosos, conhecer residentes antigos, desfrutar de atividades de lazer e participar de uma missa ao final do dia.

Duração: 1 dia

Manhã

Encontro ao lado da Igreja Matriz: o roteiro inicia-se no marco central da Cidade (local que o Beato teria fincado a cruz), com uma breve introdução sobre a história e a importância religiosa de Santa Cruz dos Milagres.



Na sequência, a visita à Igreja Matriz e à Casa dos Milagres: com apresentação dos mitos e narrativas da cruz, a importância dos *ex-votos* e a simbologia do campanário. Em seguida, pausa para fotografias e orações.



Caminhada histórica: seguindo pela escadaria em direção ao centro da Cidade, para que os romeiros conheçam os produtos e bens comercializados na feira livre e possam interagir com os vendedores. Na praça do Olho d'Água, eles terão um momento para realizar seus rituais na fonte.

Em seguida, uma conversa com moradores antigos, na qual estes compartilharão histórias e experiências, proporcionando uma perspectiva própria acerca da vida e da cultura da cidade ao longo dos anos.



Tarde

Almoço em restaurante local: as visitantes desfrutarão de um almoço típico da região em um restaurante local.



Atividades de lazer no Rio São Nicolau ou na Cachoeira do Poço Redondo (ver período chuvoso): depois do almoço, os romeiros terão tempo para relaxar e aproveitar os atrativos naturais.



Noite

Visita ao novo Santuário com *tour* na área interna do templo para a apresentação de imagens e relíquias e participação na Missa. Depois da celebração, momento de diálogo e aconselhamento com os padres. Para finalizar, um jantar de confraternização com apresentações de grupos culturais locais e música ao vivo.



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

O fortalecimento da economia local representa um dos aspectos da resiliência comunitária. Para Chontasi *et al.* (2022), a contribuição da economia social para os negócios locais traz oportunidades alternativas ao sistema econômico dominante, como a revitalização comunitária, a capacidade organizacional e a percepção dos moradores locais. Diante das novas oportunidades, o empreendedorismo local pode ser uma possibilidade capaz de oferecer uma diversificação das atividades econômicas. Conforme já investigamos, as atividades econômicas em Santa Cruz dos Milagres e na região do Vale do Sambito consistem em atividades ligadas ao primeiro setor (agricultura de subsistência), terceiro setor (comércio) e funcionalismo público. O turismo religioso concentra-se, sobretudo, nos principais eventos religiosos, período de maior fluxo e concentração.

Diante da sazonalidade turística é importante oferecer à comunidade estratégias econômicas que possam ser desenvolvidas durante todo o ano, valorizando a cultura local, consequentemente, proporcionando recursos financeiros para a Cidade. Então surge a importância de políticas públicas de incentivo e valorização do empreendedorismo – as microempresas –, especialmente aquelas que pertencem à população local. Essa ação além de gerar benefícios econômicos diretamente para população local, tem como uma de suas premissas o respeito pela capacidade de suporte do lugar e o reconhecimento valorativo da cultura local, considerando-a um importante patrimônio e atrativo turístico da região.

No turismo religioso, o consumo de lembranças, como o souvenir, compõe a identidade do romeiro, como ação ritualística e simbólica que consiste na obtenção e exposição de recordações relacionadas ao lugar visitado, e contribui para reconstruir a jornada sagrada na memória. Em Santa Cruz dos Milagres, os objetos comercializados são provenientes de outros estados, por feirantes que percorrem a região Nordeste durante os festejos religiosos em cada município.

Embora existam produtos relacionados à devoção local, na sua maioria, não trazem consigo uma representação simbólica do lugar. A Cidade necessita investir na qualificação de artesãos locais, na diversificação dos produtos ofertados e na capacitação técnica que viabilize a confecção de artigos que estejam mais vinculados à história local, a exemplo da cruz (Ilustração 42), símbolo central e agregador da devoção.

Ilustração 42. Artesão confeccionando réplicas da cruz.



Fonte: Antônio Carneiro, 2022⁶⁹.

A participação efetiva da comunidade local, seja na elaboração e execução de roteiros turísticos, seja na produção e comercialização de artigos religiosos, ilustra a importância do capital social⁷⁰ na promoção de um turismo religioso mais resiliente. Os processos econômicos e eclesiais forjam a resiliência, pois as instituições moldam as estratégias dos atores envolvidos, e a participação social possibilita multiplicar o conhecimento técnico, e a negociação entre as esferas de poder.

⁶⁹ Resgatado de: <https://www.facebook.com/Santacruzdosmilagres.antoniocarneiro>.

⁷⁰ O capital social é um conjunto de características da organização social, que engloba as redes de relações, as normas de comportamento, os valores, a confiança, as obrigações e os canais de informação; é um recurso que ajuda a sustentar a comunidade e encorajar a colaboração entre membros dos grupos em benefício mútuo (Putnam, 1993).

5 RITOS FINAIS

O turismo no âmbito da experiência religiosa é um fenômeno complexo e multifacetado. Ao longo desta tese, que delimitou como seu campo empírico o Santuário de Santa Cruz dos Milagres, buscamos analisar as práticas devocionais dos romeiros em consonância com o planejamento do turismo religioso, a partir de uma abordagem resiliente. Verificou-se que a resiliência, como estratégia no desenvolvimento turístico, possibilita interconexões presentes nos aspectos subjetivos (vivências e experiências), nas perspectivas funcionais (associadas ao planejamento), e nas discursivas, com base em negociações coexistentes entre os atores sociais que promovem o segmento religioso.

A resiliência é um processo dinâmico (Infante, 2005), no qual as interações entre o ambiente e o indivíduo são recíprocas, moldadas e influenciadas pelos aspectos econômicos, políticos e culturais, ou seja, é um processo de adaptação contínua que exige habilidades técnicas, conhecimentos e planejamento.

No turismo, as pesquisas relacionadas à temática têm se apoiado em diversas abordagens. Este estudo ancorou-se na corrente comunitária, compreendendo-a como estratégia de planejamento e gestão turística. O estudo do turismo religioso à luz da resiliência permitiu-nos reconhecer múltiplas formas de “resiliências”, alinhadas com os interesses, situações e relações dos sujeitos, apontando para inúmeras frentes que permitem alargar e compreender a dinâmica resiliente do lugar, das práticas (devocionais e turísticas), dos atores e dos agentes envolvidos no processo.

A **resiliência do lugar sacralizado** baseia-se no conceito de lugar simbólico (Corrêa, 2012), decorrente de um complexo processo de criação, interno ou externo, no qual há várias tensões que envolvem diferentes agentes sociais criadores e usuários de significados. Estes, por sua vez, estão impregnados de sentidos, atribuídos tanto por seus membros, quanto por interesses e pessoas externas ao lugar (grifos nossos).

O lugar deriva da ação simbólica desenvolvida pelo homem por processos que indicam a organização de um espaço socializado e que representa a própria história, estabelecendo um conectivo entre o mundo e as relações simbólicas. As práticas espaciais dizem respeito aos fluxos direcionados para as formas simbólicas ligadas aos espaços fixos, que concentram múltiplas experiências dos grupos sociais, que criam e recriam significados. A espacialidade é expressa nos discursos, nos sentimentos e nas práticas sociais dos sujeitos (Fernandes & Gil-Filho, 2011; Corrêa, 2012).

Portanto, o lugar sacralizado de Santa Cruz dos Milagres abrange valores sagrados imbuídos de investimentos imateriais, materiais e significativos para a comunidade religiosa, capazes de promover a resiliência do lugar, mesmo diante de crises, e da capacidade de adaptação que afeta as práticas socioespaciais. As ações coletivas se sobrepõem às práticas individuais e são revestidas pelo sentimento de pertencimento dos romeiros que, ao compartilharem suas experiências, redefinem o sentido do lugar.

No Santuário, as relações entre o lugar e a construção da memória coletiva reforçam a experiência. Esta é representada por uma **memória afetiva**, principalmente para os romeiros que acompanharam e vivenciaram processos históricos, como a construção de acessos, edificação do novo templo, eventos de constituição e consolidação do lugar; as suas narrativas dão abertura para reviver e selecionar as situações que compõem o imaginário coletivo. E a **memória gestual** possibilita que, na realização dos rituais coletivos e festivos, haja uma polivocalidade de sentidos, que permitem ver, ouvir e sentir o lugar (grifos nossos).

A **resiliência das práticas devocionais** consiste na vivência devocional dos sujeitos modelam o espaço sacralizado e tornam-se referências simbólicas para a comunidade religiosa. As práticas dos romeiros no Santuário de Santa Cruz dos Milagres estão associadas diretamente ao pagamento de promessas, rezas, cânticos, rituais (Ilustração 38), indumentárias e objetos (ex-votos). Esses ritos compõem a experiência sensorial e emocional, e, ao configurar o espaço, ela resulta em práticas resilientes, pela capacidade de resistir, absorver e acomodar diversas situações. Nesse sentido, as práticas devocionais são consideradas resilientes pelo caráter dinâmico, que requer uma capacidade adaptativa frente às contínuas mudanças, inovações e influências externas que possibilitam uma flexibilidade (ressignificação) das antigas formas ritualísticas (grifos nossos).

É pertinente destacar que a materialização dos sentidos e a atribuição de significado ao lugar pelos romeiros atuam simultaneamente na construção da experiência devocional, e que a participação em rituais coletivos concretiza a *práxis* religiosa. Mesmo antes da crise ocasionada pela pandemia, o uso das tecnologias já era uma realidade presente em eventos e rituais religiosos, no entanto, o turismo religioso e a peregrinação são experiências sensoriais corporificadas que necessitam do contato direto com objetos, símbolos sagrados e com o lugar. Deste modo, estar no lugar sacralizado é aproximar-se

do divino, exercitar a fé, materializada na romaria, na festa, na feira, no tocar, ver e sentir a força que emana dos símbolos impregnados de afetividade.

Ilustração 43. Romeira durante o Exercício da Invenção - 2023.



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Com relação à **resiliência na atividade turística**, deve-se compreender que esta é modelada por práticas institucionais impostas pela Igreja Católica e negociadas com ações turísticas voltadas para promover o segmento religioso. Dialogando como as estratégias de desenvolvimento do turismo, este estudo pautou-se na abordagem social e comunitária, em que a capacidade de adaptação deve existir dentro da comunidade,

fundamentada no planejamento participativo e inclusivo, acessível aos atores locais (grifos nossos).

Conforme Radzanowski e Uğur (2020), um dos fatores da resiliência no turismo consiste na existência de sistemas de planejamentos mais flexíveis e integrados que viabilizem o acesso econômico, socioespacial e institucional aos mercados turísticos, visando maximizar os benefícios positivos do turismo para os residentes, pois o acesso à economia do turismo precisa ser disponibilizado para a maior proporção possível da população local.

Em Santa Cruz dos Milagres, o maior fluxo turístico concentra-se durante a realização de festividades religiosas. O turismo religioso sazonal e concentrado não propicia uma integração da comunidade em ações de planejamento turístico, dificultando o acesso aos recursos econômicos de maneira mais efetiva e coletiva. Uma estratégia resiliente seria a participação social em processos de roteirização turística, diversificação da oferta turística e integração dos atores sociais e agentes.

O turismo religioso é considerado multimotivacional e, embora possua motivações centrais, ele incorpora outras modalidades turísticas. Considerando o “novo normal”, após a crise pandêmica, as pesquisas (Olsen & Timothy, 2020) demonstram que as viagens em escalas regionais e locais, dentro de padrões de sustentabilidade, e as viagens religiosas de curta duração são apontadas como estratégias resilientes que devem ser promovidas nesse cenário.

A conexão com o lugar sacralizado, a realização dos rituais coletivos e a vivência comunitária, promovida pelos eventos religiosos, representam uma capacidade resiliente que aciona o turismo religioso e possibilita uma reorganização do segmento diante de situações adversas. Para além dos fatores relacionais, os aspectos econômicos necessitam beneficiar o local e proporcionar a participação da população na gestão e no planejamento turístico.

De maneira concisa, podemos dizer que, no Piauí, **a devoção à Santa Cruz é resistente, o turismo intermitente e os romeiros resilientes**, pois são por meio das relações sociais – sejam elas forjadas ou impostas pela Igreja Católica, ou promovidas pelo poder público – que eles buscam, no lugar sacralizado, o encontro consigo mesmo, com o outro e com a dimensão sagrada presente nas narrativas (mitos), nos rituais, nas festividades, e nas memórias individuais e coletivas (grifos nossos).

Neste caminhar doutoral, as intempéries foram nos desafiando e exigindo também resiliência, pois, durante a pandemia, com a suspensão total dos eventos, foi necessário restringir o campo empírico. A cada pesquisa de campo realizada, o olhar sobre aquela cruz rústica, na pequena cidade piauiense, nos permitia enxergar novas nuances. No diálogo instigante com os romeiros, residentes e gestores, inúmeras questões surgiam, demonstrando que a sacralidade do lugar é redefinida na fluidez das relações, das práticas e da força imaginativa que continuam a reconstruir este turismo permeado de significados sagrados, profanos e mundanos materializados no espaço.

Como uma pesquisa que deve apontar perspectivas futuras, temos a intenção de aprofundar o conceito de resiliência turística religiosa, com foco em dimensões mensuráveis, as quais possam alinhar-se com o desenvolvimento turístico em outros destinos religiosos.

REFERÊNCIAS

- Adger, W. N. (2000). Social and ecological resilience: are they related? *Progress in Human Geography*, 24(3), 347–364.
- Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo - EMBRATUR. (2022). *Entrada de turistas estrangeiros no Brasil entre janeiro e abril é 60% maior do que todo o ano de 2021*. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://embratur.com.br/2022/05/30/entrada-de-turistas-estrangeiros-no-brasil-entre-janeiro-e-abril-e-60-maior-do-que-todo-o-ano-de-2021/>
- Alves, M. L. B.; Barros, A. G. A. L.; Santos, A. M.; Silva, S. K. M. (2022). Festas religiosas no espaço virtual: dimensões socioculturais do turismo religioso no Estado Rio Grande do Norte/RN. *Revista de Turismo Contemporâneo*, Natal, 10(1), 183-210, jan./abr.
- Alves, V. E. L. (2003). As bases históricas da formação territorial piauiense. *Revista Geosul*, Florianópolis, 18(36), 55-76.
- Beni, M. C. (2020). Turismo e Covid-19: algumas reflexões. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 12 (3 - Especial Covid19), 1-23. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i3a02>. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/58696/turismo-e-covid-19--algumas-reflexoes-i/pt-br>
- Beni, M. C.; Moesch, M. (2017). A teoria da complexidade e o ecossistema do turismo. *Turismo: Visão e Ação*, 19(3), 430-457.
- Bentzen, J. S. (2021). In crisis, we pray: Religiosity and the COVID-19 pandemic. *Journal of Economic Behavior and Organization* 192, 541–583. DOI: 10.1016/j.jebo.2021.10.014. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34744223/>
- Berger, P. L. (1985). *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas.
- Bourdieu, P. (2007). *A economia das trocas simbólicas*. (6). São Paulo: Perspectiva.
- Brandim, S. R. L. (2007). Religiosidade e Cidade: o Santuário de Santa Cruz dos Milagres-PI. *Carta CEPRO*. 24(1), 1-6. Recuperado de: http://www.cepro.pi.gov.br/download/200806/CEPRO04_45985eb810.pdf. Acesso em: 16 set. 2023.
- Brandão, T. M. P. (2015). *O escravo na formação social do Piauí: perspectiva histórica do século XVIII*. Teresina: UFPI.
- Brandão, C. R. (2010). *Prece e folia: festa e romaria*. Aparecida (SP): Ideias & Letras.
- Brandão, J. M., Mahfoud, M., & Gianordoli-Nascimento, I. F. (2011). A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 21(49), 263–271. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200014>.

- Brandão, T. M. P. (2008). O vaqueiro: símbolo de liberdade e mantenedor da ordem no sertão. In: Montenegro, A. T. et al. *História: cultura e sentimento*. Outras histórias do Brasil Cuiabá: Editora da UFMT.
- Brasil. Ministério da Economia. (2021). *Guia de Retomada Econômica do Turismo*. Recuperado de <https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/retomada-do-turismo/GuiaRetomadaEconmicadoTurismo.pdf>
- Brasil. Ministério do Turismo. (2007). *Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil: Módulo Operacional 7 Roteirização Turística*. Brasília.
- Cháves, V. B. (2020). Estimación de la vulnerabilidad de los municipios turísticos de Jalisco ante la pandemia del COVID-19 y opciones de política pública. *Dimensiones Turísticas [Número especial: Turismo y COVID-19]*, 4, 95-130. <https://doi.org/10.47557/WDDL6015>
- Chequini, M. C. M. (2007). A relevância da espiritualidade no processo de resiliência. *Psic. Rev. São Paulo*, volume 16, n.1 e n.2, 93-117,
- Chevrier, M. H. (2021). Tourisme religieux: pour en finir avec l'oxymore? Réflexion sur les pratiques articulant tourisme et fait religieux, *Via [En ligne]*, 20. doi: <https://doi.org/10.4000/viatourism.7705>. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <http://journals.openedition.org/viatourism/7705>.
- Chevrier, M. H. (2016). *Pratiques et valeurs spatiales, pèlerines et touristiques: grands et petits lieux de pèlerinage aujourd'hui*. Tese de doutorado em Geografia. Université Lumière Lyon 2.
- Chontasi, D., Chicaiza, T., Noguera, D., Naula, L., & Duarte, C. (2022). Turismo comunitario y resiliencia: entre la sinergia y la literatura científica emergente. *Revista de Ciencias Humanísticas y Sociales (ReHuSo)*, 7(3), 92-111.
- Cohen, E. (1992). Pilgrimage and tourism: Convergence and divergence. In: Morinis, A. (ed.). *Sacred journeys: The anthropology of pilgrimage*. New York: Greenwood Press. 47-61.
- Cohen, E. (1979). Rethinking the sociology of tourism. *Annals of Tourism Research*, 6(1), 18-35, jan./mar. DOI: [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(79\)90092-6](https://doi.org/10.1016/0160-7383(79)90092-6). Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0160738379900926>
- Coleman, S., & Eade, J. (2004). Reframing Pilgrimage. In: Coleman, S., & Eade, J. (org.). *Reframing pilgrimage: cultures in motion*. London: Routledge.
- Collins-Kreiner, N. (2020a). A review of research into religion and tourism Launching the Annals of Tourism Research Curated Collection on religion and tourism. *Annals of Tourism Research*, 82(1), 1-22. DOI: 10.1016/j.annals.2020.102892. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: https://econpapers.repec.org/article/eeeanture/v_3a82_3ay_3a2020_3ai_3ac_3as0160738320300360.htm
- Collins-Kreiner, N. (2020b). Pilgrimage tourism-past, present and future rejuvenation: a perspective article. *Tourism Review*, 75(1), 145-148. Acesso em: 04 jul. 2023.

Recuperado de: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/TR-04-2019-0130/full/html>

- Collins-Kreiner, N. (2010). Researching pilgrimage: Continuity and transformations. *Annals of Tourism Research*, 37(2), 440–456.
- Collins-Kreiner, N., & Kliot, N. (2000). Pilgrimage tourism in the holy land: The behavioural characteristics of Christian pilgrims. *GeoJournal*, 50(1), 55-67. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://www.jstor.org/stable/41147449>
- Collins-Kreiner, N., & Wall, G. (2015a). Tourism and Religion: Spiritual Journeys and Their Consequences. In: *The Changing World Religion Map: Sacred Places, Identities, Practices and Politics* Publisher: New York: Springer. Editors: Ed.: S. Brunn.
- Collins-Kreiner, N., & Wall, G. (2015b). Tourism and Religion: Spiritual Journeys and Their Consequences. In: Brunn, S. (ed.). *The Changing World Religion Map: Sacred Places, Identities, Practices and Politics* Publisher: New York: Springer Editors.
- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. (2009). *Pastoral do turismo: Desafios e Perspectivas*. Brasília: Edições CNBB.
- Corrêa, R. L. (2012). Espaço e simbolismo. In: Castro, I. E., Gomes, P. C. C., & Correa, R. L. *Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 133-153.
- Cosgrove, D. (2012). Mundo dos significados: geografia cultural e imaginação. In: Corrêa, R. L., & Rosendahl, Z. (org.). *Geografia cultural: uma antologia*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Costa, O. J. L. (2013). Os lugares sagrados na perspectiva da geografia da religião. *Revista GeoUECE - Programa de Pós-graduação em Geografia da UECE Fortaleza/CE*, 2(1), 18-28, jan./jul. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <http://seer.uece.br/geoece>
- Costa, S. P. (2017). *Constructos norteadores para a resiliência na gestão do turismo*. Tese (Doutorado em Turismo). Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/24677>
- Costa, S. P., & Sonaglio, K. E. (2020). Análisis del comportamiento resiliente de los gestores de turismo. *Estudios y Perspectivas en Turismo*. 29(2), 331-348. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: www.estudiosenturismo.com.ar/PDF/V29/N02/v29n2a01.pdf.
- Costa, S. P., & Sonaglio, K. E. (2017). Gestão do turismo em tempos de crises e vulnerabilidades. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 5(1), 98-117. DOI: 10.21680/2357-8211.2017v5n1ID11146. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/11146>
- Costa, S. P., Sonaglio, K. E., & Wiesinieski, L. B. (2020). A emergência da resiliência no planejamento e gestão turística. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, 6(11), 91653-91669, nov. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n11-540>

- Cunha, H. (2015). *História das Religiões no Piauí*. (2). Teresina: Academia Piauiense de Letras.
- De-Paula, F. C. (2017). Resiliência encarnada do lugar: vivência do desmonte na Linha (Brasil) e em Mourenx (França). Tese de Doutorado em Geografia. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.
- Eade, J. (2020). The Invention of Sacred Places and Rituals: A Comparative Study of Pilgrimage. *Religions*. 11, 649. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://www.mdpi.com/journal/religions>.
- Eade, J. (1992). Pilgrimage and tourism at Lourdes, France. *Annals of Tourism Research*, 19(1), 18-32.
- Eade, J. (1991). Order and power at Lourdes: lay helpers and the organization of a pilgrimage shrine. In: Eade, J., & Sallnow, E. (org.). *Contesting the Sacred: the Antropology of cristian piligrinage*. London and New York, Routledge.
- Eade, J., & Sallnow, E. (1991). *Contesting the Sacred: the Antropology of cristian piligrinage*. London and New York, Routledge.
- Eliade, M. (1992). *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: WWF Martins Fontes.
- Felli, R. (2014). Adaptation etresilience: crithique de la nouvelle éthique de la politique environnementale internationale. *Ethique publique* [en ligne], 16(1), 1-16. DOI: <https://doi.org/10.4000/ethiquepublique.1371>. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://journals.openedition.org/ethiquepublique/1371>
- Ferreira, F. V. F; Silva, H. V. M., Aquino, C. M. S.; & Aquino, R. P. (2022). Geodiversidade e locais de interesse geológico e geomorfológico do município de São Miguel do Tapuio, Piauí, Brasil. *Boletim de Geografia*, 40, 133-152, e62372, 25 ago.
- Fernandes, D., & Gil-Filho, S. F. (2011). Geografia em Cassirer: Perspectivas para a geografia da religião. *GeoTextos*, 7(2), 211-228, dez. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/viewFile/5283/4092>
- Fratucci, A. C. (2008). A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/17239>
- Gil-Filho, S. F. (2012). Espacialidades de conformação simbólica em geografia da religião: um ensaio epistemológico. *Espaço e cultura*. Rio de Janeiro: UERJ. 32, 78-90. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6977/4915>
- Gil-Filho, S. F. (2008). *Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião*. Curitiba: Ibplex.
- Gil-Filho, S. F. (2001). Por uma geografia do sagrado. *RAEGA - O Espaço Geográfico em Análise*, 5(1), 67-78.

- Giumbelli, E. (2018) Religious Tourism: Analytical Routes through Multiple Meanings Religious Tourism. *Religion and society: advances in research*, 9(1), 24-38. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://www.berghahnjournals.com/view/journals/religion-and-society/religion-and-society-overview.xml>
- Graburn, N. (1983). The antropoly of tourism. *Annals of Tourism Research*, 10(1), 9-33. DOI: [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(83\)90113-5](https://doi.org/10.1016/0160-7383(83)90113-5). Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0160738383901135>
- Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
- Hall, C. M. (2010) Crisis events in tourism: Subjects of crisis in tourism. *Current Issues in Tourism*, 13(5), 401–417.
- Harvey, D. (2008). O Estado neoliberal. In: *O neoliberalismo*. História e implicações. São Paulo: Edições Loyola.
- Hervieu-Léger, D. (2008). *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*, Petrópolis: Vozes.
- Infante, F. (2005). A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In: Melillo, A., & Ojeda, E. N. S. (ed.). *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. São Paulo: Artmed, 22-38.
- Kapferer, B. (1979) Introduction: ritual process and the transformation of context. *Social Analysis*, 7:3-19.
- Kolen, J. (2012). Ritual e comunidade: a experiência da peregrinação em Donegal, Irlanda. In: Oro, A. P., Steil, C. A., & Rickli, J. (org.). *Transnacionalização religiosa: fluxos e redes*. São Paulo: Terceiro Nome.
- Lima, R. S. S. (2015). Sobre presença e representação nas imagens dos santos católicos: considerações a partir de um estudo sobre a devoção à Santa Rita. Dossiê Materialidades do Sagrado. *Religião e Sociedade*, 35(1). Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/0100-85872015v35n1cap07>. Acesso em agosto de 2023.
- Luthar, S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000). The Construct of resilience: A critical evaluation and guidelines for future work, *Child Development*, 71(3), 543-558. DOI: 10.1111/1467-8624.00164. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1885202/>
- MacCannell, D. (2018). La elaboración de el turista. *Journals OpenEdition*. 1-15. DOI: <https://doi.org/10.4000/viatourism.2316>. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://journals.openedition.org/viatourism/2316?lang=pt>
- MacCannell, D. (1976). *The tourist: a new theory of the leisure class*. New York, Schocken Books.
- Melo, N., & Machado, N. (2021). Paisagem cultural e as fazendas do Piauí/Brasil - Séculos XVII-XX. *Revista Estudo & Debate*, 28(3), 148-160.
- Menezes, R. C. (2004). *A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

- Moesch, M. (2002). *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto.
- Mónico, L. S. M., Machado, J. B., & Alferes, V. R. (2018). Santuários e peregrinações religiosas: considerações em torno da dimensão ritualística da religiosidade. *Revista Horizonte*, 16(49), 194-222, jan./abr. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2018v16n49p194-222>. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/17456>
- Mosier, W., Elhadary, T., Elhaty, I. A., & Safaei, M. (2020). Crisis Management and The Impact of Pandemics on Religious Tourism. *International Journal of Religious Tourism and Pilgrimage*. 8(7), 9-22.
- Neves, C. S. B., Carvalho, I. S., Souza, W. F. L., & Filippim, M. L. (2021). Os impactos da COVID-19 nas viagens de turistas brasileiros: conjuntura e perspectivas na eclosão e na expansão da pandemia no Brasil. *Revista Turismo, Visão e Ação*. 23(1), 2-25, jan./abr. DOI: <https://doi.org/10.14210/rtva.v23n1.p2-25>. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/tva/a/Sw5gnMfkcB8H8KCYZHKjyrN/>
- Nolan, M. L., & Nolan, S. (1992). Religious sites as tourism attractions in Europe. *Annals of Tourism Research*, 19(1), 68-78. doi: 10.1016/0160-7383(92)90107-Z. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://www.cabdirect.org/cabdirect/abstract/19921894725>
- Nora, P. (1993). Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*, n. 10, São Paulo, p.07-28.
- Oliveira, C. D. M. (2021). *Basílica de Aparecida: um templo para cidade-mãe*. Santa Maria (RS): Arco Editores.
- Oliveira, C. D. M. et al. (2021) Reinventing Northeastern Religious Tourism in Brazil during the COVID-19 Pandemic. *Open Journal of Social Sciences*, 9(1), 92-117. <https://doi.org/10.4236/jss.2021.97007>
- Oliveira, C. D. M. (2020). *Geossantuários: metodologias e dinâmicas festivas*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Oliveira, C. D. M. (2007). Dinâmicas das Festas Populares: Sagradas, Profanas e Turísticas. Anais. *II Colóquio Nacional do NEER*. Espaços culturais: vivências, imaginações e representações. Salvador.
- Oliveira, C. D. M. (2005). Turismo religioso no Brasil: construindo investimento sociocultural. In: Trigo, L. G. G. *Análises regionais e globais do turismo brasileiro*. São Paulo, Roca.
- Oliveira, C. D. M. (2004). *Turismo religioso*. São Paulo: Aleph.
- Oliveira, P. A. R. (1997). Adeus à sociologia da religião popular. *Revista Religião e Sociedade*, 18(2), 43-62.
- Oliveira, P. A. R. (1985). *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Olsen, D. H., & Timothy, D. (2020). The COVID-19 Pandemic and Religious Travel: Present and Future Trends, *International Journal of Religious Tourism and*

- Pilgrimage*, 8(7). DOI: <https://doi.org/10.21427/8d5e-kn04>. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://arrow.tudublin.ie/ijrtp/vol8/iss7/17>
- Peirano, M. (2002). *O dito e o feito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; NUAP/UFRJ.
- Pereira, C. J., & Gil-Filho, S. F. (2012). Geografia da religião e espaço sagrado: diferenças entre as noções de lócus material e conformação simbólica. *Ateliê geográfico*, Goiânia (GO), 6(1), 35-50.
- Pinheiro, A. P. (1999). *As tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Dissertação de mestrado em História. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1587836>
- Pinheiro, A. P., & Moura, C. (2009). Celebrações: santos e devotos na tradição oral. In: Simpósio Nacional de História. Fortaleza. *Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética*.
- Pollak, M. (1992). Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 5(10), 200-212.
- Putnam, R. D. (1993). *Making Democracy Work: Civic Tradition and Modern Italy*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Queiroz, M. I. P. (1968). Sociologia - O Catolicismo Rústico no Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 5(1), 104-123.
- Radzanowski, S., & Uğur, L. (2020). The futile pursuit of sustainability? Exploring diversity as an approach to achieving resilient tourism destinations. *Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal*, 36, 97-107. DOI: 10.18089/DAMeJ.2020.36.6. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://www.cabdirect.org/cabdirect/abstract/20203505705>
- Raj, R., & Griffin, K. A. (2020). Reflecting on the Impact of COVID-19 on Religious Tourism and Pilgrimage, *International Journal of Religious Tourism and Pilgrimage*, 8(7), 1-8. DOI: <https://doi.org/10.21427/8f91-6z16>. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://arrow.tudublin.ie/ijrtp/vol8/iss7/2/>
- Relph, E. C. (1979). As bases fenomenológicas da Geografia. *Geografia*, 4(7): 1-25, abril.
- Ribeiro, C. O., & Abijaudi, A. Y. G. (2020). Espiritualidade em tempos de pandemia. In: Pieper, F., & Mendes, D. (org.). *Religião em tempos de crise*. São Bernardo do Campo, São Paulo: Ambigrama.
- Rinschede, G. (1992). Forms of religious tourism. *Annals of Tourism Research*, 19(1), 51-67. DOI: [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(92\)90106-Y](https://doi.org/10.1016/0160-7383(92)90106-Y). Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/016073839290106Y>
- Rosendahl, Z. (2018). *Uma procissão na geografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Rosendahl, Z. (2014). Tempo e temporalidade, espaço e espacialidade: a temporalização do espaço sagrado. *Espaço e cultura*. Rio de Janeiro, UERJ, 35, 9-25, jan./jun. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/download/18902/13700>

- Rosendahl, Z. (2013). Território e territorialidade: uma proposta geográfica para o estudo da religião. In: Corrêa, R. L., & Rosendahl, Z. (org.). *Geografia cultural: uma antologia* (2). Rio de Janeiro, EdUERJ.
- Rosendahl, Z. (2012). *Primeira à obrigação, depois a devoção*: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Rosendahl, Z. (2008). Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: Rosendahl, Z., & Corrêa, R. L. *Espaço e cultura: pluralidade temática*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Rosendahl, Z. (1996). *Espaço e Religião*: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC.
- Rosendahl, Z. (1993). O sagrado como elemento da coesão rural. Análise de dois centros de convergência religiosa: Muquém e Santa Cruz dos Milagres. *Revista Brasileira de Geografia (RBG)*. Rio de Janeiro, 55(1/4), 207-214. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://www.rbg.ibge.gov.br/index.php/rbg/article/view/1342>
- Sanchis, P. (2006). Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso. *Ciências Sociais e Religião*, São Paulo, 8(8), 85-97. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-2650.2294>. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/csr/article/view/8669512>
- Santo, Moisés Espírito. (1988). *Origens orientais da religião popular portuguesa – Seguido de ensaio sobre toponímia antiga*. Lisboa: Assírio e Alvim e Moisés Espírito Santo.
- Santos, M. (1994). *Técnica, espaço, tempo*: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec.
- Santos, M. G. M. P. (2019). Peregrinação entre tradição e modernidade: contributos para uma classificação. *Rever*. São Paulo, 19(3). DOI: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2019vol19i3a3>. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/46926>
- Santos, M. G. M. P. (2013). Os santuários como lugares de construção do sagrado e de memória hierôfanica: esboço de uma tipologia. In: Corrêa, R. L., & Rosendahl, Z. (org.). *Geografia cultural: uma antologia* (2). Rio de Janeiro, EdUERJ. 119-132.
- Santos, M. G. M. P. (2006). *Espiritualidade, turismo e território*: estudo geográfico de Fátima. Estoril: Principia.
- Santos, M. F. J. (2020). Romarias in lives: ciberdevoções e santuários virtuais em tempo de pandemia. *Horizonte*, Belo Horizonte, 18(57), 1305-1333, set./dez.
- Sartori, A. (2022). A governança do turismo religioso na pandemia da Covid-19: o estudo de caso de Nova Trento/SC – Brasil. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 10(1), 117-139. DOI: <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2022v10n1ID2595>
- Sbardelotto, M. (2018). Da religião à reconexão: novos modos de ser e fazer religiosos em tempos de midiatização digital. *PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM*, 2(4), 71–84. DOI: <https://doi.org/10.31657/rcp.v2i4.68>

- Silva, I. L. O., & Oliveira, C. D. M. (2020). Turismo religioso e devoção nas caravanas do Santuário Metropolitano Sertanejo de Canindé, Brasil. *PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades*, 3(5), 83-96. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v3i5.25193>. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/journal/6040/604063281010/html/>
- Silva, K. C. (2019). *Nos passos do peregrino: turismo e religiosidade em Santa Cruz dos Milagres (PI)*. Dissertação de mestrado. UFRN: Natal.
- Silveira, E. J. S. (2018). Pelas franjas dos santuários: turismo, fé e religião em flashes etnográficos. *Revista Horizonte*. Belo Horizonte (MG). 16(49), 136–165, jan./abr.
- Smith, V. L. (1992). Introduction: The quest in guest. *Annals of Tourism Research*, 19(1), 1-17. DOI: [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(92\)90103-V](https://doi.org/10.1016/0160-7383(92)90103-V). Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: https://resolver.scholarsportal.info/resolve/01607383/v19i0001_s/1_i.xml
- Sonaglio, K. E. (2018). Aproximações entre o turismo e a resiliência: um caminho para a sustentabilidade. *Revista Turismo - Visão e Ação - Eletrônica*, 20(1), 80-104, jan - abr. DOI: <https://doi.org/10.14210/rtva.v20n1.p80-104>. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/12158>
- Sousa, V. V. (2008). Piauí: Apossamento, desenvolvimento e integração (1684-1877). *Anais do Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação UFG/UCG*, Goiânia, GO, 1.
- Sousa, R. O. C., & Carvalho, K. D. (2021). Cicloturismo como promotor do desenvolvimento de áreas rurais: possibilidades na região do baixo Parnaíba maranhense. *Turismo: Visão e Ação*, 23(2), 329–349. DOI: <https://doi.org/10.14210/rtva.v23n2.p329-349>.
- Stausberg, M. (2011). *Religion and tourism: crossroads, destinations and encounters*. London and New York, Routledge.
- Steil, C. A. (2009). Peregrinação e Turismo Religioso: sujeitos, objetos e perspectivas. In: Graburn, N. H. H. et al. (ed.). *Turismo e Antropologia*. Campinas/SP: Papirus, 67-95.
- Steil, C. A. (2003). Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: Abumanssur, E. S. (org.). *Turismo religioso: Ensaio Antropológico sobre religião e turismo*. Campinas: Papirus.
- Steil, C. A. (1996). *O Sertão das romarias: Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Steil, C. A. & Carneiro, S. S. (2008). Peregrinação, Turismo e Nova Era: Caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 28(1): 105-124.
- Tavares, J. (2001). A resiliência na sociedade emergente. In: Tavares, J. (org.) *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez, 43-75.
- Timothy, D. J., & Olsen, D. H. (ed.). (2006). *Tourism, religion and spiritual journeys*. London and New York: Routledge.

- Tito, A. L. A., & Araújo, M. V. P. (2019). Estudos sobre gestão de crises no turismo: abordagens e contextos. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 11(2), 476-491. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v11i2p476>. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/53148/estudos-sobre-gestao-de-criSES-no-turismo--abordagens-e-contextos/i/pt-br>
- Tomé, L. M. (2023). Turismo. *Caderno Setorial ETENE*. Banco do Nordeste, nº 281, abril. Recuperado de: s1dspp01.dmz.bnb:8443/s482-dspace/handle/123456789/1745. Acesso: 10 ago. 2023.
- Tuan, Y. F. (1983). *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL.
- Tuan, Y.F. (1980). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo/ Rio de Janeiro, DIFEL.
- Turner, V. W. (1987). *The Anthropology of Performance*. New York, PAJ Publications.
- Turner, V. W. (2013). *O processo ritual: estrutura e antiestrutural*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Vilhena, M. A. (2003). O peregrinar: caminhada para a vida. In: Abumanssur, E. S. (org.). *Turismo religioso: Ensaio antropológico sobre religião e turismo*. Campinas: Papirus.
- Vukonic, B. (2006). Sacred places and tourism in the Roman Catholic tradition. In: Timothy, D. J. & Olsen, D. H., *Tourism, Religion and Spiritual Journeys*. Routledge studies in contemporary geographies of leisure, tourism, and mobility
- World Health Organization (2022). *Declaração – Atualização sobre COVID-19: Onda Omicron ameaça superar a força de trabalho da saúde*. Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://www.who.int/europe/news/item/11-01-2022-statement-update-on-covid-19-omicron-wave-threatening-to-overcome-health-workforce>
- World Tourism Organization (2021). *World Tourism Barometer*. 19(5). Acesso em: 04 jul. 2023. Recuperado de: <https://www.e-unwto.org/doi/epdf/10.18111/wtobarometerfra.2021.19.1.5>
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 8(E), 75-84.
- Yunes, M. A. M., & Szymanski, H. (2001). Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas. In J. Tavares (Org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez, 13-42
- Zaluar, A. (1983). *Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar editores.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista – Moradores de Santa Cruz dos Milagres

INSTRUMENTO DE PESQUISA (UFRN):

Resiliência romeira: a promoção do turismo religioso no geossantuário de Santa Cruz dos Milagres (Piauí)

Pesquisadora responsável: Kaíse Canuto da Silva, Ma.

Orientadora: Maria Lúcia Bastos Alves, Dra.

1. Nome completo: _____
2. Sempre morou em Santa Cruz dos Milagres?
() Sim
() Não
3. Reside em Santa Cruz dos Milagres há quanto tempo? _____
4. Idade: _____
5. Grau de escolaridade: _____
6. Atividade profissional: _____
7. Estado civil: _____
8. Você se considera devoto da Santa Cruz? Comente. _____

9. De maneira geral, você observou mudanças no comportamento dos devotos? Quais?

10. Quais os aspectos positivos relacionados à promoção de Santa Cruz dos Milagres como destino turístico? _____

11. E quais aspectos negativos? (ver pergunta anterior) _____

12. É possível identificar mudanças na prática turístico-religiosa dos devotos no cenário de pós-pandemia? Quais? _____

13. Apesar das dificuldades e crises, você observa que os devotos tendem a retornar à Santa Cruz dos Milagres? Comente. _____

14. Além do turismo, que outros setores e atividades necessitam ser desenvolvidos a fim de promover o desenvolvimento de Santa Cruz dos Milagres? _____

15. Você observa que os devotos têm adaptado suas práticas religiosas?

() Tempo de visitação

() Lugares visitados

() Rituais praticados

() Consumo

() Atividades de lazer

() Outro: _____

16. Comente, por favor, a sua resposta para a questão anterior (a 15). _____

17. Como você tem observado a capacidade de reorganiza o e adapta o das práticas devocionais? _____

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista – Visitantes de Santa Cruz dos Milagres

INSTRUMENTO DE PESQUISA (UFRN):

Resiliência romeira: a promoção do turismo religioso no geossantuário de Santa Cruz dos Milagres (Piauí)

Pesquisadora responsável: Kaíse Canuto da Silva, Ma.

Orientadora: Maria Lúcia Bastos Alves, Dra.

1. Nome completo: _____
2. Cidade/Estado de origem: _____
3. Idade: _____
4. Grau de escolaridade: _____
5. Atividade profissional: _____
6. Estado civil: _____
7. Você se considera devoto da Santa Cruz? Comente. _____

8. Quem lhe iniciou na devoção? _____
9. Santa Cruz representa algum lugar de suas memórias? Comente. _____

10. Como você descreve sua experiência ao visitar Santa Cruz dos Milagres? _____

11. Quais rituais você pratica durante sua visita? _____

12. Quais as principais mudanças você observa em Santa Cruz dos Milagres desde sua última visita? _____

13. Você reconhece Santa Cruz dos Milagres como uma cidade turística? Por quê? _____

14. Quais melhorias ainda são necessárias para contribuir com o turismo em Santa Cruz dos Milagres? _____

15. O que a cruz, símbolo de devoção, representa para você? _____

16. Você precisou modificar suas práticas religiosas após a pandemia? O que mudou?

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista – Representantes do Poder Público de Santa Cruz dos Milagres

INSTRUMENTO DE PESQUISA (UFRN):

Resiliência romeira: a promoção do turismo religioso no geossantuário de Santa Cruz dos Milagres (Piauí)

Pesquisadora responsável: Kaíse Canuto da Silva, Ma.

Orientadora: Maria Lúcia Bastos Alves, Dra.

1. Nome completo: _____
2. Sempre morou em Santa Cruz dos Milagres? _____
() Sim
() Não
3. Reside em Santa Cruz dos Milagres há quanto tempo? _____
4. Idade: _____
5. Grau de escolaridade: _____
6. Atividade profissional: _____
7. Responsabilidades administrativas: _____
8. Quais os planos de ações turísticas estão sendo executados neste processo de retomada no pós-pandemia? _____

9. Quais estratégias estão sendo desenvolvidas em parceria com o Poder Público Estadual (Secretaria Estadual de Turismo) e Federal (Ministério do Turismo)? _____

10. Existem projetos de inventário da oferta e demanda turística? Se existem, quais são? _____

11. Existem projetos de tombamento patrimonial em Santa Cruz dos Milagres? Se existem, quais são? _____

12. Existem propostas articuladas com outros segmentos turísticos (ecoturismo, turismo social, etc.)? Se existem, quais são? _____

13. Existem ações de promoção e integração da comunidade local na promoção do turismo religioso em Santa Cruz dos Milagres? Se existem, quais são? _____

14. Como observa a resiliência das práticas devocionais dos romeiros? _____
